

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 482 | Ano XVI
04/04/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Hegel

Lógica e Metafísica

Jean-François Kervégan: *Para além dos significados comuns, o logos sobre o ser*

Eduardo Luft: *A inspiração de Hegel em Platão: a construção de uma teoria da razão dialética*

Thadeu Weber: *Liberdade como autodeterminação em Hegel*

IHU/Adital:
Salto de qualidade.
Nota e Entrevista
com Ermanno Allegri

Fabio Mascaro Querido:
O Marxismo oxigenado
e a manutenção de sua
radicalidade emancipatória

André Furtado:
O desafio do
desenvolvimento
redistributivo

Hegel. Lógica e Metafísica

A atualidade do pensamento de **Georg Friedrich Hegel** é, novamente, tema da revista **IHU On-Line**. Desta vez, a inspiração veio do VIII Congresso Internacional da Sociedade Hegel Brasileira, intitulado *Lógica e Metafísica em Hegel*, realizado de 28 a 30 de outubro de 2015 na Unisinos. Pesquisadores e pesquisadoras, especialistas no estudo da obra do filósofo alemão, debatem o tema.

O Prof. Dr. **Diogo Falcão Ferrer**, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, entende que Hegel realiza as possibilidades últimas da metafísica e a transforma em algo novo. A partir de sua filosofia, pode-se falar, portanto, de uma consumação da metafísica e a iniciação da pós-metafísica.

O saber que se revela na travessia em direção ao outro é a percepção apontada pelo Prof. Dr. **Inácio Helfer**, do PPG em Filosofia da Unisinos. Em seu ponto de vista, encontrar o saber, segundo Hegel, requer procurá-lo na diversidade.

O Prof. Dr. **Paulo Konzen** (Universidade Federal de Rondônia - UNIR) aprofunda o pensamento sobre conceitos-chave na filosofia de Hegel, como de *Lüge* (mentira), *Täuschung* (ilusão ou engano) e *Betrug* (fraude ou impostura). Longe de um olhar ligeiro sobre a questão da verdade, Hegel busca questões mais de fundo e os jogos de poder que estão implicados nas práticas discursivas e critica os “despotas opressores”.

A inspiração de Hegel em Platão e a construção de uma teoria da razão dialética é a temática abordada pelo Prof. Dr. **Eduardo Luft** (PUCRS). Para ele, a necessidade de beber da fonte das contribuições platônicas deriva dos impasses do próprio pensamento hegeliano.

Segundo **José Pinheiro Pertille** (UFRGS), para Hegel o desenvolvimento da consciência filosófica está ligado ao ato de refletir dinamicamente. Trata-se de “pensar o pensar”, colocando o discurso em movimento no trato das coisas do mundo.

A metafísica hegeliana se mostra ainda potente na política ocidental, podendo ser vista como arma de defesa para proteger os cidadãos do capital, o operário da instrumentalização do mundo do trabalho, os povos das invasões de outros povos e assim por diante, argumenta o Prof. Dr. **Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa** (Universidade Católica de Pernambuco - Unicap).

A metafísica transmutada em lógica é o tema analisado pelo Prof. Dr. **Joãozinho Beckenkamp** (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG). Em Hegel, pensar metafísica é se despir de proposições fundamentais que orientam um pensamento sistemático, acrescenta.

“Liberdade, para Hegel, é autodeterminação”, acentua **Thadeu Weber**, professor na PUCRS. “No entanto, a autonomia dos indivíduos não se define de forma a priori. Ela se efetiva na medida em que expressamos objetivamente nossa vontade livre no exercício efetivo dos direitos e deveres”.

Manuel Moreira da Silva, da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (Unicentro/PR), em Guarapuava, sustenta que “o projeto hegeliano de unificação da Lógica e da Metafísica consiste numa ten-

tativa de refundação destas ciências no quadro teórico da assim chamada filosofia especulativa pura, isto é, da Lógica especulativa, que Hegel também designa como a verdadeira metafísica”.

Não existe acaso na Lógica hegeliana. “E o acaso real jamais ameaça a necessidade imanente do lógico e do espiritual”, frisa **Konrad Utz**, da Universidade Federal do Ceará - UFCE. E assevera: “Aquilo que é contingente na natureza e na história é justamente isso que não é determinado pela dialética”.

Jean-François Kervégan, professor de filosofia na Universidade de Paris 1 e membro do Instituto Universitário da França, na Cátedra de Filosofia da normatividade, analisa o caráter sistêmico de Hegel através de sua obra.

Também nesta edição, **Marcelo de Araujo**, docente na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, expõe e reflete sobre as previsões de **Kristian Hammond**, um dos fundadores da Narrative Science, e de **Philip Parker**, ‘autor’ de milhares de livros vendidos nas livrarias da Amazon. Segundo ele, se estas se mostrarem corretas, “algumas ideias aparentemente triviais na academia como, por exemplo, ‘autorria’ e ‘originalidade’ terão de ser redefinidas nos próximos anos”.

O professor **André Furtado**, titular do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, estará no IHU nos próximos dias e adianta o tema de sua conferência. Para ele, a retomada do desenvolvimento econômico no Brasil passa por uma industrialização ambientalmente responsável e socialmente justa.

Enfim, completam esta edição os artigos de **Gabriel Adam**, professor dos cursos de Relações Internacionais e Direito na Unisinos examinando a última cartada inesperada da Rússia, ao retirar suas tropas da Síria e de **Moisés Sbardelotto**, intitulado “@Franciscus, o papa no Instagram. Uma breve análise comunicacional”.

Nesta segunda-feira, dia 04 de abril, quando se celebra a memória da vida e morte de **Martin Luther King**, inspirados pelo seu memorável discurso “I have a dream”, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU assume o desafio proposto pela **Agência de Informação Frei Tito para a América Latina e Caribe (Adital)** que, “depois de quase dois anos de reflexão”, escolheu “o IHU para dar continuidade” ao importante serviço prestado durante os últimos quase vinte anos.

Além da nota expedida pela Adital aos seus leitores e leitoras, que pode ser lida nesta edição, também publicamos a entrevista com **Ermanno Allegri**, idealizador e criador da Adital.

Ao IHU cabe redobrar o esforço de corresponder ao sonho expressa na nota: “Acreditamos ter encontrado um caminho para garantir a continuidade de Adital e para dar, ao mesmo tempo, um salto de qualidade em nosso trabalho de comunicação”. Este é também o nosso sonho.

Desejamos a todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

[Imagem da Capa: Wikipédia]

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU
Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas
João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)
Leslie Chaves - MTB 12.415/RS
(leslies@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS
(mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do site
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Alves.

Colaboração
Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br
Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Mudanças na Adital: uma boa notícia para nossas/os leitoras/es

A **Agência de Informação Frei Tito para a América Latina e Caribe (Adital)** vai dar um passo importante para deslançar ainda mais sua informação e garantir sua continuidade.

A informação foi publicada originalmente no site da Adital em 30-03-2016.

Eis o comunicado.

A Adital nasceu em fevereiro de 2000 com a finalidade de divulgar o protagonismo dos novos atores sociais que estão transformando a América Latina e o Caribe.

Agora, em 2016, para vocês leitoras/es, temos uma novidade de peso a comunicar:

Acreditamos ter encontrado um caminho para garantir a continuidade da Adital e para dar, ao mesmo tempo, um salto de qualidade em nosso trabalho de comunicação.

A solução que encontramos foi oferecer a continuidade desta tarefa ao **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**, vinculado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, em São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul.

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



ADITAL
NOTÍCIAS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Depois de um bom tempo de discussão e consultas, vimos que não há mais como garantir a sustentabilidade da Adital dentro do atual esquema. De fato, está ficando sempre mais difícil a aprovação de projetos, e as entidades, depois de um tempo, solicitam que se procure um jeito para a autossustentação. No fim de 2016, inclusive, mais quatro projetos serão encerrados definitivamente e a tentativa de autossustentação que levamos ao longo de alguns anos só garante 10% da necessidade.

Depois de quase dois anos de reflexão, escolhemos o IHU para dar continuidade à nossa informação. Por quê?

- O **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** atua como um propagador de notícias. Os que conhecem seu site na Internet percebem como sua filosofia de informação está bem próxima da Adital. Em várias oportunidades, inclusive, publicamos entrevistas, que eles realizam. A base comum de nossa informação é valorizar os setores sociais comprometidos com a construção de democracia e cidadania.
- A **Adital** vai repassar seu farto banco de dados, formado por mais de 90.000 matérias em espanhol e português, que são objeto constante de pesquisas de leitores/as e profissionais da comunicação. Também vai repassar toda a sua mala direta, com cerca de 100.000 endereços eletrônicos cadastrados.

E saibam os leitores que o **IHU** está renovando, nos próximos meses, por completo, seu site, que responderá mais ao esquema de um portal, e deve alcançar antigos e novos leitores através das tecnologias mais modernas, para garantir uma penetração mais capilar da informação. Além do envio dos e-mails e da presença nas redes sociais da Internet, como Facebook e Twitter, a nova plataforma será responsiva, o que permitirá o acesso adequado e o compartilhamento de conteúdo via dispositivos móveis, como tablets e smartphones.

O site atual de Adital e o envio do *newsletters* continuarão até que este novo site esteja no ar. Mas, já no começo de abril de 2016, o IHU assumirá por completo o trabalho de produção das matérias da Adital. A previsão é de que até setembro, portanto, será continuada a publicação simultânea dos dois sites, cada um identificando também a logomarca um do outro [IHU e Adital] para que o leitor perceba que há colaboração e continuidade.

Isto se deve ao fato de que Adital já tinha se comprometido a realizar, nos próximos sete meses, em Fortaleza [Estado do Ceará], uma reportagem peso sobre o trabalho desenvolvido por entidades na recuperação e reinserção social de jovens que querem sair do mundo da prostituição, da droga e da marginalidade. As etapas desta reportagem serão publicadas, semanalmente, em ambos os sites.

Amigas/os leitoras/es,

Vamos continuar nosso compromisso com o tipo de informação que publicamos e pedimos que cada um de vocês continue divulgando IHU/Adital entre amigas e amigos.

Atenciosamente,

Diretoria da Adital



Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Entrevista da Semana - Ermanno Allegri IHU / Adital: Para além do noticiário: comunicação alternativa como elemento para ampla formação cidadã
- 14 Artigo da Semana - Marcelo de Araújo: Os algoritmos e os desafios às novas configurações acadêmicas
- 17 Artigo da Semana - Moisés Sbardelotto: @Franciscus, o papa no Instagram. Uma breve análise comunicacional
- 20 Cobertura de Evento - Homero Santiago: Estado, mas com política que “corra por fora”
- 22 Cobertura de Evento - Homero Santiago II: Manifestações: potência ou ameaça?
- 24 Cobertura de Evento - Moema Miranda: A devastadora submissão de Gaia ao “capitalceno”, a face mais obscura do antropoceno

Tema de Capa

- 30 Diogo Falcão Ferrer: A consumação da metafísica e a iniciação à pós-metafísica
- 37 Inácio Helder: O saber que se revela na travessia em direção ao outro
- 40 Paulo Konzen: Conhecer a verdade para reconhecer o déspota
- 45 Eduardo Luft: A inspiração de Hegel em Platão: a construção de uma teoria da razão dialética
- 51 José Pinheiro Pertille: Pensar o pensar: o discurso em movimento no trato das coisas do mundo
- 58 Danilo Vaz Curado: As instituições como escudo contra o capital
- 64 Joãozinho Beckenkamp: A metafísica revista como lógica
- 69 Thadeu Weber: Liberdade como autodeterminação em Hegel
- 73 Manuel Moreira da Silva: Da consciência de liberdade ao progresso, trilhas hegelianas
- 78 Konrad Christoph Utz: Lógica, o estado puro da realidade
- 83 Jean-François Kervégan: Para além dos significados comuns, o logos sobre o ser

IHU em Revista

- 90 Agenda de Eventos
- 92 André Furtado: O desafio do desenvolvimento redistributivo
- 96 #Crítica Internacional - Gabriel Adam: A Rússia Movimenta mais uma Peça
- 98 Publicações
- 99 Retrovisor



IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 28-03-2016 e 01-04-2016 no sítio do IHU

O que está em disputa é o conceito de democracia

Entrevista com Bruno Lima Rocha, doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Jornalismo graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Publicada em 01-04-2016

Disponível em <http://bit.ly/1VgrApN>

Na entrevista, Rocha adverte que o que “está em disputa” na crise “é o conceito de democracia”, não no mesmo sentido em que esteve nos anos 30, com “elogio ao autoritarismo”, porque “a esquerda de tradição mais autoritária não se afirma como defensora de ditadura de espécie alguma, embora sempre elogie governos mais duros desde que este projete a melhoria nas condições materiais de vida



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

“É o Congresso o câncer que está destruindo a política e impossibilitando a concertação”

Entrevista com Cândido Grzybowski, graduado em Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, Rio Grande do Sul, mestre em Educação pela PUC-Rio e doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris, e diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - Ibase

Publicada em 31-03-2016

Disponível em <http://bit.ly/1qmBjza>

Grzybowski diz na entrevista que o “câncer” que está “matando” a política brasileira é o Congresso e não o Judiciário ou a Polícia Federal. “É o Congresso quem está destruindo a política e apelando para o Judiciário a toda hora e atropelando as decisões. A tentativa de Cunha de tentar mudar a composição dos conselhos para se beneficiar, mostra bem onde estamos. É esse jogo que está sendo feito e que acaba sendo levado ao Tribunal para desempatar a disputa”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Prorrogação dos lixões: um retrocesso ambiental e social

Entrevista com Antonio Silvio Hendges, graduado em Biologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi-SC e especialista em Auditorias Ambientais pela Universidade Candido Mendes-RJ, professor de biologia e presta assessoria em educação ambiental e resíduos sólidos.

Publicada em 30-03-2016

Disponível em <http://bit.ly/21WVlqi>

Segundo Hendges, a “justificativa” de prefeitos e suas entidades representativas, a qual foi aceita pelos senadores, é a de que os prazos estipulados pela PNRS, sancionada em 2010, são “curtos à adequação, insuficiência de recursos financeiros, dificuldades para a contratação de recursos humanos e quadros técnicos/gerenciais qualificados, diferenças regionais e deficiências de infraestrutura”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Futuro econômico brasileiro: insistir no que deu errado ou mudar de rumo?

Entrevista com Pedro Paulo Zahluth Bastos, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, mestre em Ciência Política e doutor em Ciências Econômicas pela mesma universidade e professor do Instituto de Economia da Unicamp.

Publicada em 29-03-2016

Disponível em <http://bit.ly/1X3LaEK>

Na entrevista, o economista faz um balanço das políticas econômicas do governo Dilma Rousseff e afirma que o futuro econômico do país está à mercê de quem “levar a batalha pelo impeachment e, se este não ocorrer, como vai se posicionar o governo Rousseff: insistir no que deu errado em todos os aspectos, ou mudar de rumo?”



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Golpe parlamentar não pode ser confundido com impeachment

Entrevista com Luiz Moreira, graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará - UFC, mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, doutor em Direito pela UFMG e Diretor Acadêmico da Faculdade de Direito de Contagem.

Publicada em 28-03-2016

Disponível em <http://bit.ly/1TopF2e>

Na avaliação do advogado e professor de Direito Constitucional, “é clara a tentativa de se dar forma jurídica a um golpe parlamentar”. Contudo, esclarece, no presidencialismo “só se admite interrupção do mandato presidencial se houver crime de responsabilidade. Não havendo crime de responsabilidade, não há condições de falar em impeachment”. E conclui: “Se não houver conduta tipificada como crime de responsabilidade, não há impeachment, mas golpe”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 28-03-2016 e 01-04-2016, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana

É preciso uma orientação política ao novo individualismo frágil, mas criativo

Passamos do individualismo estruturado e projetual da nossa primeira modernidade ao individualismo desenraizado e frágil, mas flexível e criativo, que preenche o nosso tempo. Dar-lhe uma forma política não regressiva - capaz de expressar o seu potencial de inovação e de vitalidade - é o grande desafio que nos espera. E é um desafio de ideias, de saberes, de projetos. Para liderar a mudança, é preciso primeiro pensá-la.

A opinião é do historiador e jurista italiano Aldo Schiavone, ex-professor das universidades de Nápoles, Bari e Pisa. O artigo foi publicado no jornal *Corriere della Sera*, 30-03-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

É fácil dizer "populismo". Na tradição cultural italiana, até pouco tempo atrás, essa era uma palavra marginal, muito pouco usada. Parecia vir de outros mundos e evocava imagens vagas e desfocadas: distantes movimentos revolucionários russos, massas sul-americanas magnetizadas pelo peronismo.

Leia mais em <http://bit.ly/1qpKkrx>.

À espera de "Amoris laetitia": os nomes do amor em 140 anos de magistério católico, de Leão XIII a Francisco

Amoris laetitia: agora temos um título. Mas apenas um título, que, porém, como acontece em uma longa tradição eclesial, coincide com um "incipit". Assim inicia o documento: com a alegria do amor.

A opinião é do teólogo italiano Andrea Grillo, leigo casado, professor do Pontifício Ateneu S. Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua.

O artigo foi publicado no seu blog *Come Se Non*, 01-04-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Agora sabemos com certeza ao menos o título da próxima exortação apostólica: *Amoris laetitia*, a alegria do amor, a "letícia" do amor, mas também a fecundidade e a criatividade do amor. Rica em ressonâncias - e em promessas - é a própria palavra latina "laetitia".

Leia mais em <http://bit.ly/25GbQRP>.

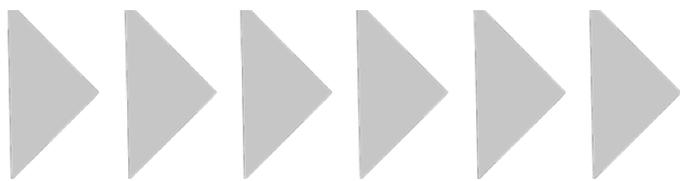
Cristãos ou não, sejam justos e serão salvos

É preciso pensar que a salvação sempre esteve disponível aos seres humanos, quer pertençam a qualquer religião ou não religião, porque está ligada ao bem e à justiça.

A opinião é do teólogo italiano Vito Mancuso, professor da Universidade de Pádua, em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, 26-03-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

"A Igreja ficou 200 anos para trás", declarou o cardeal Martini na última entrevista, mas eu acho que esse atraso eclesial é a expressão de um atraso mais preocupante do cristianismo como tal, cada vez mais incapaz de sustentar o seu anúncio fundamental. O problema é o centro da fé cristã, isto é, a salvação. Como pensá-la? Qual é a sua especificidade?

Leia mais em <http://bit.ly/1UPuAem>.



“As categorias dominantes são convites a não pensar” Entrevista com Saskia Sassen

Greves e resistência na atualidade da crise da representação

Redes sociais criam ‘bolhas políticas’ e incrementam polarização

Através de algoritmos, as redes sociais, como o Facebook, selecionam os conteúdos exibidos para o usuário, eventualmente limitando o debate e criando ‘bolhas políticas’. Baseados em inteligência artificial, os algoritmos ‘aprendem’ sobre o comportamento dos usuários, mostrando postagens, vídeos e fotos que o usuário tende a gostar. De acordo com especialistas, essa tecnologia acaba criando ‘bolhas’, já que o usuário, que tem contato somente com aqueles que concordam com sua visão, acaba ficando com a impressão de que sempre está certo.

A reportagem é de Matheus Mans e Bruno Capelas, publicada por O Estado de S. Paulo, 29-03-2016 e reproduzido por Jornal GGN, em 29-03-2016.

Antes de os brasileiros a favor e contra a nomeação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como ministro da Casa Civil invadirem as ruas nas últimas semanas, grande parte deles manifestou seus pontos de vista nas redes sociais.

Leia mais em <http://bit.ly/1SsugyC>.

Belo Monte: de todas as promessas, só uma foi cumprida

“O que o Rio Xingu está fazendo aqui?!” A pergunta, em tom de espanto, foi feita a si mesmo, na manhã da quinta-feira, 17 de março, pelo taxista altamirense Reginaldo Melo, 53 anos, ao avistar o imenso canal de derivação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, proeza da engenharia que desviou o curso das águas por 20km e reduziu em 80% a vazão do rio num trecho de 100km da calha original. “O Xingu não era aqui!”, exclamou ele ao desembarcar de seu táxi perto de uma borda do leito sem movimento e sem vida, como uma grande poça.

A reportagem é de Marceu Vieira, publicada por Amazônia, em 31-03-2016.

Não foi a primeira vez que ele viu o canal, enchido no dia 13 de janeiro, quando a usina abriu as comportas. Mas ainda se espanta. Reginaldo, com seu táxi, é um dos que conseguiram ganhar mais dinheiro com Belo Monte. No entanto, passada a euforia, com o término iminente das obras, sente-se desapontado.

Leia mais em <http://bit.ly/1TotvZo>.

Com saída do Governo, PMDB se distancia do PT, mas não da Lava Jato

Cunha, opositor declarado do Governo Dilma desde julho do ano passado, até já virou réu por conta da Lava Jato no Supremo Tribunal Federal (STF). Ele ainda é alvo de um processo de cassação no Conselho de Ética da Câmara sob a acusação de ter mentido à CPI da Petrobras sobre a existência de contas no exterior.

A reportagem é de Rodolfo Borges, publicada por El País, em 29-03-2016.

O PMDB deixou o Governo Dilma Rousseff na última terça-feira, 29-03-2016, mas o Governo Dilma deve demorar algum tempo para deixar o PMDB. Ao se descolar de uma administração desgastada política e socialmente, os peemedebistas ensaiam um discurso de futuro, preparando o terreno para as eleições de 2018. Mas seu passado em comum com o PT vai atormentar o partido por algum tempo, como indicam as investigações da Operação Lava Jato.

Leia mais em <http://bit.ly/1RRE8ob>

ENTREVISTA DA SEMANA

Para além do noticiário: comunicação alternativa como elemento para ampla formação cidadã

Ermanno Allegri defende outras fontes de informação para fazer frente a veículos de comunicação de massa

Por João Vitor Santos

“**U**ma coisa é querer fazer a cabeça oferecendo informações idiotas, outra coisa é oferecer para as pessoas o tipo de material que as faz pensar”. É assim que Ermanno Allegri, ao mesmo tempo, defende veículos de informação alternativa e critica a chamada mídia tradicional. Para o italiano, que está no Brasil há mais de 40 anos, em momentos de ebulição como o que vive o país é que se evidencia a necessidade de fazer circular a chamada informação alternativa. “A palavra alternativa quer dizer diferente e, às vezes, até em contraposição, porque, de fato, o tipo de informação que trabalhamos é completamente diferente daquilo que a mídia oficial trabalha”, destaca, ao se referir ao trabalho que vem fazendo junto à Adital - Agência de Informação Frei Tito para América Latina.

Na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, Ermanno revela que a Adital entra em um outro momento. A partir de segunda-feira, 04-04-2016, o IHU assume definitivamente a veiculação dos conteúdos da Adital. “Percebo que é uma parceria que pode garantir que a Adital não desaparecerá, porque o tipo

de informação que nós fornecemos vai ao encontro da filosofia de informação que o IHU trabalha”, destaca.

Ermanno não dissocia a ideia de informação da de formação. Para ele, só é possível ter uma compreensão ampla da realidade em que se vive quando se é alimentado por notícias que complexifiquem o debate, e não apenas defendam um lado. “Devemos nos convencer de uma coisa: esses grandes veículos da imprensa nacional e internacional não são veículos que se colocam dentro de uma crise política, eles são parte essencial da crise”, pontua. “Eu não quero fazer a cabeça de ninguém com a Adital, mas quero que as pessoas tenham em mãos não só a informação que vem dos grandes meios”, completa.

Ermanno Allegri é idealizador da Adital. Padre italiano, naturalizado brasileiro, foi coordenador nacional da Comissão Pastoral da Terra - CPT. Criou a extinta agência de notícias chamada AnotE (Agência de Notícias Esperança), que foi o embrião da Adital, com o intuito de inserir nas grandes mídias notícias sobre as atividades sociais realizadas no estado do Ceará.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como surgiu a Adital - Agência de Informação Frei Tito para América Latina? Qual seu propósito?

Ermanno Allegri - A Adital começou de uma conversa com Frei Betto¹, que conheceu um empre-

¹ **Frei Betto**: jornalista, antropólogo, filósofo e teólogo, além de frade dominicano e

escritor. Integrou, por cinco anos (1991-96), o conselho da Fundação Suéca de Direitos Humanos. Na Itália, foi a primeira personalidade brasileira a receber o prêmio Paolo E. Borsellino por seu trabalho em prol dos direitos humanos. No mesmo ano, foi agraciado com a Medalha Chico Mendes de Resistência, concedida pelo Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro. É membro do Institute for Critical Research (Amsterdã) e diretor da revista latino-americana *America Libre*. Colabora com vários jornais e revistas do Brasil e do exterior. Escreveu mais de 40 livros, den-

sário italiano que se ofereceu para financiar a Adital por algum tempo. Iniciamos os trabalhos no ano 2000, no mesmo período do

tre os quais o mais conhecido é *Batismo de sangue*. A IHU On-Line publicou na edição 165, de 21-11-2005, trechos de uma biografia de Charles de Foucauld, escrita por Frei Betto, disponível para download em <http://bit.ly/P7ljyi>. (Nota da IHU On-Line)



Uma coisa é querer fazer a cabeça oferecendo informações idiotas, outra coisa é oferecer para as pessoas o tipo de material que as faz pensar

Fórum Social Mundial. Tivemos que partir praticamente do zero, buscando as fontes e também o destino para a informação que produzimos. Iniciamos articulações com as pessoas que poderiam contribuir de um jeito ou de outro com a Adital, e ali foi andando. Hoje, chegamos a mais de 100 mil endereços de pessoas que recebem nosso material. Contamos ainda com alguns milhares de pessoas como fontes que nos enviam notícias e artigos. São textos escritos por pessoas de certo destaque em seus países.

Podemos dizer que esse espírito da Adital já existia numa iniciativa pequena, que era uma agência de notícias local. Foi assim que Frei Betto veio com a proposta dessa agência para América Latina.

O propósito

A finalidade da Adital era fornecer informação à América Latina e ao mundo sobre aquilo que se está construindo em setores sociais na América Latina. Por setores sociais entendemos todas as organizações desde partidos de esquerda até pequenas comunidades locais. O objetivo era o de ajudar o mundo a conhecer este trabalho contínuo, de formiga.

A finalidade era exatamente esta: fazer com que nós, na América Latina, em primeiro lugar, e depois o mundo conhecesse todo o trabalho que estava acontecendo. Trabalho que, muitas vezes, estava escondido, mas que visava construir cidadania e democracia na América Latina, para sair daqueles

500 anos de dependência que nós conhecemos muito bem.

IHU On-Line - Como se dá a parceria entre Adital e o Instituto Humanitas Unisinos - IHU?

Ermanno Allegri - Houve um período em que tínhamos algum apoio de entidades que financiavam e de pessoas que tinham simpatia com o trabalho da Adital. Só que as entidades financiadoras, depois de um tempo, pedem que os grupos se articulem para se tornarem autônomos. E em uma agência de notícias da América Latina isso é bem complicado. Por isso, já há uns seis ou sete anos, trabalhamos num projeto que pudesse garantir a continuidade para o trabalho da Adital.

Dentro desse leque de possibilidades que estávamos analisando, apareceu o nome do IHU. Em primeiro lugar, porque conhecíamos o tipo de informação que circula pelo Instituto e, depois, por conta da proximidade que tínhamos com algumas pessoas da instituição. Assim, a ideia da aproximação foi se estruturando até chegarmos à concretização da parceria. Percebo que é uma parceria que pode garantir que a Adital não desaparecerá, porque o tipo de informação que nós fornecemos vai ao encontro da filosofia de informação que o IHU trabalha. Então, esse é o motivo principal da parceria: confiança no tipo de informação e na competência que o IHU demonstra.

IHU On-Line - Como o senhor entende o conceito de mídia al-

ternativa? Como o trabalho da Adital se insere nesse contexto?

Ermanno Allegri - Essa ideia de mídia/informação alternativa surgiu há vários anos. A palavra alternativa quer dizer diferente e, às vezes, até em contraposição, porque, de fato, o tipo de informação que trabalhamos é completamente diferente daquilo que a mídia oficial trabalha. Por quê? Porque as nossas fontes vêm daquelas atividades, grupos e movimentos que estão preocupados com uma construção de democracia e participação. São movimentos que também têm a finalidade de demonstrar aquilo que entende que deve ser o trabalho de qualquer governo, em qualquer país. É olhar para as camadas que atualmente estão ainda na miséria, na pobreza, que precisam de desenvolvimento em educação e formação.

Assim, alternativa para nós quer dizer conteúdos diferentes, conteúdos de fato ligados aos interesses populares. Isso também inclui o trabalho de Igreja, por exemplo. Eu me refiro ao trabalho dos teólogos da libertação, das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, toda essa reflexão que vem de Igrejas que estão mais inseridas nas lutas populares. Percebíamos que todas essas atividades eram de fato um diferencial. Assim, passamos a contar com fontes que viviam e que sofriam a realidade, que muitas vezes eram perseguidos, e que não estavam nos veículos tradicionais. Dessa forma, o trabalho da Adital foi sustentado por esta ideia e, ao mesmo tempo, sustentou esse tipo de informação.

IHU On-Line - Quais os desafios para se manter enquanto mídia alternativa? Como garantir recursos financeiros para o funcionamento de veículos de comunicação alternativa? E como assegurar que a forma de financiamento não interfira na orientação editorial, permitindo a manifestação independente?

Ermanno Allegri - Do ponto de vista editorial, sinceramente, nunca tivemos dificuldades no sentido

de alguém falar que determinada matéria deve ou não ser publicada. Acredito que seja porque as entidades que financiaram a Adital até hoje, entidades da Europa, Estados Unidos, Brasil, já têm por praxe o apoio aos movimentos sociais que também são alternativos. Somos encorajados também por nossos leitores, pois eles contribuíam financeiramente para mantermos esse tipo de produção.

Porém, é claro que o financiamento para nós se tornou algo complicado, como referi antes. Até porque na internet é difícil convencer as pessoas a financiar completamente um tipo de produção como da Adital. Chegamos a fazer várias campanhas de financiamento para a autossustentação, mas nunca passamos de 20% daquilo que de fato precisávamos para manter a Adital - uma estrutura mínima com três ou quatro jornalistas, com custos de 500 mil Reais por ano. Além disso, ultimamente têm surgido muitos sites como o da Adital. Antigamente, esses espaços não existiam.

Apesar disso, os nossos acessos aumentam continuamente, em um universo de cerca de 100 mil endereços que recebem a Adital em casa [via Newsletter], embora esse número nem sempre corresponda a compromisso financeiro.

IHU On-Line - Qual é o papel da imprensa alternativa no atual contexto político do Brasil?

Ermanno Allegri - Há uma articulação grande e ampla de sites que nós chamamos de alternativos, porque nós queremos fornecer a informação verdadeira. Acompanhando a imprensa "oficial", sentimos nojo, ficamos enjoados com certo tipo de informação que não tem nada de verdadeiro e é pior ainda em termos de jornalismo. Diante disso, podemos reparar que o sucesso da informação dos meios alternativos está crescendo muito. Outro dia, um blogueiro dizia: no dia da passeata dos "coxinhas" de São Paulo, havia mais leitores no meu site do que gente na Paulista.

Busca de novas vozes

Tenho uma folha em que listei uns 12 sites e blogs alternativos. Certo dia, estava em uma escola da periferia onde me chamaram para fazer uma análise de conjuntura. Levei essa folha e lá eu falei aos jovens: se vocês querem se informar da situação, escutem outras vozes. Não vejam só a televisão, a imprensa tradicional. Assim, forneço essa possibilidade de ter uma imprensa e uma informação alternativa. Acredito que isso é essencial, porque senão ficamos ligados a uma série de mentiras que querem fazer a nossa cabeça.

Uma coisa é querer fazer a cabeça oferecendo informações idiotas, outra coisa é oferecer para as pessoas o tipo de material que as faz pensar. Eu não quero fazer a cabeça de ninguém com a Adital, mas quero que as pessoas tenham em mãos não só a informação que vem dos grandes meios. É preciso ter outros elementos para que se possam criar as próprias ideias e pensamentos e, a partir disso, tomar decisões que sejam amadurecidas em uma base ampla de informação, e não em uma base única de informação.

IHU On-Line - Como avalia o papel que vem sendo desempenhado pelos grandes veículos da imprensa nacional na cobertura da atual crise política do Brasil?

Ermanno Allegri - Devemos nos convencer de uma coisa: esses grandes veículos da imprensa nacional e internacional não são veículos que se colocam dentro de uma crise política, eles são parte essencial da crise. A Globo é testa de ferro de todo esse trabalho, faz parte do comitê do golpe. Eles participam e discutem formas de enganar e noticiar para que a ação deles - que eles sabem mais do que nós que é ilegal, inconstitucional - seja encoberta, apareça como algo natural e normal. Assim, seu objetivo é que as pessoas tenham uma adesão a esse tipo de ação. Desse modo, os meios de comunicação hoje são tão respon-

sáveis por fomentar o golpe quanto os militares de 1964.

IHU On-Line - Quais os riscos que se corre quando a imprensa, enquanto instrumento social de comunicação, torna-se refém de um sistema capitalista financeiro?

Ermanno Allegri - Em primeiro lugar, há meios de comunicação que são concessões do Estado. Eu acredito que o Estado - no caso do Brasil - deve cortar essas concessões e o financiamento de propaganda, isso em nome da democracia. É claro que, se eles lerem isso que defendo, dirão que se trata de censura. Mas a maior censura é aquela que esses meios "oficiais" de comunicação estão exercendo hoje, quando eles cortam toda uma série de informações - eu diria que 80% das informações que eles teriam obrigação de colocar para o público são omitidas.

Informação como mercadoria

Esses veículos de comunicação tradicionais dependem de financiamento, que entra por meio da venda de espaços publicitários. É assim que o capital financeiro e seus interesses entram nos meios de comunicação. Por exemplo, eles não podem falar mal das empreiteiras que expulsam famílias na periferia ou em um bairro central para poderem construir uma série de apartamentos, porque, se colocarem uma notícia dessas no ar, as imobiliárias podem dizer: "não coloco mais em seu jornal a propaganda de empreendimentos imobiliários". Então, é lógico e claro que eles abafam um tipo de informação porque vende outro tipo de informação. Hoje, mais do que nunca, isso parece claro. E é algo que não ocorre só no Brasil, mas em nível internacional.

IHU On-Line - Em que medida a lógica do jornalismo dos veículos de comunicação de massa, aquela que busca a grande manchete e o grande espetáculo, influencia na formação das pessoas? Como

assegurar que a mídia alternativa não caia apenas nessa lógica?

Ermanno Allegri - Isso faz parte do esquema, por exemplo, no Brasil, de um golpe que está sendo construído. Então, esse tipo de informação [que busca manchete, o espetáculo] é necessário para os golpistas porque de outro jeito eles não teriam como fazer a cabeça das pessoas. O que interessa, de fato, nesse tipo de informação é ridicularizar, mentir e mostrar algumas pessoas, como Lula e Dilma, por exemplo, como desprezíveis. Assim, pessoas que sempre tiveram uma postura pessoal ética de repente aparecem como vilão da história, aquele que no final das contas enganou os outros.

Apenas olhando as manchetes de alguns jornais é possível perceber que são manchetes em um sentido único, mão única. Nunca as manchetes, por exemplo, da Folha de São Paulo, trazem qualquer coisa que possa parecer positiva ou que possa sustentar o contragolpe ou a honestidade. A presidente Dilma, por exemplo, nunca foi acusada formalmente de corrupção. Mas o clima que se cria ao redor da pessoa é absolutamente falso e tem a finalidade de derrubar um governo e uma pessoa. É assim que se tem diariamente um bombardeio de revistas, diários e televisão com informação de mão única. Logo, se alguém lê essas coisas tem a impressão de que só há essa informação. Eu também, às vezes, dou uma olhada nessas manchetes, mas é claro que tem que ter um filtro. E um filtro bom.

IHU On-Line - Qual o papel da mídia alternativa frente aos veículos de comunicação de massa? Qual a sugestão para que possamos acompanhar as notícias destes veículos, mas para uma formação cidadã?

Ermanno Allegri - Eu falo de filtro, e filtro quer dizer o quê? As pessoas devem ter a capacidade crítica de perceber o que é informação séria e real e o que é uma informação construída. Se olharmos nos últimos meses a capa de certa revista, nos revoltamos. As bancas de jornal estão cheias dessas capas e desses títulos. É preciso buscar uma base diferente de informação para que se tenha a capacidade crítica para ler o jornal e ver um noticiário.

Eu sempre digo que a pior mentira é a meia verdade. E quando você coloca essa meia verdade fingindo, inclusive, isenção, objetividade, você sonega um tipo de informação para a pessoa entender o que está de verdadeiro naquele acontecimento. Falta uma informação completa e isso colabora para construção de uma sociedade que se sustenta e toma decisões em cima de mentiras e inverdades.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Ermanno Allegri - Eu acho que um dos grandes erros dos governos anteriores - Lula e Dilma - foi ter se descuidado da questão da comunicação. Um dever absoluto nosso é construir meios alternativos de comunicação. Aqui no Ceará, temos três perspectivas: uma, vinda

de uma revista semanal, que está quase pronta, já está sendo editada em várias capitais; a segunda, de um programa de rádio do Movimento pela Democracia Participativa, um programa de uma hora diária, que faz duas ou três semanas que está no ar; e um programa de televisão de meia hora.

Nós devemos construir esses meios alternativos e nos articular com esses outros meios alternativos, afinal temos um monte de boletins de programas de rádio. Um esforço que estamos tentando fazer aqui no Ceará é exatamente articular esses meios ao redor de alguns programas, revistas e sites que possam se tornar uma referência segura de informação, inclusive para, em alguns momentos, ter um tipo de informação mais unificada. Não é que isso desvirtue os vários meios de comunicação. Não, cada um teu seu rosto, a sua capacidade de comunicar, o seu esquema. Mas devemos ter em alguns momentos a "tropa de choque" alternativa também da comunicação, no sentido de ajudar a pessoa a formar a informação e, ao mesmo tempo, a formação, para produzir um esquema mental.

Uma vez que percebemos que o que está em jogo é a democracia, a América Latina, a liberdade do mundo e do capital, podemos também perceber o grande engano que está por baixo dos grandes meios de comunicação. E, do outro lado, acreditamos que nós podemos, se nos articularmos com inteligência, competência e profissionalismo, ter uma força até maior que os outros. ■

LEIA MAIS...

- *O fermento da potência social*. Entrevista com Ermanno Allegri, publicada Revista IHU On-Line, nº 479, de 21-12-2015, disponível em <http://bit.ly/1ZQ5mpj>.
- *A mídia alternativa*. Entrevista com Ermanno Allegri, publicada nas *Notícias do Dia*, de 26-11-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1Rte6VR>.
- *Por uma mídia livre, mas de qualidade*. Entrevista com Ermanno Allegri, publicada nas *Notícias do Dia* de 27-06-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1RteiV7>.

ARTIGO DA SEMANA

Os algoritmos e os desafios às novas configurações acadêmicas

Por Marcelo de Araujo

“**A** questão que temos de nos colocar agora é se as novas ‘máquinas de escrever’ poderiam também ser utilizadas um dia para gerar trabalhos acadêmicos como monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado. O objetivo deste artigo é chamar a atenção para a emergência de tecnologias para a geração automática de textos e para o impacto que isso pode ter na vida acadêmica”, propõe Marcelo de Araujo, em artigo enviado à IHU On-Line. O título original do autor é *Algoritmos já escrevem milhares de artigos em jornais e livros vendidos na livraria Amazon. O próximo passo é a geração de trabalhos acadêmicos. Mas isso contaria como plágio?*.

Marcelo de Araujo é graduado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e doutor em Filosofia pela Universität Konstanz, na Alemanha. Atualmente é professor associado de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e professor adjunto de Filosofia do Direito da UFRJ.

Eis o artigo.

Faz pouco mais de duas décadas que os computadores substituíram as velhas máquinas de escrever. Mas agora novas “máquinas de escrever” estão voltando, e o mais assustador é que elas nos poupam até mesmo do trabalho de escrever. Sofisticados programas de computador já vêm sendo utilizados para gerar milhares de notícias que são publicadas diariamente na imprensa americana. Mas os leitores nem percebem que por trás desses artigos não há uma pessoa de verdade, mas um “jornalista robô”.¹ O jornal *The New York Times*, por exemplo, possui uma página na internet na qual desafia os leitores a descobrirem se os textos ali publicados foram escritos por uma máquina ou por um ser humano.² E não é só na imprensa que a produção de textos vem sendo delegada à inteligência artificial. Milhares de livros vendidos na livraria Amazon, e disponíveis também em algumas livrarias no Brasil, foram gerados por algoritmos. Já surgiram, inclusive, concursos literários em que o prêmio se dirige ao “autor”

do algoritmo capaz de gerar a melhor história.³ Em março de 2016 os organizadores do terceiro Prêmio Nikkei Hoshi Shinichi de Literatura, no Japão, anunciaram que entre os 1.450 romances inscritos, onze haviam sido escritos em “coautoria” com algoritmos. Um desses romances chegou às finais.⁴

A questão que temos de nos colocar agora é se as novas “máquinas de escrever” poderiam também ser utilizadas um dia para gerar trabalhos acadêmicos como monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado. O objetivo deste artigo é chamar a atenção para a emergência de tecnologias para a geração automática de textos e para o impacto que isso pode ter na vida acadêmica.

Narrative Science, Automated Insights e Ken Schwencke

As empresas mais conhecidas até o momento, responsáveis pela criação de algoritmos para a geração

1 KAA, Hille van der; KRAHMER, Emiel. “Journalist versus news consumer: The perceived credibility of machine written news”. In 2014 Computation + Journalism Symposium, 2014, 4p., disponível em <http://goo.gl/R9eCnd> [arquivo pdf]; CLERWALL, Christer. “Enter the robot journalist” In *Journalism Practice* 8(5): 519-531, 2014 (doi: 10.1080/17512786.2014.883116). (Nota do autor)

2 NEW YORK TIMES. “Did a human or a computer write this? A shocking amount of what we’re reading is created not by humans, but by computer algorithms. Can you tell the difference? Take the quiz”. In *New York Times*, de março de 2015. Disponível em <http://goo.gl/D078LN>. (Nota do autor)

3 Ver, por exemplo, “DigLit Prize”, promovido pela Universidade de Dartmouth. Informação disponível em <http://goo.gl/w09SjP>. Ver também: Hephzibah, ANDERSON. “It sounds like a science-fiction fantasy: researchers are using artificial intelligence to produce novels and short stories. But are they any good?” In BBC, 22 de janeiro de 2015, disponível em: <http://goo.gl/OsMIRx>. (Nota do autor)

4 THE JAPAN NEWS. “AI-written novel passes literary prize screening”. In *The Japan News*, 22 de março de 2016, disponível em: <http://goo.gl/tnhIRJ>. (Nota do autor)

de textos na imprensa, são a Narrative Science e a Automated Insights. A Narrative Science criou um software chamado Quill, capaz transformar informações contidas em planilhas, gráficos, tabelas e diagramas em textos de prosa simples e descomplicada. A empresa Automated Insights desenvolveu um software semelhante chamado Wordsmith. Quando Marvin Minsky faleceu, em janeiro de 2016, Wordsmith gerou um obituário posteriormente publicado na revista *Wired*.⁵ Seria talvez difícil de imaginar uma forma mais criativa de homenagem a um dos pioneiros na área da inteligência artificial.

Kristian Hammond, um dos fundadores da Narrative Science, acredita que nos próximos anos a maior parte dos textos publicados na imprensa será gerada por algoritmos, sem a intervenção direta de seres humanos. Hammond tem a expectativa, inclusive, de que no futuro o prêmio Pulitzer de jornalismo possa ir para alguma reportagem gerada por um software.⁶ A questão, no entanto, é sabermos a quem caberá o mérito do prêmio nesse caso: ao programa que gerou a história, ou ao programador que gerou o programa? Esse é um problema que afeta a “autoria” de qualquer texto criado por um algoritmo.

Em maio de 2015, um terremoto de baixa intensidade atingiu Los Angeles, nos Estados Unidos. O primeiro jornal a publicar uma notícia online sobre o evento foi o *Los Angeles Times*, poucos minutos após o abalo. Como “autor” da postagem assina um tal de Quakebot, que é um algoritmo criado pelo programador Ken Schwencke. Mas quem seria então o verdadeiro “autor” da notícia sobre o terremoto nesse caso: Quakebot ou Ken Schwencke? A resposta para essa questão, a meu ver, é mais complexa do que parece, e tem importantes implicações para a produção e avaliação de textos acadêmicos.

O “autor” do algoritmo não pode ser exatamente o mesmo “autor” da notícia sobre o terremoto publicada no jornal. Suponhamos que Schwencke tivesse morrido durante o terremoto. E suponhamos também, além disso, que Quakebot pudesse rastrear informações online, ou dados compartilhados pelas equipes de socorro, e encontrar o nome de Schwencke na lista das vítimas fatais. Quakebot poderia então escrever um boletim sobre o terremoto e mencionar o nome de Schwencke entre os mortos. Mas Schwencke não poderia ser o “autor” de um texto que noticia a sua própria morte. O problema quanto à “autoria” de textos gerados por algoritmos é agravado se consideramos ainda a existência de uma tecnologia chamada *deep learning*, que permite a alguns algoritmos aprender com os próprios erros e se autocorrigir sem a inter-

venção de um programador.⁷ Quakebot poderia, por exemplo, detectar uma gradual diminuição no número de “curtidas” nos textos que gera e tentar identificar em seguida estratégias para reconquistar seus leitores. Um robô como Quakebot poderia, em princípio, continuar gerando textos por vários anos após a morte de Schwencke, e num estilo inteiramente diferente daquele previsto pelo seu criador original. Isso torna ainda mais problemática a suposição ingênua de que poderíamos atribuir a Schwencke a “autoria” dos textos escritos por Quakebot.

Philip Parker: como escrever mais de dez mil livros

O problema sobre a atribuição de “autoria” dos textos gerados por algoritmos afeta também os milhares de livros gerados por Philip Parker, vendidos nas livrarias da Amazon. Parker, evidentemente, não escreveu esses livros como um pesquisador escreveria. Parker criou um algoritmo que é capaz de reconstruir passo a passo todas as etapas que um pesquisador costuma seguir ao escrever um texto acadêmico. O que Parker fez, basicamente, foi transformar as instruções contidas num manual para a redação de trabalhos acadêmicos em linhas de um programa de computador. Mas como hoje em dia a maior parte das informações de que um pesquisador precisa para escrever um livro está disponível na internet, o algoritmo criado por Parker é capaz de gerar um livro sobre praticamente qualquer tema. Numa entrevista concedida em 2013, Parker afirma estar interessado agora em criar um algoritmo capaz de gerar teses de doutorado que apresentem conclusões originais:

“Uma das áreas em que estou trabalhando é sobre se podemos criar uma tese com nível de doutorado e que seja inteiramente automatizada – para pouparmos o trabalho de quatro anos de doutorado – e ao final termos ainda uma conclusão original. Se pudermos fazer isso de modo automatizado, nós aumentaríamos a velocidade da descoberta.”⁸

Essa questão foi retomada em março de 2016 num artigo sobre Parker publicado no *Business Times*. A matéria tem como título: “Subvertendo até mesmo o mundo dos acadêmicos”.⁹ Segundo Parker, cientis-

7 SANTUCCI, Vieri G. et al. “Cumulative learning through intrinsic reinforcements”. In CAGNONI, Stefano et. al. (eds.), *Evolution, Complexity and Artificial Life*. New York: Springer, 2014, p. 107-122. GIBNEY, Elizabeth. “What Google’s winning Go algorithm will do next. AlphaGo’s techniques could have broad uses, but moving beyond games is a challenge”. In *Nature*, (531): 284-285, 2016 (doi:10.1038/531284a). (Nota do autor)

8 BOSKER, Bianca. “Philip Parker’s trick for authoring over 1 million books: don’t write”. In *The Huffington Post*, 11 de fevereiro de 2013, disponível em: <http://goo.gl/Roz8kc>. (Nota do autor)

9 HOWELLS, Chris. “Disrupting even the world of academics. It is only a matter of time before algorithms start to augment a professor’s research, taking it into realms previously unimaginable in academia”. In *The Business Times*, 18 de março de 2016, disponível em: <http://goo.gl/JccjCX> e <https://goo.gl/88nYcz>. (Nota do autor)

5 ROGERS, Adam. “We asked a robot to write an obit for AI pioneer Marvin Ninsky”. In *Wired*, 26 de janeiro de 2016, disponível em: <http://goo.gl/O4f4uH>. (Nota do autor)

6 ADAMS, Tim. “And the Pulitzer goes to... a computer. Computer-generated copy is already used in sports and business reporting – will machines soon master great storytelling?” In *The Guardian*, 28 de junho de 2015, disponível em: <http://gu.com/p/4a5jq/sbl>. (Nota do autor)

tas e pesquisadores profissionais são, de fato, responsáveis pela produção de conhecimento novo. Mas uma boa parte dos textos que eles escrevem consiste na sistematização do que já foi escrito e publicado por outros pesquisadores. Em muitos programas de pós-graduação, inclusive no Brasil, a “revisão da literatura” é considerada uma parte fundamental da pesquisa. A revisão de literatura aparece também, às vezes, no início de artigos acadêmicos, e capítulos de dissertações de mestrado e teses de doutorado. A revisão da literatura constitui também uma parte fundamental de muitos “livros textos” e “obras de referência”, indispensáveis para a formação de novas gerações de pesquisadores. Mas segundo Parker esse tipo de produção acadêmica poderia ser facilmente delegada a algoritmos, pois o que está aqui em questão não é a produção de uma nova ideia, mas a sistematização do que já foi escrito e publicado pelos outros. A emergência de tecnologias para a geração automatizada de trabalhos acadêmicos, segundo Parker, permitiria aos pesquisadores se concentrar nos *hard problems*, isto é, naquelas questões que não poderiam ser analisadas e resolvidas por programas de computador.

A questão é sabermos, porém, que repercussão a difusão desse tipo de tecnologia poderia ter, por exemplo, sobre a produção acadêmica dos novos pesquisadores, que precisam defender suas dissertações de mestrado ou teses de doutorado em prazos cada vez mais curtos, e depois publicar uma enorme quantidade de *papers* para garantirem sua inserção na vida acadêmica. Algoritmos não poderiam ser usados, por exemplo, para gerar artigos e projetos de pesquisas sem que as agências de fomento ou os editores das revistas tivessem qualquer controle sobre quem são os verdadeiros “autores” dos trabalhos?

Trabalhos acadêmicos gerados por algoritmos, a meu ver, não deveriam ser classificados como plágio. A maior parte dos casos de plágio na academia diz respeito à transcrição literal de passagens de textos já publicados por outras pessoas, mas sem a devida identificação das fontes. A compilação de ideias disponíveis em outros textos, de modo geral, não é vista como uma forma de plágio. Na verdade, muitos trabalhos acadêmicos produzidos hoje em dia no Brasil são compilações de ideias já publicadas em livros e artigos. Mas como os textos usados como fonte são geralmente mencionados em notas de rodapé, e listados na bibliografia, raramente encontramos razões para desqualificar esses trabalhos acadêmicos como “plágio”. A emergência de tecnologias para a geração de textos acadêmicos, a meu ver, nos obrigará a rever o modo como escrevemos e avaliamos trabalhos acadêmicos.

Por outro lado, se deixarmos por um momento em aberto a pergunta sobre o mérito acadêmico do “autor” ou “autora” de um trabalho acadêmico gerado por um algoritmo, e consideramos o problema do ponto de vista das pessoas que são beneficiadas pela

difusão de conhecimento, que objeção poderíamos fazer à existência de livros técnicos gerados por algoritmos? Parker sustenta que existem temas sobre os quais ninguém quer escrever, ou livros que nenhuma editora estaria interessada em publicar, porque o público-alvo é muito restrito, ou de baixo poder aquisitivo. Esse público, de modo geral, é composto por pessoas que não teriam tempo ou competência para realizar uma pesquisa por conta própria com vistas à publicação do resultado.¹⁰ Mas essas pessoas podem, ainda assim, ter interesse em ler uma obra sobre um tema bastante específico e ainda pouco explorado. Pense, por exemplo, num livro de exercícios de língua estrangeira, com palavras cruzadas em inglês, para falantes de português do Brasil que estão se preparando para o TOEFL (Test of English as a Foreign Language). Talvez poucas editoras tivessem interesse em publicar e manter em catálogo um livro como esse. Mas para Parker o custo de “produção” desse livro é irrisório, e é por isso que ele já publicou esse título também: *Webster’s English to Brazilian Portuguese Crossword Puzzles: Level 1*. Custa U\$14,95 na loja da Amazon. Na livraria da Saraiva o mesmo livro sai por R\$ 44,85. Só que o leitor não é informado sobre a “autoria” do livro.¹¹

Uma obra gerada por computador poderia também ser oferecida para venda, em praticamente qualquer idioma, antes mesmo ter sido escrita. Na patente que Parker obteve para o programa consta a seguinte informação: “o título pode ser escrito (*authored*) sob demanda, em qualquer idioma desejado e com versão e conteúdo mais recentes.”¹² A vantagem para o leitor é evidente: o livro gerado no momento da compra estará em conformidade com a literatura atualizada sobre o tema em questão.

Se as previsões de Kristian Hammond e Philip Parker se mostrarem corretas, algumas ideias aparentemente triviais na academia como, por exemplo, “autoria” e “originalidade” terão de ser redefinidas nos próximos anos. Casos de plágio na academia serão um problema menor, pois para isso já existem muitas ferramentas online para detecção de fraudes. O grande problema será sabermos se estudantes e pesquisadores são, de fato, os autores dos trabalhos que publicam, ou encaminham para as agências de fomento em busca de patrocínio, ou se eles não seriam, na verdade, apenas coautores de suas próprias pesquisas. ■

10 Ver, por exemplo, palestra de Philip Parker no TED-Talk: “The computer teaches you”, disponível em: <http://goo.gl/nf8ERt>. Ver também “Can algorithms replace academics?”, entrevista com Chris Howells, 15 de fevereiro de 2016, disponível em: <http://goo.gl/WzkqoI>. (Nota do autor)

11 PARKER, Philip. *Webster’s English to Brazilian Portuguese Crossword Puzzles*. Las Vegas: Icon Group International, 2007. Disponível na loja da Amazon por U\$14,95 (<http://goo.gl/tFkbel>). Disponível também na livraria Saraiva: <http://goo.gl/mjEHvC> (acessado em 15 de fevereiro de 2016). (Nota do autor)

12 Informações técnicas sobre o algoritmo criado por Parker estão disponíveis em “United States Patent and Trademark Office”: <http://goo.gl/biVDAf>; e <http://goo.gl/Q4UYAF>. (Nota do autor)

ARTIGO DA SEMANA

@Franciscus, o papa no Instagram. Uma breve análise comunicacional

Por Moisés Sbardelotto

O dia 19 de março de 2016 entrou para a história da comunicação da Igreja Católica. Foi quando o **Papa Francisco** inaugurou a sua conta pessoal no **Instagram**, @Franciscus.

Moisés Sbardelotto é jornalista, mestre e doutorando em **Ciências das Comunicação** pela **Unisinos** e autor do livro *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet* (Ed. Santuário, 2012).

O artigo foi publicado em Notícias do Dia, atualizadas diariamente na página eletrônica do IHU, no dia 21-03-2016.

Eis o artigo.

O dia 19 de março de 2016 entrou para a história da comunicação da **Igreja Católica**. Depois das primeiras imagens filmadas de um papa, com **Leão XIII** (1896); da primeira emissão radiofônica papal com **Pio XI** (1931); do primeiro papa a falar na televisão com **Pio XII** (1949); do primeiro e-mail enviado por **João Paulo II** (1995); e do primeiro tuíte enviado por um papa com **Bento XVI** (2012), chegou a vez da primeira postagem de um papa na plataforma sociodigital de fotos **Instagram**. Foi o que aconteceu nesse sábado, quando o **Papa Francisco** inaugurou a sua conta @Franciscus.

A primeira imagem a ser postada na conta papal (veja acima) mostra o **Papa Francisco** ajoelhado, rezando, com a legenda "Rezem por mim" escrita em nove idiomas, do árabe ao latim, incluindo português. Na sua conta oficial no **Twitter**, o papa também anunciou essa nova presença com um tuíte: "Início um novo caminho, no **Instagram**, para percorrer com vocês a estrada da misericórdia e da ternura de Deus".

Até o fim deste sábado, a conta pontifícia no **Instagram** já contava com mais de 1,1 milhão de seguidores (em crescimento quase exponencial), e a sua primeira imagem já tinha sido "curtida" mais de 185 mil vezes, tendo recebido mais de 25 mil comentários, de usuários de diversos países, em diversos idiomas. Ao longo do dia, **Francisco** postou outra foto e um minivídeo, que exibe o anúncio, em primeira pessoa, de sua entrada no **Instagram** e o momento em que ele posta a sua primeira foto.

Em seu site, o **Instagram** se define como "uma maneira divertida e peculiar para compartilhar a sua vida com os amigos por meio de uma série de imagens". A empresa, que foi comprada pelo Facebook em 2012, explica que o **Instagram** é uma forma de construir "um

mundo mais conectado através das fotos". Essa missão, portanto, passa a ser assumida pelo pontífice. Sua entrada na plataforma, não por acaso, ocorreu depois de receber a visita do presidente-executivo e cofundador do **Instagram**, **Kevin Systrom**, no dia 26 de fevereiro, no Vaticano. Na sua conta pessoal, Systrom postou uma foto desse primeiro encontro com o papa, afirmando que havia falado com **Francisco** "sobre o poder das imagens para unir as pessoas nas diferentes culturas e línguas". Celebrou-se, assim, um "compartilhamento" de intenções comunicacionais ("unir as pessoas") entre a empresa e a Igreja.

Neste sábado, 19, **Systrom** esteve novamente no **Vaticano**, onde acompanhou a postagem da primeira imagem pontifícia no **Instagram**. Ele voltou a postar uma foto com o pontífice, escrevendo: "*Assistir o Papa Francisco postar a sua primeira foto no Instagram hoje foi um momento incrível. @franciscus, bem-vindo à comunidade Instagram! As suas mensagens de humildade, compaixão e misericórdia vão deixar uma marca duradoura*". E é praticamente com as mesmas palavras que o papa se define na própria plataforma, em sua descrição pessoal, em inglês: "Eu quero caminhar com vocês pelo caminho da misericórdia e da ternura de Deus" ("*I want to walk with you along the way of God's mercy and tenderness*").

Uma "Contrarreforma digital"?

Seguindo as pegadas comunicacionais dos seus antecessores, Francisco dá mais um passo, em um movimento que vem se desdobrando ao longo dos anos por parte da Igreja, em termos de aproximação e inculturação digital. Tal movimento pode ser inserido naquilo

que a teóloga **Elizabeth Drescher**, professora da **Santa Clara University**, a universidade jesuíta em pleno **Vale do Silício**, nos **EUA**, chama de “**Reforma digital**”.

Segundo a autora, em seu livro *Tweet If You ♥ Jesus: Practicing Church in the Digital Reformation* (Morehouse, 2011),

ao contrário das reformas eclesiais anteriores, a Reforma Digital é movida não tanto por teologias, dogmas e política - embora estes certamente estejam sujeitos a um questionamento renovado - mas sim pelas práticas espirituais digitalmente intensificadas de crentes comuns com acesso global entre si e a todas as formas de conhecimento religioso previamente disponíveis apenas ao clero, aos estudiosos e a outros especialistas religiosos. Isso coloca praticamente tudo em jogo - nossas tradições, nossas histórias, nossa compreensão do sagrado, até mesmo a estrutura e o significado dos textos sagrados que nós pensávamos que haviam sido assegurados em um cânone duradouro há muito tempo, no quarto século (p. 2, trad. nossa).

O que **Francisco** faz, hoje, é somar-se a esse processo sociocomunicacional em que passam a emergir, segundo **Drescher**, “práticas de acesso, conexão, participação, criatividade e colaboração [de pessoas comuns], encorajadas pelo uso disseminado de novas mídias sociais digitais em todos os aspectos da vida diária, incluindo a vida de fé” (p. 4, trad. nossa). Nesse sentido, a inovação de **Francisco** é principalmente intraeclesial, pois, em termos comunicacionais mais amplos, ele apenas adere, inculturando-se, a um movimento sociocultural crescente, diante do qual a Igreja não pode ficar alheia.

Se, historicamente, a **Reforma Protestante** foi uma revolução religiosa que desencadeou uma revolução sociocultural, como afirma **Leonardo Boff**, podemos dizer que a “Reforma digital” se manifesta como uma revolução sociocultural que está desencadeando uma revolução religiosa.

Em seus documentos e reflexões, o **Papa Bento XVI** já buscava despertar a Igreja ao que acontecia no âmbito da comunicação, tendo sido o pontífice que mais refletiu sobre aquilo que podemos chamar de midiaticização digital. Das suas oito mensagens ao **Dia Mundial das Comunicações Sociais**, quatro delas abordam especificamente a realidade do mundo digital. Segundo **Ratzinger**, é possível afirmar que a chamada “**Reforma digital**” guia “o fluxo de grandes mudanças culturais e sociais”, dando origem a “uma nova maneira de aprender e pensar” (2011). E a Igreja Católica buscou assumi-la conscientemente, aprendendo a aprender e a pensar de forma nova no contexto digital.

Diante da “**Reforma digital**”, portanto, a instituição eclesial se posicionava reagindo com o apelo a uma espécie de “**Contrarreforma digital**” por parte da Igreja como um todo. Tal “**Contrarreforma**” buscou convocar

toda a Igreja a se apropriar da cultura digital na sua reflexão e na sua prática, que se explicitaram, com o passar dos anos, em inúmeras iniciativas de aproximação às plataformas sociodigitais.

Nessa convocação, primeiramente, **Bento XVI** exortou os **jovens** católicos “a levarem para o mundo digital o testemunho da sua fé”, pedindo-lhes para se sentirem “comprometidos a introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais assenta a vida de vocês” (2009). Depois, o papa emérito se dirigiu especificamente ao **clero** católico mundial, afirmando que quanto “mais ampliadas forem as fronteiras pelo mundo digital, tanto mais o sacerdote será chamado a se ocupar disso pastoralmente, multiplicando o seu empenho em colocar os media ao serviço da Palavra” (2010). Além disso, o chamado do então papa à “**Contrarreforma digital**” se voltou a toda a **cristandade**: “Quero convidar os cristãos a unirem-se confiadamente e com criatividade consciente e responsável na rede de relações que a era digital tornou possível” (2013).

Portanto, em todos os níveis, o papa emérito solicitava que a Igreja exercesse “uma ‘diaconia da cultura’ no atual ‘continente digital’” (2013). Com **Francisco**, esse desafio foi aprofundado também institucionalmente, com a constituição de um comitê voltado para a reforma das mídias vaticanas, dentro de um conjunto mais amplo de reformas dos órgãos da Santa Sé.

Tal comitê foi constituído em julho de 2014 e estava composto por seis especialistas externos e cinco membros internos do **Vaticano**. Para o presidente do comitê, o inglês **Christopher Patten**, em discurso aos bispos ingleses, “a ampla disponibilidade da conectividade da internet globalmente significava que o conteúdo midiático do Vaticano estava teoricamente mais disponível diretamente a um público mais amplo do que antes”. E indicava uma mudança de abordagem em relação à presença digital, que demanda “uma abordagem interativa, em que a informação não é meramente ‘disseminada’ a um público passivo, mas em que haja uma capacidade de ter um diálogo com o público, respondendo a questões e críticas, convidando as pessoas a um engajamento mais profundo” (trad. nossa).

Ou seja, a instituição eclesial reconhecia as mudanças comunicacionais no âmbito digital, assumindo que o “público” já não era “passivo”, e que havia a necessidade de apostar no “diálogo”, na “resposta”, no “engajamento mais profundo” com as pessoas. Do ponto de vista das estratégias da Igreja, o interlocutor ganhava centralidade e paridade na produção de conteúdos em nível social. Nas plataformas sociodigitais, como **Twitter** e **Instagram**, reforça-se a possibilidade de que os usuários em geral - indivíduos, grupos ou instituições - possam produzir conteúdos também religiosos de forma pública e em rede, sob a forma de textos, imagens e vídeos, distribuindo-os instantaneamente em nível global. Nessas interações, as práticas

religiosas que vão surgindo em rede trazem consigo lógicas e dinâmicas midiáticas.

Nesse contexto, a instituição Igreja busca fortalecer a sua presença oficial nos ambientes digitais, a começar pelo próprio pontífice, seja no **Twitter**, seja no **Instagram**. Mas essa resignificação digital do catolicismo não é neutra, nem automática. Para a sua ocorrência, a Igreja precisa atualizar seus processos comunicacionais internos e externos para dar conta de uma nova complexidade sociossimbólica que emerge a partir dos desdobramentos das práticas comunicacionais digitais - como o fato de "traduzir" o papa em mensagens com menos de 140 caracteres (como no caso do Twitter) ou em fotos e vídeos de menos de 15 segundos (como agora no caso do Instagram).

Experimentações e reinvenções do catolicismo em rede

No caldo cultural da midiaticização, o catolicismo em geral passa a se embeber de processos midiáticos, também na internet. Em suas presenças institucionais oficiais em plataformas sociodigitais são comunicadas as versões autorizadas da tradição e da doutrina católicas, mas tal comunicação é feita em modalidades inovadoras: como deve agir um papa "instagrammer"? Como a Igreja deve "instagramear" um pontífice romano? A "tradição" que começa hoje passa por essa grande inovação comunicacional, ainda sem horizontes claros.

Isto é, passa-se de um "magistério" pontifício veiculado em longos documentos marcados pelo texto escrito para um novo código estruturado em imagens, também em movimento, mediadas por dispositivos tecnodigitais. Essa mudança de código cultural religioso envolve ainda uma mudança nos modelos de mundo em torno do catolicismo, pois diz respeito a um modo próprio de pensar e agir comunicacionalmente, não apenas lógico-dedutivo, mas principalmente marcado por sensações, afetos, sensorialidades despertados pela imagem. Assim, na era digital, a mudança do texto para a imagem, em geral, envolve outras formas de significar o mundo.

Contudo, em sociedades cada vez mais em midiaticização, por outro lado, o fluxo comunicacional de sentidos não se deixa deter por estruturas quaisquer. Ao se posicionar em uma arena pública como a internet e suas redes, a Igreja se coloca em uma encruzilhada

ainda mais complexa de discursos sociais outros, que não lhe pertencem e lhe escapam (como os milhares de comentários em uma única foto postada pelo pontífice, sem contar todas as repostagens dos usuários no próprio **Instagram** ou em outras plataformas, envolvendo a construção de outros sentidos sobre a mesma foto, além de toda a cobertura midiática sobre o evento).

Como afirma o jesuíta **Antonio Spadaro**, diretor da revista **La Civiltà Cattolica**, ao analisar a entrada de **Francisco** no **Instagram**, as fotos tiradas pelos fiéis narram o papa "em toda a sua força pastoral e simbólica. [...] O papa do povo é contado pelo povo que capta não só os gestos, mas também o contexto dos gestos a partir de dentro. E, desse modo, justamente, o papa já está no Instagram para além de toda oficialidade" (trad. nossa).

Assim, as interações sociais em redes comunicacionais digitais produzem novas modalidades de vínculo em torno do catolicismo, seja da Igreja para com a sociedade, seja da sociedade para com a Igreja, seja ainda da sociedade para com a própria sociedade - favoráveis, desfavoráveis, resistentes, alternativas, contrárias, subversivas etc. - a partir e também para além daquilo que é ofertado pela instituição eclesial. Em ambientes midiáticos sem qualquer vinculação com a fé católica - como o **Twitter** ou o **Instagram** -, a Igreja e os diversos usuários passam a encontrar formas de *dizer* o catolicismo publicamente.

Nesse processo, *experimenta-se e inventa-se* o catolicismo em rede. Trata-se de "outro" processo midiático, que não pode mais ser gerenciado apenas pelas corporações midiáticas, e trata-se de "outro" processo religioso, que não pode mais ser controlado apenas pelas instituições religiosas. Gera-se, assim, um "parassistema" de processos comunicacionais, organizados midiaticamente a partir de "outro" ponto da sociedade, que pode, assim, criticar, rever, contestar, debater o catolicismo sem a mediação nem a intermediação institucional religiosa ou midiática.

São esses desdobramentos - de médio e longo prazo - que demandarão um acompanhamento atento, para perceber não apenas como o catolicismo se "incultura" na nova realidade comunicacional, mas principalmente como esta leva o catolicismo a se repensar e a se modificar - e que consequências isso poderá ter para a vida de fé e a própria catolicidade.

LEIA MAIS...

- *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet*. Artigo de Moisés Sbardelotto publicado no **Cadernos Teologia Pública**, número 70, disponível em <http://bit.ly/1RX88z7>;
- *"E o Verbo se fez bit"*. Uma análise da experiência religiosa na internet. Artigo de Moisés Sbardelotto publicado no **Cadernos IHU**, número 35, disponível em <http://bit.ly/1SwqOzW>.

COBERTURA DE EVENTOS

Estado, mas com política que “corra por fora”

Para Homero Santiago, a representatividade institucional não é de todo ruim. O problema é quando a Multidão sucumbe e passa a aceitar o papel de ser representada



Foto: João Vitor Santos/IHU

20

Por João Vitor Santos

Em momentos de colapso, como o que vive o Brasil atualmente, é natural pensar no esgotamento de um sistema. Nessa linha, apressadamente, pode-se pensar que o sistema de representatividade chegou a seu limite. Mas que limite é esse? E qual a saída? O que vem depois do atual modelo democrático de representatividade? Para o professor da Universidade de São Paulo - USP Homero Silveira Santiago (Foto acima), o problema não está em ser representado. A emergência de multiplicidades representativas não está diametralmente oposta a um governo instituído, como na lógica de um desgoverno. “É ne-

cessário pensar numa política que corra por fora do Estado. Entretanto, é preciso ter clareza que em algum momento essa política e o Estado vão se encontrar”, destaca Homero.

O professor acredita que é necessário pensar essa política como o irrepresentável, aquele que emana das diversas narrativas e traz a multiplicidade de suas demandas. Entretanto, esse irrepresentável não significa - e não leva a - pensar um Estado sem governo, sem a unidade institucional. “Representatividade institucional não é de todo ruim”, pondera. A questão está quando a Multidão sucumbe a

esse sistema de representatividade e para de emanar esse irrepresentável para o agente estatal que o representa, quando o ideal seria sempre o irrepresentável alimentar esse representável em pontos de encontro. “Quando o representante é tido como o único agente político do processo, é que há o problema. Gera divisão, como que determinando quem pode ou não fazer política”, completa.

Homero Santiago abriu o 3º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governo da vida e o comum, na tarde de quarta-feira (30-03). Nesse Ciclo, a inten-

ção é mergulhar nos conceitos que norteiam os debates da Metrópole. Por isso, nesse primeiro encontro, o professor se concentrou em dois deles. Na conferência “Multidão e poder constituinte: uma genealogia dos conceitos”, seu objetivo foi dissecar essas duas ideias que se encontram na discussão acerca do poder e do Estado na Metrópole. “Multidão e poder constituinte são conceitos que se imbricam. Multidão é o sujeito e tem uma potência, que é o poder constituinte. Ou seja, é o que pode conduzir ao processo democrático”, analisa.

Essa terceira etapa de estudos Metrópoles se encerra em 8 de junho. O calendário completo das palestras e temas a serem tratados está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Poder constituinte

Homero Santiago concebe o poder constituinte como a potência de criar uma nação. “Poder de construir algo novo”, tipifica. O conceito fica mais tangível quando se pensa na constituinte brasileira, num espécie de *devir* de formação de uma constituição. É toda a movimentação de algo a constituir algo novo, uma legislação, no caso, que pode orientar e proteger uma nação. “Só que há um problema: se é capaz de constituir algo, também é capaz de dar algo constituído. É como a nossa constituinte, que foi todo um processo mas que parou na Constituição”, proble-

matiza. Ou seja, todo o processo constituinte foi aprisionamento na materialidade da peça jurídica, a Constituição. O processo, que era emanado do povo, foi aprisionado e passou a ser algo institucional, ainda a ser cumprido. “O passado e presente ficam na Carta. Depois, o futuro passa a funcionar como que de forma automática a partir do que está ali”, completa.

Multidão

O problema que o professor traz é que o povo presente na Carta não é um sujeito de poder. “Ele é tomado como um produto do poder, que precisa dele para existir. Quando os constituintes falam do povo, é uma ideia que eles criam. É forjar uma identidade de algo que vai sustentar um poder que não é seu”. É assim que Homero chega à formulação de que o povo não pode ser um poder constituído. “Mas a Multidão pode ser. Só ela pode exercer o poder constituído, porque é a imanência e não o povo, ainda que seja a imanência do povo”, completa.

Como manter Multidão, enquanto potência de poder constituinte

A ideia central que fica da conferência de Homero Santiago é de que a Multidão precisa constituir-se viva, pulsante. A partir do momento que se institucionaliza, passa a não ter esse poder constituinte e se torna algo constituído. “É nes-

se momento que se distingue quem pode e não fazer política”. Imagine como se diversos movimentos sociais, que constituem uma ideia de Multidão, tivessem sua polifonia de narrativas apreendidas por um representante. Essa voz, um parlamentar, por exemplo, seria o representante, aquele que vai ter uma narrativa constituída. Embora seja baseada nas demais narrativas, cessa a potência de narrativas em constituição. “Há uma transferência de autoridades e toda transferência de autoridades tem seus limites”.

Da plateia, o professor é questionado: e como não cessar essa potência? Seria romper com esse modelo institucional de Estado? Ele responde: “é preciso fazer face a esse paradoxo da representação. Ainda que na Constituição se diga que o povo tem o poder, vive-se um poder de representação. E é a representação que cria divisão política. Há grupos que podem agir politicamente, mas há outros que precisam ser representados”. Para Homero a saída, talvez, não seja romper com essa relação de representante e representado, mas sempre manter viva essa potência de Multidão que não se deixa apreender pelo representante. É como se a Multidão estivesse sempre potente, alimentado esse representante, mas não o reconhecendo unicamente como “o seu” representante. Assim, sua polifonia narrativa continua pulsante e buscando representações que a servem melhor.

CICLO DE ESTUDOS EM EAD



SOCIEDADE SUSTENTÁVEL
EDIÇÃO 2014

21 DE MARÇO A 2 DE MAIO DE 2016 (VIA MOODLE)
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: IHU.UNISINOS.BR

COBERTURA DE EVENTOS

Manifestações: potência ou ameaça?

Na segunda conferência, Homero Santiago propõe uma reflexão sobre as manifestações de rua segundo critérios que ajudam a pensá-las enquanto avanços ou retrocessos da multidão na Metrópole



Foto: João Vitor Santos/IHU

22

Por João Vitor Santos

Na segunda conferência de Homero Silveira Santiago, professor da Universidade de São Paulo - USP, no 3º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum, realizada na noite de quarta-feira, 30-03, uma inquietação tomou conta da plateia. Afinal, o que são e como entender o que realmente querem esses movimentos que vêm levando brasileiros para as ruas, seja para defender ou atacar o governo de Dilma Rousseff? Para compor um cenário que ilumina a busca pela resposta a essa questão, Homero propõe pensar a partir de outra

pergunta: “Movimentos sociais e a multidão nas metrópoles são potência ou ameaças?”.

O professor entende que a representação política faz uma separação entre o social. “Um grupo (representantes) pode agir politicamente e outro (social) não. É assim que se constitui um poder estático, como que pairando sobre o social. E isso ignorando as mobilizações sociais da vida”, reflete. Assim, o poder assume a face de uma ordem formal e legalista, justificando “o afogamento das ações políticas que emanam do interior da sociedade, do social”. Homero

acredita que o poder não é realmente essa forma estática que se apresenta, mas sim algo em movimento por ser produto da vida social. “Ele pode estagnar-se ou seguir em movimento. E esse movimento tem como combustível o confronto, aquele promovido pelo movimento social”.

Assim, percebe-se a defesa de Homero por um poder em movimento, e não aprisionado pela estática da institucionalidade. E essa circulação vai se dar a partir das ações dos movimentos, o que podemos compreender hoje pelas manifestações de rua - seja de-



Um grupo pode agir politicamente e outro não. É assim que se constitui um poder Estático

fendendo um lado ou outro. Mas pode haver algo de perverso nisso. Não é porque há tensões pela circulação de poder, levando pessoas para as ruas, que um novo modelo pode surgir e ocupar o espaço de um sistema já corrompido. Há uma diferenciação nessas tensões que buscam a circulação. “O confronto tradicional usa o povo como juguete, é a política feita pelos poderosos, aqueles que já detêm o poder e querem se legitimar enquanto representantes. Nos movimentos sociais (típicos da Multidão na Metrópole) isso se dilata e há várias batalhas que pipocam”, esclarece. Para Homero, “a marca do movimento social é o confronto ao poder constituído”, mas sempre de forma anárquica (no sentido plural), e não buscando uma unidade através de supressão.

Como olhar para uma manifestação

Depois de mais de uma hora de fala, o professor é provocado a pensar o que está por trás das manifestações de junho de 2013, da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, de 1964, e das manifestações que levam para rua os que

defendem e os que são contrários ao impeachment da presidente Dilma Rousseff. Homero explica que para refletir sobre isso é necessário pensar na dicotomia “potência ou ameaça”. “Há algo de positivo aí, as pessoas gostaram de ir para rua e estão discutindo política. Mas é preciso também pôr alguns problemas”, diz.

Assim, para quem quer olhar com mais vagar para as manifestações que hoje estão nas ruas, o professor propõe uma metodologia de análise que pode iluminar a reflexão sobre quem representa uma ameaça ou uma potência. É o que chama de “três critérios”.

1) Homero propõe que se pense se a política posta na manifestação busca ampliar a movimentação do poder ou restringir essa circulação. “Veja o exemplo da Marcha de 1964. Era manifestação e fazia um movimento, mas buscava restabelecer uma ordem restringindo uma circulação de poder”, explica.

2) Ao olhar para uma manifestação de rua, o professor propõe que se pense: “há violência”? “Mas é importante se pensar que tipo de violência. Eu me refiro àquela que

busca a supressão do outro, do movimento político. É quando a solução é suprimir a existência de um grupo, do outro”.

3) Ainda, Homero diz que é preciso que se avalie se há comunicabilidade. É pensar se a manifestação se arma a partir das reivindicações (usando-as como um representante que eleva a pauta, como discurso anticorrupção) ou como algo que emana do coletivo. “O comunicável, nesse caso, é aquilo que emana do coletivo e se torna um direito, e não apenas aquilo que se levanta como um privilégio de determinado grupo”.

Por fim, Homero Santiago reitera algo que perpassa suas duas conferências do 3º Ciclo de Estudos Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum: “é importante que se pense que há outra política que passa por outros lugares. A política não é o mesmo que representação”.

O próximo encontro do 3º ciclo Metrópoles ocorre no dia 19 de abril. Francisco de Guimaraens, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, ministrará as conferências “Poder Constituinte e Sujeito Constituinte nas metrópoles: um olhar a partir de Spinoza e Negri: um olhar comparado”, à tarde, e “Fundações ontológicas e éticas da política e do direito: um olhar a partir de Spinoza”, à noite. Confira mais detalhes em <http://bit.ly/1RPgnLt>.

Homero Silveira Santiago

Graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP, é autor da tese *O uso e a regra. Ensaio sobre a gramática espinosana*, orientada por Marilena Chaui. É livre docente pela USP, onde leciona no departamento de Filosofia. É um dos organizadores de *As ilusões do eu: Espinosa e Nietzsche* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011) e autor de *Amor e desejo* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011) e *Espinosa e o cartesianismo. O estabelecimento da ordem nos ‘Princípios da filosofia cartesiana’* (São Paulo: Humanitas, 2004). Homero é um dos coordenadores da publicação uma série sobre a filosofia espinosana iniciada no final de 2011 pela Editora Autêntica, de Belo Horizonte. O primeiro volume foi uma tradução da obra de Chantal Jaquet *A unidade do corpo e da mente. Afetos, ações e paixões em Espinosa* (Belo Horizonte: Autêntica, 2011), e o segundo é *Espinosa e a psicologia social - Ensaios de ontologia política e antropogênese* (Belo Horizonte: Autêntica, 2012), escrito por Laurent Bove.

COBERTURA DE EVENTOS

A devastadora submissão de Gaia ao “capitalceno”, a face mais obscura do antropoceno

Moema Miranda destaca a ação do homem e sobre todas as formas de vida do planeta



Foto: Ricardo Machado/IHU

Por Ricardo Machado

Moema Miranda (De pé, na foto acima) é uma mulher forte. Sua força vem do franciscanismo que encarna não somente em seu discurso, mas também no jeito simples de se apresentar e defender um outro paradigma civilizacional, o da Ecologia Integral. Sua força vem do conhecimento daquilo que poderíamos chamar de “agonia da terra”, vem dos pequenos detalhes como o Tao que carrega no pescoço, vem das roupas simples e cor de tecido cru que vestia durante sua palestra A 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima - COP 21: perspectivas para a agenda ambiental

do Brasil. Sua força vem da fé em um outro mundo possível.

“A Terra é um ser vivente. Esta ideia muda radicalmente nossa relação com o planeta. Vivemos a era do antropoceno, em que a presença do ser humano abarca todo o planeta. A espécie homo-sapiens é a única que está em todos os espaços, do Polo Norte ao Polo Sul”, aponta Moema. Disso decorre não somente uma ocupação dos espaços em todos os paralelos, senão a imposição da derivação mais devastadora do antropoceno, o “capitalceno”, neologismo utilizado pela conferencista. “Pela primeira vez na história um modelo econô-

mico - o capitalismo - afeta toda a estrutura do planeta. Das questões ambientais ao acesso a bens como a água. O capitalismo é hegemônico e determinante da forma como estes seres humanos estão no planeta”, critica Moema. O evento, realizado na noite da terça-feira, 29-03-2016, no Auditório Central da Unisinos, integra a programação do Ciclo de atividades. O cuidado de nossa Casa Comum.

Produção de desejos

Para a antropóloga, vivemos atualmente em uma aldeia global sob uma forma de produção e consumo hegemônicos, mas não somente de



Não há duas crises separadas, uma social e outra ambiental. Há uma única crise socioambiental

bens materiais senão de desejos: o capitalismo. "Há ideia, inclusive apoiada na Gênese 1, 28, de que o planeta foi criado para os seres humanos, mas certamente não para todos. Primeiro para os homens, depois para as mulheres. Mas não pensem que foi assim fácil. Foi primeiro para os homens europeus, depois para as mulheres e só depois para os outros homens, os negros e os indígenas, por exemplo", pondera e ironiza Moema.

Irrracionalidade científica

A partir de Francis Bacon, um dos pais da chamada Ciência Moderna, no século XVI, desenvolveu-se a ideia de que a ciência deveria servir ao homem. As descobertas científicas definiram a partir de então um tipo de relação com o planeta terra que é o de exploração. "A ideia de desenvolvimento gestada nesse período levou à nossa profunda crise ambiental", destaca Moema. "Alguém pode dizer que esse é o custo do progresso, mas o problema é que esse desenvolvimento gera destruição ambiental e passa de todos os limites possíveis em termos de recuperação do planeta", complementa. O fato concreto nisso tudo é que os países que consomem mais que a capacidade de produção tendem a explorar os demais países mais empobrecidos. "Alguém acredita que isso se dará de modo pacífico?", provoca Moema.

Concentração de renda

Segundo dados apresentados por Moema Miranda, no ano passado 62 pessoas tinham fortuna equivalente à soma total da "riqueza" de 3,5 bilhões pessoas. Esse fenômeno está relacionado ao que David Harvey chama de "acumulação por despossessão". "Para que estas 62 pessoas possam ser ricas, há milhares de miseráveis. A distribuição que o chamado progresso e desenvolvimento gera é extremamente concentrada. Temos um contexto de opulência e pobreza crescente", lamenta a conferencista.

"Essa pobreza não é natural, mas resultado de um dado sistema de organização social. A humanidade cria riqueza e bens para que toda a população coma bem, se vista bem, viva bem. A questão, aqui, é que a concentração de renda e a destruição do planeta são coisas intimamente ligadas, como sustenta o Papa Francisco", pontua Moema.

Uma só crise

Ao analisar o cenário, Moema reforça o discurso de Bergoglio de que há uma grande crise em curso. "Não há duas crises separadas, uma social e outra ambiental. Há uma única crise socioambiental", frisa. "Não é possível salvar os filhos e as filhas da terra sem salvar a Terra. Nós, absolutamente, dependemos do planeta que vivemos. A questão das mudanças climáticas é a ponta do iceberg", reforça.

Planeta, um ser vivo

Em 1972, James Lovelock criou a hipótese de que o Planeta é um ser vivo e vivente. Cinco décadas antes Einstein já tinha apresentado a teoria de que tudo é energia. "Lovelock escolheu o nome de uma fêmea para a Terra, porque é mulher e dá a vida. A fêmea leva mais tempo para se ofender, mas quando ela se revolta é muito violenta. O problema é que a intrusão de Gaia não atingirá somente os países mais poluidores, atingirá todos e os moradores das ilhas serão os primeiros a serem afetados", problematiza Moema. "Para cada iate daquelas 62 pessoas, lembrem-se de que há milhares de africanos mortos no mar a caminho de Lampedusa", pontua.

COP 21

Diferente dos outros anos, a 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima - COP 21 foi marcada por uma adesão massiva dos países ao acordo sobre as mudanças climáticas. "Cada nação chegou à mesa e disse quanto ia reduzir voluntariamente a emissão de gases de efeito estufa, mas nenhum país disse como fará isso para manter o aquecimento nos próximos 84 anos em até 2°C", critica. "Esse é um acordo entre governos. Se nós, como sociedade civil, não assumirmos o compromisso de fiscalizar as ações, ficaremos sempre nesse padrão de desenvolvimento sustentável que beneficia somente uma parte da sociedade", alerta.

Agnotologia

"Precisamos prestar atenção ao que Robert Proctor disse há 50 anos, ao analisar os discursos sobre a indústria do tabaco: 'A ignorância não é apenas o que não é conhecido, mas é também uma manobra política, uma criação deliberada por agentes poderosos que não querem que se saiba os efei-

tos de suas políticas’”, parafraseia Moema. A agnotologia, explica a conferencista, é um tipo de ciência que estuda os processos de construção de certos níveis de ignorância, de obscurantizar e relativizar a verdade.

É possível recomeçar? Tem como mudar essa história?

Para a antropóloga há, sim, saída para a situação crítica que vivemos

em termos ambientais. “A primeira percepção que devemos mudar é passar da visão ego para eco. Todo o cosmos, com os outros planetas, todas as estrelas e tudo o que há é parte da criação. Precisamos perceber que nosso corpo é feito de terra e água”, pondera.

Ecologia Integral

Ao finalizar sua conferência, Moema sublinhou a importância da Laudato Si’ e da proposta apre-

sentada pelo Papa Francisco, a Ecologia Integral. “É preciso uma mudança profunda na forma como nos relacionamos com o planeta. Devemos ter consciência cidadã para identificar o que precisamos mudar para salvar o planeta. Precisamos criar um amplo movimento ecológico popular, com massiva participação urbana”, reflete Moema. Com a força de quem acredita na transformação da vida, Moema finalizou invocando proteção. “São Francisco e Santa Clara, rogai por nós!”, concluiu.

Moema Miranda

Moema Miranda é antropóloga, com mestrado e pós-graduação em Antropologia Social pelo Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integra a direção colegiada do Ibase. Participou do Comitê Facilitador da Sociedade Civil Brasileira para a Rio+20. É membro do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial. Coordena o projeto “Diálogo dos Povos - Uma articulação Sul-Sul”, com a participação de entidades e redes da América Latina e da África.

Em julho de 2015, participou da conferência sobre a Encíclica Laudato Si’, intitulada “As pessoas e o Planeta em primeiro lugar: imperativo a mudar de rumo”. O encontro realizado no Vaticano foi promovido pelo Pontifício Conselho da Justiça e da Paz junto com a Aliança Internacional das Organizações Católicas para o Desenvolvimento - CIDSE. ■



Foto: Ricardo Machado/IHU



Cadernos IHU ideias



Justiça e Perdão
Kátia Frutuoso, Moema

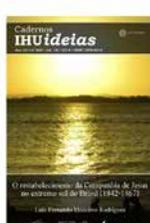


A vida, o trabalho, a linguagem
Resistência e Inoperante
André G. de S. P.

O Cadernos IHU ideias apresenta artigos produzidos por palestrantes convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores(as) em diversas universidades e instituições de pesquisa.



O grande desafio dos indígenas nos países andinos
Mário Almeida



O renascimento de Constantino de Jena em conexão com o Brasil (1842-1917)
Luis Fernando Villalón - E. L. de S.



Paraguai
Mário Almeida



Os muros e as ferramentas digitais da tecnologia de gestão
Mário Almeida

Acesse: ihu.unisinos.br

ME TRÓ POLES

3º CICLO DE ESTUDOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E
TECNOLOGIAS DE
GOVERNO

TERRITÓRIOS,
GOVERNAMENTO DA VIDA
E O COMUM

**UNISINOS – SÃO LEOPOLDO
| RS**

**30 DE MARÇO A
08 DE JUNHO DE 2016**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – IHU.UNISINOS.BR

PROMOÇÃO



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

 **UNISINOS**
Somos infinitas possibilidades

13^ª
PÁSCOA
IHU



ciclo de atividades

O CUIDADO DE NOSSA *casa comum*

07 DE MARÇO A 20 DE ABRIL DE 2016

SALA IGNACIO ELLACURÍA
E COMPANHEIROS - **IHU**

(Av. Unisinos, 950,
São Leopoldo - RS)

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
ihu.unisinos.br

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Somos infinitas possibilidades

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

A consumação da metafísica e a iniciação à pós-metafísica

Diogo Falcão Ferrer entende que Hegel realiza as possibilidades últimas da metafísica e a transforma em algo novo

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

“**S**e a modernidade se caracterizou frequentemente como uma filosofia do sujeito, Hegel procura situar-se num ponto anterior à divisão do ente entre a subjetividade e a objetividade, mostrando o absoluto como unidade entre sujeito e objeto, consciência e objeto, pensamento e realidade, mas também entre natureza e liberdade, forma e conteúdo do conhecimento, ação e conhecimento, teoria e prática ou historicidade temporal e validade universal para toda a razão humana.” É assim que o professor Diogo Falcão Ferrer apreende o legado de Hegel e o insere no rol de filósofos que pensam a metafísica. Para ele, o autor trabalha nas últimas possibilidades da metafísica, consumando-a plenamente. É da solução dos problemas da metafísica tradicional, que assumem dualidades ou oposições, que Hegel vislumbra algo para além da metafísica, numa ideia de pós-metafísica.

E como faz esse atravessamento? Ferrer analisa os movimentos de Hegel, que toma sua teia de raciocínio a partir da lógica. “A *Ciência da Lógica* é o momento em que o pensamento de Hegel assume a sua forma aproximadamente definitiva, onde a lógica se transforma em metafísica”, explica. “A lógica de Hegel é um pensamento que não se enquadra já pelas definições da metafísica moderna, transformando-a numa razão crítica da metafísica, contraditória, processual, que produz as suas determinações de modo inteiramente imanente ao processo”, completa. É por isso que o professor coloca Hegel para além da metafísica moderna, “abrindo caminho para vários ele-

mentos importantes do pensamento contemporâneo, onde razão e irrazão parecem frequentemente inverter as suas posições”.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor analisa como Hegel ainda vai além da invalidação das teorias metafísicas em geral. Para Ferrer, o mais importante na proposição de Hegel é “o progresso da metafísica em direção a categorias cada vez mais concretas e verdadeiras. Na conclusão desse processo estaria a descoberta do conceito por si próprio, como a autointeligibilidade e esclarecimento integral do sentido do ente na ideia e como ideia absoluta”, pontua.

Diogo Falcão Ferrer é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. Possui doutorado em Filosofia pela Universidade de Coimbra e já lecionou na Universidade de Évora, Portugal, ministrou cursos como Professor Convidado na Universidade Federal de São Carlos, na Universidade de Toulouse Le-Mirail e na Universidade de Salamanca, e minicursos na Unesp - Marília, Universidade Federal de Goiás, entre outras. Entre suas principais publicações estão: *A Gênese do Significado. Introdução à Filosofia de Hegel* (Porto, 2015 [no prelo]); *O Sistema da Incompletude: A Doutrina da Ciência de Fichte de 1794 a 1804* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014); e *Lógica e Realidade em Hegel. A Ciência da Lógica e o Problema da Fundamentação do Sistema* (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006).

Confira a entrevista.



O essencial da transformação da lógica em metafísica é que o pensamento encontra na sua própria autotematização as condições de enunciação válida e objetiva do ente

IHU On-Line - Em que consiste a transformação da Lógica em Metafísica em Hegel?

Diogo Falcão Ferrer - Com a sua monumental *Ciência da Lógica*¹, publicada em três volumes a partir de 1812, Hegel esboça um projeto logicista, em que é a lógica, e não a metafísica ou as ciências empíricas, que define o sentido e os termos primitivos de enunciabilidade de todo o ente.

É consensual que a lógica estuda as formas válidas do pensamento. Aquilo que, desde a Grécia antiga, é menos consensual é a origem da matéria ou conteúdo do conhecimento verdadeiro, objetivo. Os candidatos mais qualificados para este papel de fonte material do conhecimento são, basicamente, dois: o conhecimento empírico e uma intuição de essências de cariz metafísico. Ora, embora admita tanto a validade do conhecimento empírico quanto o sentido e a possibilidade de uma *metaphysica generalis*, como ontologia, Hegel entende que o conteúdo fundamental e mais geral do conhecimento válido não é fornecido nem pela experiência, nem por uma intuição categorial ou metafísica, mas pela própria lógica. A lógica, como ciência que estuda o pensamento, tem o pensamento simultaneamente como objeto e como sujeito. Ou seja, nela o pensar se aplica a si próprio, explica-se a si e conhece as suas próprias condições de enunciação.

¹ São Paulo: Barcarolla, 2011. (Nota da **IHU On-Line**)

Assim, antes de qualquer estudo empírico do ente, há lugar para o estudo das condições em que este pode em geral ser pensado ou, mesmo, sequer cognoscitivamente enunciado. Aquilo que assim se observa é que a lógica não fornece somente as formas do pensamento, mas também um conteúdo que estará necessariamente presente em todo o conhecimento válido de qualquer objeto, porque este conteúdo constitui as condições de enunciabilidade e inteligibilidade de todo o ente. É este conteúdo atribuído à lógica que faz dela uma metafísica.

Determinações do pensar

Segundo Hegel, a lógica não estuda e define somente a forma do pensar ou do raciocínio, com validade apenas subjetiva, mas permite conhecer e afirmar um conteúdo específico objetivamente válido, que o autor denomina de "determinações do pensar" ou categorias. O conjunto destas determinações do pensamento constitui uma ontologia, no sentido clássico de uma metafísica geral, ou ciência do ente enquanto ente. Hegel transforma a lógica em metafísica ao conceder às formas lógicas não só o estatuto de condição e regra para todo o pensar e raciocinar subjetivo, como também em primeiro lugar o estatuto de conteúdo definitório de todo o ente em geral. Este conteúdo é pressuposto por todo o enunciado empírico com sentido objetivo, e a sua fonte não pode, por isso, ser encontrada nes-

se mesmo conteúdo empírico, que o pressupõe. Mas tampouco pode ser encontrado no outro candidato considerado, isto é, em alguma forma de intuição de essências metafísicas, cujo vazio de sentido Kant já tinha denunciado.

Ao reconduzir a metafísica à lógica, como Kant de certo modo já tinha feito, Hegel por um lado descarta qualquer possibilidade de uma intuição categorial de essências metafísicas e, por outro, faz com que todas as teses ontológicas, isto é, metafísicas em sentido geral, sejam teses acerca do próprio pensar, e não acerca de objetos transcendentais. O essencial da transformação da lógica em metafísica é que o pensamento encontra na sua própria autotematização as condições de enunciação válida e objetiva do ente.

IHU On-Line - Por que Hegel tinha em vista esse projeto e o que ele significa no conjunto de seu sistema?

Diogo Falcão Ferrer - Desde a sua fundação, com os *Analíticos*² de Aristóteles, até a *Ciência da Lógica* de Hegel, a lógica foi sempre entendida como uma disciplina cuja principal função era fornecer os princípios para um pensamento correto e para evitar o erro nos raciocínios. A lógica estudava principalmente a formação de conceitos e as formas do juízo e dos raciocínios, ou silogismo. Kant chamava-lhe um cânone, ou seja, conjunto de regras para evitar o erro. Como tal, a lógica era entendida como disciplina metodológica, prévia ou introdutória à ciência propriamente dita.

² **Analíticos anteriores:** é um texto do filósofo grego Aristóteles de Estagira. É composto por dois livros (I: 71a – 89b, II: 90a – 100b) e não existem dúvidas acerca da autenticidade da obra. É o terceiro livro do "Organon", sucedendo *Da Interpretação* e antecedendo os *Analíticos posteriores*. *Analíticos anteriores* é um dos textos mais importantes não apenas de Aristóteles, mas também da própria lógica, já que é nesse texto que o filósofo apresenta sua teoria do silogismo. O texto ocupa-se com análise dos argumentos de acordo com suas formas, isto é, de acordo com as várias figuras e modos do silogismo. (Nota da **IHU On-Line**)

Esta última correspondia, por outro lado, à metafísica que se podia definir, também desde Aristóteles, como filosofia primeira, ciência dos princípios e das causas últimas, ciência do ente enquanto ente e, também, ciência do ente supremo, teologia. O próprio Hegel começou por entender a relação entre lógica e metafísica de modo semelhante, até pouco tempo antes da *Fenomenologia do Espírito*³, publicada em 1807. Com efeito, dispomos de um curso manuscrito de Hegel, do ano de 1804/1805, intitulado *Lógica e Metafísica de Lena*, que as expõe como duas disciplinas diferentes, começando com a lógica, como disciplina introdutória que, por assim dizer, prepara o terreno epistemológico para a metafísica, que é exposta em seguida.

Mas logo a seguir a este curso de Lena, conforme se pode entender já no Prefácio à *Fenomenologia*, e a partir dos seus escritos de Nuremberg, conhecidos hoje como *Propedêutica Filosófica*⁴, Hegel passa a entender a lógica como filosofia primeira, deixando de admitir a existência de uma metafísica como disciplina autônoma. A *Ciência da Lógica* irá por fim incluir todos os conteúdos da anterior metafísica, assim como os da lógica tradicional, numa unidade epistemológica de exposição, de método e de objeto. Tudo está contido na lógica, que não é mais disciplina introdutória, cânone para evitar o erro nos raciocínios, mas ela própria a filosofia primeira.

Fusão entre lógica e metafísica

A transformação da lógica em metafísica, e a correspondente transformação da metafísica em lógica, permite fundamentar a tese subjacente a todo o sistema hegeliano, de que a realidade é essencialmente cognoscível e traduzível em conceito. Mas esta traduzibilidade não é levada a cabo nem por

uma redução, causal ou equivalente, do pensamento à realidade física, nem por uma redução desta a algo de somente pensado ou pensável pelo sujeito.

Pelo contrário, a realidade é reconduzida ao pensamento como aquilo que, para o pensar e no pensar, se mostra como contraditório. Por isso, a *Ciência da Lógica* é um conjunto de antinomias, que mostram, de modo inerente ao pensar, os seus próprios limites, que ele não é capaz de apreender em si, em nenhuma das suas determinações próprias, o sentido total da efetividade. Hegel assume a sua lógica como uma crítica a toda a metafísica, a tomar como absoluta qualquer determinação do pensar. E mesmo a ideia absoluta, a categoria mais rica e plena de determinações da *Ciência da Lógica* não vai esgotar o sentido da efetividade e, num certo sentido, não é o absoluto, porque a lógica tem de remeter para além de si, para a filosofia da natureza.

IHU On-Line - Em que medida a metafísica hegeliana dialoga e difere dos debates acerca desse tema nos séculos XVIII e XIX?

Diogo Falcão Ferrer - Um traço que caracteriza o pensamento de Hegel no panorama da Filosofia Clássica Alemã é o diálogo não só implícito, como também explícito e sistemático com a história da filosofia e com os seus contemporâneos.

Não iríamos contra as intenções de Hegel se no seu pensamento não encontrássemos senão um olhar retrospectivo sobre a história da filosofia até à sua época, a par da explicitação do mecanismo dialético da sua transformação e desenvolvimento. Como limite, o nosso filósofo nada acrescenta de novo à história da filosofia e aos debates filosóficos da sua época, que são, afinal, também intemporais. Hegel limita-se a assumir uma perspectiva panorâmica, a organizar, numa ordem lógica, os dados disponíveis na história da filosofia e na linguagem, e a exibir as razões por que de umas posições se geram

inevitavelmente outras. Perante as posições das outras filosofias, cultiva uma espécie de não-agir, como uma arte de *judô* especulativo, em que a força do adversário é utilizada na sua própria refutação. Como afirma relativamente a Espinosa⁵, “a verdadeira refutação tem de penetrar na força do oponente, e de se colocar no círculo da sua potência”.

No que se refere à transformação da lógica em metafísica, Hegel vai efetivamente penetrar numa potencialidade que já está em andamento em toda a filosofia moderna e, em especial, nos seus contemporâneos mais próximos. Por um lado, Hegel recebe a formulação da metafísica construída a partir de Leibniz⁶ pela escola racionalista alemã, em especial Ch. Wolff⁷, como antecedida de uma lógica, e constituída pela já referida metafísica geral, seguida de metafísicas especiais, nomeadamente teologia natural, psicologia racional e cosmologia. Por outro lado, Hegel incorpora também elementos do empirismo e, de modo muito marcado, de Kant⁸,

⁵ **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632–1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da IHU On-Line, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de “função” como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descreveu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Christian Wolff** (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último gran-

³ Petrópolis: Vozes, 2011. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Lisboa: Edições 70, 1989. (Nota da IHU On-Line)

Fichte⁹ e Schelling¹⁰. A contribuição de filósofos menos significativos, que Hegel focou de modo sobretudo crítico, como Reinhold¹¹, Bardili¹²,

de filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus Discursos à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Friedrich Schelling** (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Karl Leonhard Reinhold** (1757-1823): foi um filósofo austríaco que, apoiado na filosofia de Immanuel Kant, fundamentou as teorias especulativas que fundaram o idealismo alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Christoph Gottfried Bardili** (1761-1808): filósofo alemão e primo de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling. Era crítico do idealismo kantiano e propôs seu próprio sistema

Jacobi¹³ ou Hölderlin¹⁴, poderia ser também referida.

Como referi antes, a transformação da lógica em metafísica estava já suposta na lógica transcendental

“

Hegel assume a sua lógica como uma crítica a toda a metafísica, a tomar como absoluta qualquer determinação do pensar

de Kant. Mas vimos que Hegel vai despir esta tese de todo o significado de subjetivista de que ainda se re-

de filosofia, conhecido como realismo lógico (ou racional). (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Carl Gustav Jakob Jacobi** (1804-1851): matemático alemão, que fez contribuições fundamentais para funções elípticas, dinâmica, equações diferenciais e teoria dos números. Seu nome está escrito ocasionalmente como Carolus Gustavus Iacobus Jacobi em seus livros latinos, e seu primeiro nome é dado às vezes como Karl. Jacobi foi o primeiro matemático judeu a ser nomeado professor em uma universidade alemã. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Johann Christian Friedrich Hölderlin** (1770-1843): poeta lírico e romancista alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o espírito da Grécia antiga, os pontos de vista românticos sobre a natureza e uma forma não ortodoxa de cristianismo, alinhando-se hoje entre os maiores poetas germânicos. Em 1788 iniciou seus estudos em Teologia na Universidade de Tübingen, como bolsista. Lá conheceu Hegel e Schelling, que mais tarde se tornariam seus amigos. Devido aos recursos limitados da família e de sua recusa em seguir uma carreira clerical, Hölderlin trabalhou como um tutor para crianças de famílias ricas. Em 1796 foi professor particular de Jacó Gontard, um banqueiro de Frankfurt, cuja esposa, Susette, viria a ser seu grande amor. Susette Gontard serviu de inspiração para a composição de Diotima, protagonista de seu romance epistolar *Hyperion*. Sobre Hölderlin, a **IHU On-Line** publicou a edição número 475, em 19-10-2015, intitulada *Hölderlin. O trágico na noite da Modernidade*, e disponível no link <http://migre.me/sILPN>. (Nota da **IHU On-Line**)

vestia em Kant ou, posteriormente, também em Fichte. Não teremos mais, com Hegel, uma estrutura da razão *a priori*, separada e perante um mundo objetivo *a posteriori*, mas uma geração simultânea de sujeito e objeto que decorre ao longo da *Ciência da Lógica*.

Entre subjetividade e objetividade

Também a ideia, defendida por Hegel, de que o pensar é capaz de uma essencial autonomia corresponde à tese kantiana da autonomia teórica e prática da razão e do entendimento humano. E, principalmente, a tese da autonomia do pensamento segundo Hegel corresponde à tese kantiana conforme foi transformada por Fichte, que compreendeu que, ao se tratar da razão, ou do próprio pensamento, a compreensão de si só pode ser idêntica à produção ou geração de si. A lógica de Hegel descreve então a autoprodução de toda a enunciabilidade e sentido do ente.

Se a modernidade se caracterizou frequentemente como uma filosofia do sujeito, Hegel procura situar-se num ponto anterior à divisão do ente entre a subjetividade e a objetividade, mostrando o absoluto como unidade entre sujeito e objeto, consciência e objeto, pensamento e realidade, mas também entre natureza e liberdade, forma e conteúdo do conhecimento, ação e conhecimento, teoria e prática ou historicidade temporal e validade universal para toda a razão humana.

IHU On-Line - Qual é a importância de “A Ciência da Lógica” para o debate acerca da Lógica e da Metafísica hegelianas?

Diogo Falcão Ferrer - A Ciência da Lógica é o momento em que o pensamento de Hegel assume a sua forma aproximadamente definitiva, em que a lógica se transforma em metafísica, no sentido de que as formas lógicas ou determinações do pensar são apresentadas como princípios do real e de si próprias,

ratio essendi e *cognoscendi* de todo o ente.

Por outro lado, nela também a metafísica está transformada em lógica. No sentido em que os objetos metafísicos não são mais entendidos como transcendentos, ou como essências intuitíveis suprasensíveis, mas como determinações ontológicas que o puro pensar objetivo produz em si próprio.

Hegel entende que a sua lógica objetiva, que engloba as duas primeiras partes da *Ciência da Lógica*, o Ser e a Essência, “vem ocupar o lugar da anterior metafísica”, e é “a sua verdadeira crítica”. A terceira parte da *Ciência da Lógica*, finalmente, o Conceito, corresponde então a uma teoria que se poderia dizer ‘pós-metafísica’, que supõe a crítica da metafísica e expõe a unidade de subjetividade e objetividade.

IHU On-Line - Pode-se dizer que, em Hegel, há uma consumação da metafísica? Por quê?

Diogo Falcão Ferrer - Se entendermos a consumação como realização das possibilidades últimas da metafísica e, ao mesmo tempo, a sua transformação em algo de novo, Hegel consoma, efetivamente, a metafísica. Não seria exagero dizer que, com a sua dialética, Hegel resolve os problemas da metafísica tradicional, na medida em que estes podem assumir a forma de dualidades ou oposições.

Hegel pertence à modernidade, no sentido em que defende a organização de todas as ciências, ou do saber humano, num sistema completo e enciclopédico da razão. A realidade é entendida como regida por uma razão que o sujeito pode conhecer, e que assume a forma da ideia e do espírito absolutos, como sentido e fundamentação última de todo o ser. O espírito absoluto é dotado de um sentido absolutamente claro a si próprio, consiste na plena inteligibilidade conceitual do sujeito e do objeto. Por outro lado, a filosofia de Hegel possui um começo absoluto, sem pressupostos e aponta para um termo,

ou conclusão igualmente absoluta, que compreende finalmente o todo como integridade racional de tudo aquilo que é. Neste sentido, Hegel vem completar a metafísica moderna, como busca sistemática dos princípios e causas últimas do ser e do saber da realidade.

Em contrapartida, esta completude e resolução de problemas é paga ao preço da elevação da negatividade e da dialética até ao cerne do sistema. A unidade racional proposta por Hegel não é uma unidade harmoniosa de uma razão fundamentadora, mas um sistema de diferenças, que só se sustenta porque essas diferenças são enunciáveis como oposições.

“

Não seria exagero dizer que Hegel resolve os problemas da metafísica tradicional

A racionalidade do real é, afinal, a própria contradição em que todos os entes se refletem e opõem entre si.

O começo absoluto, por outro lado, não é um princípio de onde se pudesse deduzir e fundamentar tudo o resto, como ponto arquimediano, mas, pelo contrário, é exposto por Hegel como a mais vazia e insignificante das determinações do pensar. O sistema não é concluído como dedução a partir de um fundamento, mas é construção a partir da crítica a toda a posição unilateral absolutizada, e oposição permanente entre os entes e determinações. A lógica de Hegel é um pensamento que não se enquadra já pelas definições da metafísica moderna, transformando-a numa razão crítica da metafísica, contraditória, processual, que produz as suas

determinações de modo inteiramente imanente ao processo. Neste sentido está além da metafísica moderna, abrindo caminho para vários elementos importantes do pensamento contemporâneo, onde razão e irrazão parecem frequentemente inverter as suas posições.

IHU On-Line - Hoje, qual é a importância da metafísica hegeliana na filosofia política e, igualmente, na pergunta pelo Ser?

Diogo Falcão Ferrer - Poderíamos inscrever a filosofia política de Hegel no conceito de reconhecimento. Aliás, em última instância, toda a sua filosofia pode ser entendida como uma exposição sistemática das consequências deste conceito.

Hegel entende o estado moderno como o que é capaz de realizar o reconhecimento do indivíduo singular nas suas instituições, desde a família, passando pela sociedade civil até o estado. Contrariamente a todas as formas de coletivismo, por um lado, e das instituições pré-modernas, por outro, o pensamento inspirado nas *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*, na *Fenomenologia do Espírito* ou na filosofia da história hegelianas, defende o caráter inalienável do indivíduo singular. Mas também, em contrapartida, e contrariamente ao individualismo e atomismo sociais, Hegel não entende o estado e as instituições em geral como uma coerção e limitação de uma liberdade individual originariamente incondicionada. Muito pelo contrário, o estado e as instituições são a efetivação da liberdade individual e, por isso, as instituições, enquanto são instituições de reconhecimento, são também a manifestação da liberdade e efetivação das possibilidades de realização da razão individual.

Hegel acredita que esta realização da razão é um progresso inerente à história, e um processo crítico e emancipatório interior ao desenvolvimento das culturas realmente existentes. Não pode, por isso, ser efetivada por meio quer

de intervenções externas, quer de uma imposição de tipo revolucionário de princípios racionais radicalmente opostos ao real existente. O real já traz um potencial de racionalidade que deve ser explorado, em termos práticos e teóricos. Aliás, a simples possibilidade de tematização sistemática das condições institucionais e culturais para a realização da razão num estado fundado no reconhecimento, conforme Hegel pretende fazer nas suas obras, demonstra já a presença de condições essenciais da racionalidade do real e de uma parcial efetivação da liberdade, que pode ser então desenvolvida mais além.

Estado racional

O estado representativo - e, acrescentaria eu, penso que sem tirar o espírito do pensamento hegeliano - democrático, dotado de instituições organizadas de reconhecimento do indivíduo é, para Hegel, o estado racional. Este estado pode ser aperfeiçoado, e não obedece com certeza à sua descrição conforme realizada por Hegel em 1820. No entanto, os princípios gerais enunciados permanecem válidos, pelo menos enquanto o sujeito individual, a família e o estado deverem ser reconhecidos como componentes centrais do espírito humano.

O Ser

No que se refere à pergunta pelo ser, Hegel não estaria longe de uma concepção do ser como sentido ou significado. Distancia-se, contudo, de uma fenomenologia hermenêutica como a proposta por Heidegger na medida em que considera possível um pensar sistemático, que parte de um começo sem pressupostos e conduz a uma conclusão, que é o próprio espírito no seu processo de autoconhecimento filosófico. A pergunta pelo ser encontra em Hegel uma resposta como o movimento do conceito que constitui sentido nos diferentes processos do ser e do aparecer.

IHU On-Line - Em que consiste a recepção crítica da metafísica tradicional em Hegel?

Diogo Falcão Ferrer - A *Ciência da Lógica* constrói todas as suas categorias a partir da recepção crítica sistemática de categorias da história da metafísica. Conforme

“

Poderíamos inscrever a filosofia política de Hegel no conceito de reconhecimento

referi atrás, Hegel recebe e sistematiza, dialetizando-as, as categorias da metafísica, sendo a sua função, sobretudo, mostrar como cada categoria remete para uma outra, oposta e contraditória à primeira, sendo que a possibilidade de pensar as duas aponta para a pressuposição de uma categoria de síntese, mais concreta e melhor determinada do que qualquer uma das anteriores.

Diferentemente de Kant, que já tinha feito essa recepção dialética das questões metafísicas, Hegel pensa que a contradição não se aplica somente a algumas categorias selecionadas, mas a todas as categorias da história da metafísica. Mais importante ainda é a conclusão de Hegel de que o resultado da contradição não é a invalidação de todas as teorias metafísicas em geral, como pretendia Kant, mas o progresso da metafísica em direção a categorias cada vez mais concretas e verdadeiras. Na conclusão desse processo estaria a descoberta do conceito por si próprio, como a autointeligibilidade e esclarecimento integral do sentido do ente na ideia e como ideia absoluta.

IHU On-Line - Qual é o impacto da metafísica hegeliana nas discussões filosóficas atuais,

quando se fala, inclusive, em pós-metafísica?

Diogo Falcão Ferrer - Hegel tem sido objeto de algumas “redescobertas” e recuperações, desde há meio século, começando com a hermenêutica de Gadamer¹⁵, que reconhece a importância de temas hegelianos como, por exemplo, o sentido especulativo da linguagem, a importância da consciência histórica e da objetividade e valor cognoscitivo da obra de arte, por exemplo. Encontramos também a redescoberta da teoria hegeliana da subjetividade em pensadores que, como Henrich¹⁶, procuraram resgatar a herança do chamado Idealismo Alemão para a contemporaneidade.

Também a teoria do reconhecimento, a partir da escola de Frankfurt¹⁷, com pensadores como Habermas¹⁸ ou Honneth¹⁹ tem su-

¹⁵ **Hans-Georg Gadamer:** filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da **IHU On-Line** número 9, de 18-03-2002, *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, disponível em <http://migre.me/DtiK>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Dieter Henrich** (1927): filósofo alemão. Um pensador contemporâneo na tradição do idealismo alemão, Henrich é particularmente conhecido para a influência de Kant, Hegel e Fichte em sua obra. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ **Escola de Frankfurt:** Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979), Franz Neumann, entre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁸ **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁹ **Axel Honneth** (1949): filósofo e sociólogo alemão. Desde 2001, é diretor do *Institut für Sozialforschung* (Instituto para Pesquisa Social) da Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt, Alemanha, institui-

blinhado a importância do contributo de Hegel. Mais recentemente, registramos a descoberta de Hegel por alguma filosofia analítica, a cargo de pensadores como Brandom²⁰ ou McDowell²¹, que encontram nos processos de mediação hegelianos suporte para a sua crítica ao mito do dado, e para uma concepção inferencialista e pragmatista da racionalidade.

IHU On-Line - Em que aspectos a crítica de Heidegger à metafísica e, portanto, também a Hegel, é a fonte da qual brota a pós-metafísica?

Diogo Falcão Ferrer - Penso que aquilo que podemos designar como "pós-metafísica" tem diversas fontes. Encontramos elementos centrais para esta tendência filosófica em autores como Nietzsche²², Wit-

ção que abrigou o nascimento da Escola de Frankfurt. A sua produção académica está relacionada a uma teoria do reconhecimento recíproco, descrita na obra *Kampf um Anerkennung. Zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte*, de 1992, publicada no Brasil com o título *Luta por reconhecimento - A Gramática Moral dos Conflitos Sociais* (São Paulo: Editora 34, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Robert Brandom** (1950): é um filósofo que leciona na Universidade de Pittsburgh, Estados Unidos. Trabalha principalmente sobre a filosofia da linguagem, filosofia da mente e lógica. Brandom é conhecido principalmente por seu trabalho em semântica, que defende uma semântica inferencialista, a ideia de que o significado de uma expressão é determinado pela forma como ele é usado nas inferências. Brandom desenvolveu essas ideias em profundidade em seu livro *Making It Explicit* (1994), e mais brevemente em *Articulação de razões: uma introdução ao inferencialismo* (2000). Também publicou uma coletânea de ensaios sobre a história da filosofia. Atualmente, Brandom está trabalhando em um livro sobre a Fenomenologia de Hegel. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **John McDowell** (1942): filósofo contemporâneo. Foi membro do University College da Universidade de Oxford, e atualmente professor na Universidade de Pittsburgh. Embora tenha escrito bastante sobre metafísica, epistemologia e metaética, o trabalho mais influente de McDowell foi em filosofia da mente e filosofia da linguagem. Nos anos da década de 1970, investigou a semântica da linguagem natural. Seu trabalho foi muito influenciado por Ludwig Wittgenstein, Peter Strawson, David Wiggins, Gareth Evans, Wilfrid Sellars e vários outros. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e

Wittgenstein²³, Heidegger²⁴ ou Deleu-

ze²⁵, por exemplo, mas também no próprio Hegel, em Husserl²⁶ e na fenomenologia francesa, entre outras possibilidades.

eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>*. Confirma, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confirma na edição 308 da **IHU On-Line**, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível em <http://bit.ly/ihuon308>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista **IHU On-Line** 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon362>. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006,

intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confirma, ainda, **Cadernos IHU em formação** n° 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confirma, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Edmund Husserl** (Edmund Gustav Albrecht Husserl, 1859-1938): matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Edmund Husserl** (Edmund Gustav Albrecht Husserl, 1859-1938): matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Edmund Husserl** (Edmund Gustav Albrecht Husserl, 1859-1938): matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

O saber que se revela na travessia em direção ao outro

Para o professor e pesquisador Inácio Helfer, encontrar o saber, segundo Hegel, requer procurá-lo na diversidade

Por Márcia Junges | Edição Ricardo Machado

Um sistema filosófico, para Hegel, não pressupunha um conjunto de teses pacíficas e uniformes que levariam a um determinado resultado. Para o filósofo alemão, o que permitia a construção de um sistema filosófico era, justamente, a diversidade. “Faltaria admitir, em primeiro lugar, que os sistemas filosóficos se constituem na e pela diversidade. Que a diversidade lhes é salutar. Que a natureza fluida dos mesmos os constitui como momentos da unidade superior onde todos são mutuamente necessários”, sustenta Inácio Helfer, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Eles não se contradizem tão somente. Com e pela contradição eles apresentam o movimento progressivo necessário do conhecimento em direção ao saber absoluto”, complementa.

Reconhecer as posições antagônicas dos sistemas de pensamento permite com que eles se mantenham livres em sua formação. “A contradição, que é um dos meios mais importantes da travessia do saber ao outro de si, revela que não é na chegada que está a

Coisa mesma, mas na travessia e seu resultado”, argumenta. “Deste modo, por paradoxal que pareça, a identidade da essencialidade encontra-se inicialmente numa outra categoria, encontra-se fora, encontra-se no outro de si mesma”, amplia.

Inácio Helfer é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição - FAFIMC e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Na Universidade Paris 1 - Pantheon-Sorbonne, em Paris, na França, cursou mestrado e doutorado em Filosofia com a tese *La philosophie de l'histoire de Hegel: la fin de l'histoire*. Na Universidade de Montreal, no Canadá, cursou pós-doutorado. Leciona no Departamento de Filosofia da Unisinos. É vice-presidente da Sociedade Hegel Brasileira. Juntamente com Celso Candido organizou a obra *Política e liberdade no século XXI* (Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que consiste o conceito de contradição em Hegel?

Inácio Helfer - No “Prefácio” da *Fenomenologia do Espírito* (Petrópolis: Vozes, 2003), Hegel escreve sobre um fenômeno natural para ilustrar o processo de constituição da vida. Essa passagem ilustra, de certo modo, uma exposição da contradição. Diz ele: “O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se diferenciam, mas também se repe-

lem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. É essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo.”¹ Hegel assinala que há uma constituição operante interna às determinações naturais e que esse processo, de certa forma, é contraditório e necessário. Botão,

¹ HEGEL, G.W.F. *Phänomenologie des Geistes*. “Vorrede”. Neu hrsg. von Hans-Friedrich Wessels und Heinrich Clairmont mit einer Einleitung von W. Bonsiepen, Band 9, Hamburg, F. Meiner, 1988, p. 04. (Nota do entrevistado)

flor e fruto. O botão é refutado pela flor, pois faz desaparecer o botão através de seu desabrochar. A flor é o falso ser-aí da planta, que nega a sua origem na primeira dimensão. O fruto, por sua vez, é a verdade da flor, pois realiza aquilo que a flor não é e nunca poderá ser. O fruto, na sequência do desenvolvimento da planta, é a negação da flor, mas como uma determinação que supera a flor. O botão, a afirmação; a flor, a negação; o fruto, a negação da negação. Tese, antítese e síntese. Positivo, negativo e negativo do negativo. Três posições que existem pela oposição antagônica. Elas não só se diferenciam entre si, mas, também,

se repelem como dimensões incompatíveis. São contraditórias. Por outro lado, e ao mesmo tempo, cada uma é momento necessário da outra. Pois, considerando a natureza fluida da sucessão dos estágios de desenvolvimento da planta, todos são “momentos da unidade orgânica”. Hegel assinala que, a despeito da contradição, há uma necessidade interna que constitui a vida da planta. O conceito de contradição aparece, então, como uma categoria que explica a sucessão necessária dos momentos da planta.

IHU On-Line - Poderia recuperar aspectos da compreensão equivocada desse conceito?

Inácio Helfer - No contexto da *Fenomenologia do Espírito*, ao expor o exemplo da contradição e da necessidade que anima o fluxo da vida de uma planta, Hegel estava mesmo interessado em abordar a diversidade dos sistemas filosóficos e seus desdobramentos. À semelhança dos momentos de desenvolvimento de uma planta, que passa do botão à flor e da flor ao fruto, também os sistemas filosóficos apresentariam contradições e esse movimento seria necessário. No que concerne à contradição, ela não lhes seria banal e sem importância. Ao contrário, ao se posicionarem os sistemas filosóficos diametralmente contrários uns aos outros, contribuiriam para o fluxo progressivo da elaboração do conhecimento filosófico. O problema que Hegel detectava na história do pensamento era justamente o equívoco de posições filosóficas que não aceitavam a diversidade de teorias presentes na filosofia como um “desenvolvimento progressivo da verdade”².

Saber absoluto

Para eles, tal diversidade apresentava apenas a “contradição”, como uma contradição insolúvel, oposições inconciliáveis, irredutíveis e, por isso, sem importância para o avanço do saber. O erro dessa leitura dos sistemas filosóficos residiria, precisamente, no fato de que “a consciência que apre-

ende essa contradição não sabe geralmente libertá-la - ou mantê-la livre - de sua unilateralidade”. Considera a contradição como absoluta e acabada, não havendo possibilidade de diálogo e avanço do saber. O erro estaria no fato de que “nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários”.³ Faltaria admitir, em primeiro lugar, que os sistemas filosóficos se constituem na e pela diversidade. Que a diversidade lhes é salutar. Que a natureza fluida dos mesmos os constitui como momentos da unidade superior onde todos são mutuamente necessários. Eles não se contradizem tão somente. Com e pela contradição eles apresentam o movimento progressivo necessário do conhecimento em direção ao saber absoluto.

Tal era a preocupação de Hegel ao tratar da radiografia da história dos sistemas filosóficos. Importava, pois, a consciência de percorrer a série das suas figuras para conseguir atingir o saber absoluto. Esse percurso não se daria de uma forma retilínea, nem esquizofrênica, mas contraditória e necessária. Saber ver nos diferentes sistemas de pensamento posições antagônicas, contraditórias, mas não unilaterais, seria saber libertá-los e mantê-los livres em sua formação. Para Hegel, alguns pensadores liam a história do pensamento de uma forma equivocada. Estes assinalavam, sobretudo, as determinações fixas do entendimento. Ao invés de colocar em movimento o conhecimento, julgavam sua filosofia, ou a de outros, como verdades acabadas e intransponíveis. Fazendo isso, dizia Hegel, “dão talvez a aparência de estar lidando com o essencial”,⁴ quando na realidade nada mais fazem do que “dar voltas ao redor da Coisa mesma, combinando a aparência de seriedade e de esforço com a carência efetiva de ambos”.⁵ Ler a história dos sistemas de pensamento de uma forma que a contradição esteja contem-

plada, ou que dentro de um mesmo pensamento sejam admitidas e estimuladas figuras de contradição que se resolvem, significa ler com “seriedade” a formação da Coisa mesma. Somente sob este ponto de vista se descobriria que “a Coisa mesma não se esgota em seu fim, mas em sua atualização”.⁶ A conclusão a que se chega é a de que “nem o resultado é o todo efetivo, mas sim o resultado junto com o seu vir-a-ser”.⁷ A contradição, que é um dos meios mais importantes da travessia do saber ao outro de si, revela que não é na chegada que está a Coisa mesma, mas na travessia e seu resultado.

IHU On-Line - Há uma relação entre o princípio de não contradição de Aristóteles⁸ e o conceito de contradição em Hegel?

Inácio Helfer - O tratamento deste tema permite referir uma discussão clássica do conceito de substancialidade que diz relação ao princípio de identidade e não-contradição. Tal como formulado por Aristóteles, “A=A” indica que uma coisa é idêntica consigo mesma e não diz relação a outras. A *Ciência da Lógica* (São Paulo: Barcarolla, 2011) problematiza este princípio através do tratamento do tema da essência e da aparência. Para Aristóteles, pensar a identidade era algo, aparentemente, mais simples. Para Hegel, a identidade concebida nestes termos é uma espécie de abstração do entendimento, que fica vazia sem a mediação da diferença, sem a referência ao diferente. Para pensar a identidade de uma categoria é preciso que ela saia de sua indeterminação abstrata, é necessário concebê-la como estando em vias de percorrer o ca-

² Ibid, p. 5. (Nota do entrevistado)

³ Ibid, p. 5. (Nota do entrevistado)

⁴ **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Ibid, p. 4. (Nota do entrevistado)

⁴ Ibid, p. 5. (Nota do entrevistado)

⁵ Ibid, p. 5. (Nota do entrevistado)

² Ibid, p. 4. (Nota do entrevistado)

minho de sua interiorização, pela diferença que lhe é própria, bem como é necessário conceber que neste movimento a diferença será determinada pela identidade. De um lado, por intermédio do jogo de reciprocidades a diferença da identidade se revelará como identidade determinada e a identidade da diferença se revelará como diferença determinada. Por outro, neste mesmo jogo de reciprocidades, a identidade da diferença se revelará como diferença determinada e a diferença da identidade como identidade determinada. Por intermédio da síntese destes dois movimentos de reciprocidades que se alcança a determinação da identidade diferenciada da identidade e da diferença identificada da diferença.

Lógica da Essência

No contexto da *Lógica da essência*, a irreduzível separação da identidade e da diferença presentes no princípio de não-contradição é subvertida na dinâmica do duplo movimento de integração da identidade e da diferença e da circularidade que se abre no movimento de diferenciação da identidade e da diferença. Segundo o argumento hegeliano, há sempre uma insuficiência e unilateralidade ao conceber uma categoria considerada em si mesma e em seu isolamento. A autonomia imediata de uma categoria se apresenta como um argumento insuficiente. A identidade como presença a si mesma revela-se, por isso, como impossível de ser sustentada. Deste modo, por paradoxal que pareça, a identidade da essencialidade encontra-se inicialmente numa outra categoria, encontra-se fora, encontra-se no outro de si mesma. Uma identidade imediata, como pensava Aristóteles, revela-se uma abstração do

entendimento, que fica vazia sem a mediação da diferença. A posição de "A" somente é idêntica a si mesma pelo fato da existência de um diferente de "A". "A" não seria "A" sem o "não-A".

IHU On-Line - Como a ideia de jogo pode ser pensada a partir de Hegel?

Inácio Helfer - Traduzir as categorias hegelianas de contradição num contexto que não seja o da filosofia, como por exemplo, a do jogo, um jogo de futebol, não é tarefa fácil. Mas, a contradição estaria em tudo, não somente nos objetos resultantes do pensamento. Por isso, penso que a contradição também auxilia a explicar um jogo ou campeonato de futebol. As equipes de futebol têm em comum o fato de buscarem ganhar o jogo, de vencer o campeonato. O que as aproxima é a meta de serem as melhores, situação que se prova, ao fim e ao cabo, pelo saldo positivo de gols e a classificação nas chaves do campeonato.

Assim, o que as reúne é a meta de serem as melhores. Mas, há também algo que as separam, pois, ao fazer isso, cada uma se move no sentido de garantir para si o saldo favorável de gols, ou de serem as melhores classificadas em sua chave, de serem, portanto, as melhores no campo e no campeonato e, com isso, de procurarem a derrota do adversário. O empate de gols representa, em geral, uma frustração para ambas. Quando há uma diferença, tem-se um vencedor naquele jogo, que, em última análise, é a afirmação de uma equipe em relação à outra. Por isso, as equipes manifestam posições opostas num jogo, num campeonato. A vitória de uma, significa a derrota da outra, e vice-versa. A contradição torna-se manifesta. Contudo,

aparentemente, é ela que anima a mágica da disputa. Pois, se não houvesse quem vencer, não haveria razão para jogar. Poderíamos, assim, afirmar que uma equipe representa uma posição. A outra, a sua antítese. A síntese é o resultado que advém do jogo ou do campeonato. Um jogo de futebol ou um campeonato se apresentam, deste modo, como uma contradição em resolução, que, no final, se resolve com a vitória de uma das equipes.

IHU On-Line - E quais são os nexos que podem ser estabelecidos entre contradição e jogo?

Inácio Helfer - Uma partida de futebol ou um campeonato revelam, assim, posições bem definidas. Temos a afirmação da determinação de cada equipe que busca a vitória para si através do empenho de seus jogadores, observando as regras, submetendo-se ao árbitro. Temos técnicos que orientam os seus jogadores no sentido de aproveitar as suas potencialidades individuais e coletivas em vista da vitória. Temos técnicos que orientam os seus atletas no sentido de inibir, dificultar e impedir os jogadores adversários de alcançarem o sucesso em campo. Temos as torcidas que apoiam o seu clube, os seus jogadores, o seu técnico, sempre em vista de sua vitória. Tais posições definidas revelam que a ação de uma equipe é contrária a ação da outra. Mas, revela também que uma equipe não pode se afirmar sem a existência deste movimento contrário da adversária. Sem a negação do esforço de conquista da vitória de uma, não há propriamente vitória. A vitória e a derrota andam juntas. A afirmação e a negação fazem parte do jogo. Bem como a negação da negação, que é o resultado do mesmo. ■

LEIA MAIS...

- *Laicização, secularização e comunitarismo*. Entrevista com Inácio Helfer publicada na Revista IHU On-Line, nº 426, de 02-09-2013, disponível em <http://bit.ly/1qZINYN>.
- *"A filosofia transborda em Cirne-Lima"*. Entrevista com Inácio Helfer publicada na Revista IHU On-Line, nº261, de 09-06-2008, disponível em <http://bit.ly/1RqW5rJ>.

Conhecer a verdade para reconhecer o déspota

Paulo Konzen aprofunda o pensamento sobre conceitos-chave na filosofia de Hegel, como de Lüge (mentira), Täuschung (ilusão ou engano) e Betrug (fraude ou impostura)

Por Márcia Junges | Edição Ricardo Machado

A densidade do pensamento de Hegel exige compreender detalhadamente os conceitos que trabalha, pois são o alicerce de temas ainda prementes em nossas sociedades. “Os conceitos de mentira (*Lüge*) e de veracidade (*Wahrhaftigkeit*), entre outros, foram muitas vezes apresentados e analisados ao longo da História da Filosofia. Na obra de Hegel (*Hegel Werke*), os citados conceitos são empregados em vários de seus escritos. Mas, aqui, convém destacar, por exemplo, a expressão ‘*Cada um deve [soll] falar a verdade*’. No caso, Hegel ressalta, por exemplo: ‘que se diga a verdade depende do fato contingente de que eu a conheça e de que possa convencer-me dela’”, explica Paulo Konzen, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Longe de um olhar ligeiro sobre a questão da verdade, Hegel busca questões mais de fundo e os jogos de poder que estão implicados nas práticas discursivas. “Hegel critica os déspotas ou o despotismo, sobretudo os assim denominados ‘déspotas opressores’, que ‘humilham e oprimem’, ‘iludem’ ou ‘enganam’ (*täuschen*) o seu povo,

isto é, que produzem a ‘ilusão do povo’ (*Volkstäuschung*), o ‘engano’ (*Betrug*), a ‘estupidez e confusão do povo’”, destaca o entrevistado. “Trata-se do problema de induzir alguém em erro ou de enganá-la, buscando, por exemplo, como fim, manter ou aumentar seu poder sobre o indivíduo”, complementa.

Paulo Roberto Konzen é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Realizou pós-doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. É membro da Sociedade Hegel Brasileira - SHB e leciona na Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Autor de diversos livros e artigos, dos quais destacamos *Democracia, política, representação: ensaios filosóficos* (Porto Alegre: Editora Fi, 2014), *O Conceito de Liberdade de Imprensa ou de Liberdade da Comunicação Pública na Filosofia do Direito de G. W. F. Hegel* (Porto Alegre: Editora Fi, 2013) e *Justiça, Direito e Ética Aplicada: VI Simpósio Internacional sobre Justiça* (Porto Alegre: Editora Fi, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que significam os conceitos hegelianos de Lüge (mentira), Täuschung (ilusão ou engano) e Betrug (fraude ou impostura)?

Paulo Konzen - Os conceitos de mentira (*Lüge*), de ilusão ou engano (*Täuschung - Betrug*) e de

fraude ou impostura (*Betrug*), ou os verbos mentir (*lügen*) e iludir ou enganar (*täuschen - betrügen*), em Hegel, são todos expostos e relacionados diretamente com os conceitos de verdade (*Wahrheit*) e de veracidade (*Wahrhaftigkeit*), os quais, entre outros aspectos, são elementos essenciais para com-

preender a sua Filosofia do Direito ou Filosofia Política, que apresentam muitos elementos atuais para nossos dias. Além disso, todos são usados com rigor para esclarecer, por exemplo, a questão do suposto “dever [ou obrigação] de dizer a verdade” (*Pflicht die Wahrheit*

“

Para Hegel, mentir é conhecer a verdade, estar convencido dela e falar o contrário da verdade

zu sagen), segundo Kant.¹ Sobre isso, inclusive, convém ressaltar a diferença, para Hegel, entre os substantivos alemães *Pflicht* e *Verpflichtung* (obrigação), usados mais no âmbito do “Direito Abstrato” ou “Direito Legal”, do verbo *sollen* (dever) e do substantivo *Sollen* (dever-ser), usados mais na “Moralidade” ou “Direito Moral” e na “Eticidade” ou “Direito Ético”. Trata-se da distinção entre princípios legais ou jurídicos, morais e éticos. Inclusive, Hegel procura mostrar que a suposta “obrigação” (*Pflicht*), “máxima” (*Gebot*) ou “sentença” (*Satz*) incondicionada (*unbedingt*) de Kant envolve vários aspectos complexos e determinantes. Por exemplo, a declaração: “Cada um deve falar a verdade” (*Jeder soll die Wahrheit sprechen*), segundo Hegel, requer antes por parte do falante o respectivo co-

nhecimento e convencimento da dita verdade para que a ação possa ser realizada devidamente.

Assim, em resumo, para Hegel, mentir é conhecer a verdade, estar convencido dela e falar o contrário da verdade, procurando enganar ou iludir o ouvinte. Ou seja, é importante esclarecer o suposto imperativo de veracidade ou veridicidade (*Wahrhaftigkeit*), pois, no caso, o contrário de mentira é o dizer verdadeiro ou o querer-dizer verdadeiro. Ora, para mentir, no sentido estrito e clássico do conceito, é preciso saber a verdade e deformá-la intencionalmente. Assim sendo, mentira é o nome dado às afirmações ou negações falsas ditas por alguém que sabe de tal falsidade e que espera que os ouvintes acreditem nos seus dizeres. Logo, querer mentir é querer enganar, isto é, ao mentir, alguém sempre vai querer enganar intencional e conscientemente o outro, por exemplo, sabendo o que altera ou omite de forma deliberada. Trata-se, portanto, da relação direta entre os conceitos citados, inclusive com a questão da “liberdade de comunicação pública” (*Freiheit der öffentlichen Mitteilung*) e da “liberdade de imprensa” (*Pressefreiheit*), expostos, em Hegel, sobretudo como *Bildungsmittel* (meio de formação/cultura), isto é, como “meio” (*Mittel*) de “elevar” ou “aprimorar” (*erheben, ausbilden*) o “grau de formação/cultura” (*Bildungsstufe*) dos indivíduos, tema da minha tese.²

2 KONZEN, Paulo Roberto. *O Conceito de Liberdade de Imprensa ou de Liberdade da Comunicação Pública na Filosofia do Direito de G. W. F. Hegel*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2013. Disponível em: <http://media.wix>

IHU On-Line - Quais são as peculiaridades que caracterizam esses conceitos?

Paulo Konzen - A exposição e compreensão dos conceitos citados envolve, sobretudo, a análise feita por Kant. Isto é, convém conhecer a análise kantiana sobre o chamado “dever [ou obrigação] de dizer a verdade” (*Pflicht die Wahrheit zu sagen*) para, então, conseguir apreender devidamente o que Hegel discorreu sobre esses conceitos essenciais de sua Filosofia do Direito ou Filosofia Política.

Ora, em 1797, Kant, em seu opúsculo intitulado *Sobre um Suposto Direito de Mentir por Filantropia [ou por Amor à Humanidade]* (*Über ein vermeintes Recht aus Menschenliebe zu lügen*)³, escreve o seguinte: “é um mandamento da razão [*Vernunftgebot*] sagrado [*heiliges*], que ordena [*gebietendes*] de forma incondicional [*unbedingt*] e que não é limitado por nenhuma conveniência: [a saber,] ser verídico (honesto) [*wahrhaft (ehrlich)*] em todas as declarações”. E, depois, ele ainda reitera: “o indivíduo não é nisso livre para escolher: porque a veracidade [*Wahrhaftigkeit*] (quando ele necessita falar) é um dever incondicionado [*unbedingte Pflicht*]”.

Assim, para Kant, seria sempre necessário dizer a verdade ou não mentir e isso em qualquer caso ou circunstância, pois assim exigiria o formalismo e a deontologia do imperativo categórico. Com isso, muitos autores defendem que Kant, em seu opúsculo *Sobre um Suposto Direito de Mentir por Filantropia [ou por Amor à Humanidade]*, estaria defendendo de forma taxativa

[com/ugd/48d206_b587dd42de9c4ff28a-758df3f973b3f1.pdf](http://www.ihuonline.org.br/ihuon/48d206_b587dd42de9c4ff28a-758df3f973b3f1.pdf) (Nota do entrevistado)

3 KANT, Immanuel. *Über ein vermeintes Recht aus Menschenliebe zu lügen*. Berlin: Walter de Gruyter, 1968. (Nota do entrevistado)

4 Interessante observar a tradução do termo alemão *Menschenliebe* por “filantropia” (isto é, filo = amor + antropia = humanidade ou ser humano), sentido que Kant tem em vista: amor à humanidade ou ao ser humano. (Nota do entrevistado)

1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da IHU On-Line)

que mentir é sempre errado, independente das circunstâncias e das consequências da ação de dizer a verdade. Ora, no caso, por exemplo, Kant negaria veementemente o direito de mentir até no caso de um assassino bater na nossa porta procurando um amigo que escondemos por estar fugindo exatamente desse criminoso.⁵

Linguagem ambígua

Sobre isso, existe a discussão, entre os comentadores de Kant, se ele defendeu ou não a possibilidade de “recorrer a uma linguagem ambígua” (que talvez seria ou não certa mentira ou ocultação da verdade) ou mesmo do “conceito de mentir em caso de necessidade”, enquanto “justificado a mentir por necessidade”. Trata-se, porém, de aspectos que não são possíveis expor e analisar aqui, dado o espaço, recomendando a leitura de meu artigo sobre o presente tema.

Além disso, Kant declara que “a mentira” (*die Lüge*) é uma “declaração intencionalmente não verdadeira” (*vorsetzlich unwahre Declaration*). No caso, destaca-se, sobretudo, a afirmação de que a mentira é algo intencional ou deliberado (*vorsetzlich*). São todos aspectos relevantes que irão influenciar a definição do conceito hegeliano de mentira, de verdade e de veracidade.

IHU On-Line - Em que circunstâncias Hegel os emprega em seus escritos?

Paulo Konzen - Os conceitos de mentira (*Lüge*) e de veracidade (*Wahrhaftigkeit*), entre outros, foram muitas vezes apresentados e analisados ao longo da Histó-

⁵ Em suma, sobre isso, Kant ainda afirmou no opúsculo citado: “não reconhece a veracidade como dever em si mesmo, porém reserva para si exceções a uma regra que, em sua essência, não é passível de nenhuma exceção”. Consta, ainda, que Kant também afirmou: “*Tu não debes mentir* (nem mesmo na mais piedosa das intenções)” (KANT, I. Verkündigung des nahen Abschlusses eines Traktats zum ewigen Frieden in der Philosophie. 1796. In: *Werke*, v. 3. p. 504). (Nota do entrevistado)

ria da Filosofia. Na obra de Hegel (*Hegel Werke*), os citados conceitos são empregados em vários de seus escritos. Mas, aqui, convém destacar, por exemplo, a expressão “*Cada um deve [soll] falar a verdade.*” (“*Jeder soll die Wahrheit sprechen.*”), citada entre aspas, na *Fenomenologia do Espírito*, de 1806/07, em que Hegel remete ao problema da suposta “obrigação [Pflicht]”, enunciada como incondicionada [*unbedingt*]”, por Kant, analisando diretamente os elementos envolvidos na questão. No caso, Hegel ressalta, por exemplo: “que se diga a verdade depende do fato contingente de que eu a conheça e de que possa convencer-me dela”; além disso, enfatiza a questão de não poder “dizer o verdadeiro e o falso misturados”.

Contudo, diante disso, como sa-

“

Hegel critica os déspotas ou o despotismo

ber se a permissão de mentir ou recusar a verdade seria ou não cometer um crime antes mesmo do assassino cometer o crime dele? Como saber, então, como Kant inclusive cogita, de que ao falar a verdade estaria até mesmo talvez evitando o crime, dado que meu amigo teria antes fugido do ambiente da casa em que tinha se escondido?

Mentira

Ora, sobre isso, Hegel fala sobre “mentir” (*lügen*) e “mentira consciente” (*bewußte Lüge*) e dos conceitos de “engano” ou “impostura” (*Betrug*) [ou enganar (*betrügen*)] e “ilusão” (*Täuschung*) [ou iludir (*täuschen*)], lembrando mesmo da então famosa pergunta, formulada já na época de Kant, a saber: “se era permitido iludir [ou enganar]

um povo” (*ob es erlaubt sei, ein Volk zu täuschen*). Como veremos, em resumo, segundo Hegel, deveríamos nos orientar pela verdade e não nos deixar levar por qualquer *Lüge* (mentira), *Täuschung* (ilusão ou engano) e *Betrug* (fraude ou impostura) ou, igualmente, por *Blendwerke* (ilusões, fantasmagorias) e *Illusionen* (ilusões).

Imposturas

Além disso, cabe destacar que já em *Iena*, na *Fenomenologia do Espírito*, isto é, já antes de 1807, Hegel critica os déspotas ou o despotismo, sobretudo os assim denominados “déspotas opressores”, que “humilham e oprimem”, “iludem” ou “enganam” (*täuschen*) o seu povo, isto é, que produzem a “ilusão do povo” (*Volkstäuschung*), o “engano” (*Betrug*), a “estupidez e confusão do povo”. Cabe destacar, inclusive, que o autor associa ao viés despótico também o então “sacerdócio enganador” (*betrügenden Priesterschaft*), a “impostura” ou a “enganação de um sacerdócio” (*Betrugs einer Priesterschaft*) e/ou o “engano dos sacerdotes” (*Pfaffenbetrug*), tendo, no caso, os termos *Täuschung* e *Betrug* a acepção de ilusão, engano, impostura, intrujice, fraude, embuste, burla, logro, trapaça, tramoia. Trata-se do problema de induzir alguém em erro ou de enganá-la, buscando, por exemplo, como fim, manter ou aumentar seu poder sobre o indivíduo.

Devido à possível existência de sacerdotes, déspotas, etc. enganadores, opressores, que enganam, oprimem, fica manifesto o grande problema da possibilidade de enganar/iludir o povo ou, antes, os Estados, as corporações, as famílias, os indivíduos ou, enfim, todos nós. Eis a razão pela qual, sobre tal problema, já na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel afirma a questão que o acompanha ao longo de toda a sua vida, a saber:

Quando foi formulada a pergunta geral *se era permitido enganar*

[ou iludir] um povo [ob es erlaubt sei, ein Volk zu täuschen], a resposta de fato precisaria ser que a questão não serve, porque nisso é impossível enganar [ou iludir] um povo [weil es unmöglich ist, hierin ein Volk zu täuschen].

Ora, Hegel repete a mesma questão, em 1820/21, na *Filosofia do Direito*, reiterando as afirmações apresentadas na *Fenomenologia do Espírito*:

Um grande espírito submeteu à resposta pública a questão *se era permitido enganar [ou iludir] um povo [ob es erlaubt sei, ein Volk zu täuschen]* {Frederico II, por sugestão de d’Alembert, propôs, em 1778, a questão para a Academia de Berlim[: *s’il peut être utile de tromper un peuple?*]}. Precisar-se-ia responder que um povo não se deixa enganar [ou iludir] [*sich nicht täuschen lassen*] a propósito de seu fundamento substancial, de sua *essência* e do caráter determinado de seu espírito, mas sobre a maneira como ele sabe isso e julga segundo essa maneira suas ações, seus acontecimentos etc. - ele é enganado [ou iludido] [*getäuscht*] *por si mesmo*.⁶

Hegel, nas duas passagens, expõe exatamente as mesmas palavras, a saber: “*ob es erlaubt sei, ein Volk zu täuschen*”, *ressaltando nos dois textos a impossibilidade de um*

povo (Volk), enquanto povo (versus população), ser enganado ou iludido. Contudo, para evitar o engano, a ilusão, segundo afirmação na *Fenomenologia do Espírito*, urge que os membros do Estado, enquanto povo ou cidadãos, por exemplo, participem ou tomem consciência

“

Trata-se do problema de induzir alguém em erro ou de enganá-la

da vida pública, pois, de tal modo, a “consciência-de-si [ou a autoconsciência - *Selbstbewußtsein*] universal” não se deixará enganar ou iludir; isto é, para Hegel, “essa consciência-de-si [ou autoconsciência] universal não deixa que a defraudem [ou a enganem - *betrügen*] na [sua] *efetividade* pela *representação* da obediência sob leis *dadas por ela mesma*”. Em suma, por ser algo dado ou posto pela própria autoconsciência, com respectiva consciência, não é possível o engano ou a ilusão por outrem.

Filosofia do Direito

Além disso, no § 140 A, da *Filosofia do Direito*, Hegel fala da vinculação entre “inverdade” ou “não verdade” (*Unwahrheit*) e o “artifício de enganação” (*Kunststück des Betrugs*). Isto é, *no caso, o autor relaciona o processo de enganar (betrogen) ou de enganação (Betrugs) com a questão de mentir de forma consciente ou deliberada.*

Em seguida, no § 236 da Filosofia do Direito, Hegel fala que toda pessoa, sujeito e/ou cidadão, enquanto parte do “público” (*Publikum*), possui o “direito de não vir a ser enganado” (*Recht, nicht betrogen zu werden*). Assim, retoma-se ou reitera-se o conteúdo acima sobre enganar/iludir. Por fim, convém re-

gistrar que, nos *Escritos de Berlim*, consta ainda a frase: “Mentira bela; - o que se pode pedir ao seu público. (Liberdade de imprensa - se é permitido iludir [ou enganar = *täuschen*] o povo)”, remetendo ao problema visto acima.

Além disso, na *Filosofia do Direito*, Hegel ressaltou a questão de que precisa haver “*gediegene und gebildete Einsicht*”, isto é, “discernimento sólido e culto” ou devida “cultura” (*Bildung*). Isto é, se deve garantir a comunicação, a publicidade ou publicização da informação, a fim de desenvolver uma apropriada ou a melhor formação ou cultura possível.

Formação/Cultura

Assim, em Hegel, unem-se os conceitos de “discernimento culto”, de “opinião culta”, de “consciência culta”, de “vontade culta”, de “homem ou ser humano culto”, de “povo culto”, de “nação culta”, de “humanidade culta” etc., todos vinculados ao conceito de “publicidade”, no caso, enquanto “meio de formação/cultura”. Ora, na *Filosofia do Direito*, no § 319, a publicidade é vinculada diretamente com o conceito de “liberdade de comunicação pública” e, no § 319 A, com o de “liberdade de imprensa”, expostos sobretudo como um “meio” de “elevar” ou “aprimorar” o “grau de formação/cultura” tanto dos indivíduos (enquanto pessoas, sujeitos, membros de uma família, de uma sociedade e de um Estado [isto é, enquanto cidadãos]), quanto dos povos, das nações e/ou da humanidade⁷. Assim, mostra-se como a comunicação ou a imprensa, nas suas diversas formas ou mídias, é e/ou pode ser efetivamente um meio de formação/cultura, e não de mentira, en-

6 HEGEL. *FD*. 2010. § 317 A, p. 291: 7/485: “Ein großer Geist hat die Frage zur öffentlichen Beantwortung aufgestellt, *ob es erlaubt sei, ein Volk zu täuschen* * {Friedrich II.; Preisfrage der Berliner Akademie von 1778, von d’Alembert angeregt[: *s’il peut être utile de tromper un (le) peuple?*]}. Man mußte antworten, daß ein Volk über seine substantielle Grundlage, das *Wesen* und bestimmten Charakter seines Geistes sich nicht täuschen lasse, aber über die Weise, wie es diesen weiß und nach dieser Weise seine Handlungen, Ereignisse usf. beurteilt, - *von sich selbst getäuscht wird*”. * Jean Le Rond d’Alembert (1717-1783) foi filósofo, matemático e físico francês, que editou, em 1772, com Denis Diderot, a *Encyclopédie*, a primeira enciclopédia publicada na Europa. Segundo consta, em 22.09.1777, em uma carta ao rei da Prússia, Friedrich II, escreveu: “Des questions très intéressantes et très utiles, celle-ci par exemple: *S’il peut être utile de tromper le peuple?*”.

7 R.: *gebildete Einsicht; gebildete Meinung; gebildete Bewußtsein; gebildete Wille; gebildete Mensch; gebildete Volks; gebildete Nation; gebildete Menschheit; Öffentlichkeit; Bildungsmittel; Freiheit der öffentlichen Mitteilung; Pressefreiheit; Mittel; erheben; ausbilden; Bildungsstufe.*

gano ou ilusão, como muitas vezes aparece ou infelizmente acontece.

Em Hegel, o cidadão ou o povo deve ser bem informado sobre as questões de ordem pública, pois quando informado ele não se deixa enganar ou iludir. No entanto, no caso, fica a pergunta: Sabemos que um cidadão ou um povo encontra-se devidamente culto ou informado, quando ele não se deixa mais iludir ou enganar ou, então, só podemos saber que não está devidamente culto ou informado quando se deixa iludir ou enganar?

Por fim, é importante destacar a grande e atual preocupação de Hegel com a questão da possibilidade de enganar ou iludir, relacionando assim os conceitos citados de *Lüge*, *Täuschung* e *Betrug*, e vinculando tal prática, sobretudo, com indivíduos ou governos despóticos, que usam e abusam da falta de informação, de esclarecimento e/ou de “formação” ou “cultura” (*Bildung*) para gerar mais e mais “dominação” (*Beherrschung - Herrschaft*), “servidão” (*Knechtschaft*) e/ou até “escravidão” (*Sklaverei*), aspectos importantes e atuais.

IHU On-Line - Quais são as influências filosóficas de Hegel ao empregar esses conceitos em sua obra?

Paulo Konzen - Os conceitos hegelianos sofrem influência de praticamente todos os filósofos anteriores, mas, em especial, no caso, destaca-se o pensamento de Kant, sem esquecer os autores clássicos gregos, do *Aufklärung*⁸ (Iluminis-

⁸ **Iluminismo:** movimento intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado “século das luzes”) que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Foi um movimento que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos. O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do Homem e da Razão. Os iluministas acreditavam que a Razão seria a explicação para todas

as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (Nota da **IHU On-Line**)

mo, Esclarecimento) e do Idealismo Alemão.⁹

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

“
É importante destacar a grande e atual preocupação de Hegel com a questão da possibilidade de enganar ou iludir

Paulo Konzen - Sobre os conceitos analisados, é interessante destacar uma afirmação de Hannah Arendt,¹⁰ que declara:

Sigilo e ilusão [*Täuschung*] - o que diplomaticamente é chamado de

as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Idealismo:** é uma corrente filosófica que emergiu apenas com o advento da modernidade, uma vez que a posição central da subjetividade é fundamental. Seu oposto é o materialismo. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Hannah Arendt** (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os Estados Unidos, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. A edição mais recente da **IHU On-Line** que abordou o trabalho da filósofa foi a 438, *A Banalidade do Mal*, de 24-03-2014, disponível em <http://bit.ly/ihuon438>. Sobre Arendt, confira ainda as edições 168 da **IHU On-Line**, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível em <http://bit.ly/ihuon168>, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, disponível em <http://bit.ly/ihuon206>. (Nota da **IHU On-Line**)

discrição ou também de ‘arcana imperii’ [os mistérios do governo] - a saber, a falsidade deliberada e o mentir [*Lügen*] descarado, são usados como meios legítimos para alcançar fins políticos desde os primórdios da história documentada. Veracidade [*Wahrhaftigkeit*] nunca se conta entre as virtudes políticas, e a mentira [*Lüge*] valeu sempre um meio legítimo na política. Quem pensa sobre o assunto, pode apenas se surpreender com a pouca atenção que tem sido dada a isso no transcurso de nosso pensamento filosófico e político...¹¹

Trata-se de protesto contundente, criticando devidamente o problema da ilusão ou do engano (*Täuschung*), da falsidade deliberada (*gezielte Irreführungen*), do mentir descarado (*blanke Lügen*), da falta de veracidade (*Wahrhaftigkeit*), por exemplo, na política. No entanto, dizer que o assunto ou o problema em questão é algo que recebeu “pouca atenção” (*wenig Aufmerksamkeit*) na história do pensamento filosófico e político parece desprezar ou não valorizar, por exemplo, o que Kant e Hegel afirmaram, como vimos rapidamente acima. Ora, os conceitos de mentira (*Lüge*) e de veracidade (*Wahrhaftigkeit*), junto com os conceitos de honestidade (*Ehrlichkeit*), de probidade (*Redlichkeit*) e de sinceridade (*Aufrichtigkeit*), entre outros, foram muitas vezes apresentados e analisados ao longo da História da Filosofia, cujo resgate total ou detalhado talvez ainda convém realizar. ■

¹¹ ARENDT, Hannah. *Wahrheit und Lüge in der Politik: zwei Essays*. München: Piper, 1972. p. 8. [Tradução Pessoa]: „Geheimhaltung nämlich und Täuschung – was die Diplomaten Diskretion oder auch ‚arcana imperii‘, die Staatsgeheimnisse, nennen -, gezielte Irreführungen und blanke Lügen als legitime Mittel zur Erreichung politischer Zwecke kennen wir seit den Anfängen der überlieferten Geschichte. Wahrhaftigkeit zählte niemals zu den politischen Tugenden, und die Lüge galt immer als ein erlaubtes Mittel in der Politik. Wer über diesen Sachverhalt nachdenkt, kann sich nur wundern, wie wenig Aufmerksamkeit man ihm im Laufe unseres philosophischen und politischen Denkens gewidmet hat...“.

A inspiração de Hegel em Platão: a construção de uma teoria da razão dialética

Para Eduardo Luft, a necessidade de beber da fonte das contribuições platônicas deriva dos impasses do próprio pensamento hegeliano

Por Márcia Junges | Edição Leslie Chaves

Ampliar os horizontes das elaborações teóricas acerca da razão, afastando-se do dualismo e assumindo a probabilidade da existência de variados matizes na realidade. Essa é uma das principais heranças que o pensamento de Platão ofereceu às reflexões de Hegel na construção da Lógica, que inicialmente pretendia desenvolver uma teoria da razão universal orientada à máxima determinação do pensamento e do ser. De acordo com Eduardo Luft, esse movimento de olhar para trás na linha do tempo histórica “significa um modo de revisitar as fontes da tradição dialética e redescobrir suas possibilidades não pensadas, na busca por uma teoria da razão universal *sem viés*”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Luft ressalta que a assunção do aspecto da divergência e do que não é exato e, portanto, está aberto a mais de uma interpretação, via reflexões do Platão tardio, motiva Hegel a pensar uma nova teoria da razão universal. “Esta é a importância do retorno a Platão: ele pode inspirar a tarefa de construção de uma teoria da razão *sem viés para o Uno*, que não privilegia os traços do Uno - identidade, invariância

e determinação - em relação aos traços do Múltiplo - diferença, variação e subdeterminação; enfim, uma teoria estritamente dialética da razão”, explica. Para o estudioso, um dos elementos mais significativos dessa virada reflexiva é que “pensar uma teoria da razão dialética abre espaço para uma outra compreensão do sistema de filosofia, para sua reestruturação global”.

Eduardo Luft é graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, mestre e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com estágio doutoral na Universidade de Heidelberg e pós-doutorado na Universidade de Frankfurt, ambos na Alemanha. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Entre suas obras destacam-se *Sobre a coerência do mundo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005), *As sementes da dúvida: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana* (São Paulo: Mandarim, 2001) e *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel* (Porto Alegre: Edipucrs, 1995), além de vários trabalhos em revistas científicas.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que a rota “na contramão da história”, indo de Hegel ao Platão tardio¹, pode re-

¹ **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista As

implicações éticas da cosmologia de Platão, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada **Platão**. A totalidade em movimento, disponível em <http://bit.ly/xdSEVn>. A questão da cronologia das obras de Platão ainda continua a gerar opiniões conflitantes. Análises estilométricas dos diálogos demonstram que eles podem ser agrupados em três categorias definidas como obras do período Inicial, Médio e Tardio, em-

velar sobre a filosofia do pensador alemão?

Eduardo Luft - A necessidade de um retorno a Platão, desta caminhada na contramão da história, brota de impasses do próprio pen-

bora exista este consenso comum, não há nenhum consenso sobre a ordem que as obras devem figurar em seus respectivos grupos. (Nota da **IHU On-Line**)

“

Enquanto o pensar analítico almeja a utopia de um discurso de saída imune a contradições, o pensar dialético opera aceitando a possibilidade de contradições em busca de sua superação

samento hegeliano. Penso, sobretudo, na falha do tratamento da contingência no coração do sistema de filosofia, a *Ciência da Lógica*², como bem denunciou o Schelling³ tardio, com conseqüências muito pesadas para as demais partes do sistema.

Não que Hegel não tenha apresentado uma teoria da contingência, como pensava Schelling, mas a contingência era tematizada na *Lógica* como a marca do déficit de determinação ou incompletude da situação de início do processo dialético - o começo da *Lógica*, por exemplo, marcado pelo caráter ainda de mera pressuposição do que será reposto e provado dialeticamente ao final da obra -, um fator a ser superado e afastado à medida que avançamos no percurso de autodeterminação da razão.

A *Lógica* hegeliana pretende desenvolver uma teoria da razão absoluta que ordena tanto o pen-

² **Ciência da Lógica**: obra de Hegel publicada em três volumes, entre 1812 e 1816, em Heidelberg, Alemanha. É considerada a primeira parte do sistema hegeliano, reunindo em uma estrutura dialética os argumentos metafísicos e filosóficos. (Nota da IHU On-Line)

³ **Friedrich Schelling** (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da IHU On-Line)

samento quanto a realidade. Esta razão universal opera por um processo de autodeterminação orientado para sua própria manifestação completa ou absoluta, para a máxima determinação do pensamento e do ser. Trata-se de uma teoria da razão marcada pelo que denomino *viés para o Uno* ou para a ordem.

O retorno a Platão significa um modo de revisitar as fontes da tradição dialética e redescobrir suas possibilidades não pensadas, na busca por uma teoria da razão universal *sem viés*.

IHU On-Line - Como podemos compreender esse Platão tardio? O que o caracteriza?

Eduardo Luft - A dialética pode ser compreendida como uma longa meditação sobre o problema do não-ser. A teoria grega do ser ou ontologia não era apenas uma teoria geral da existência, mas uma teoria da existência permeada pelo *logos* ou razão universal. Platão levou muito a sério o desafio colocado pelos Sofistas⁴, a pergunta pela relação entre a suposta ordem que emanaria desta razão universal e a

⁴ **Sofistas**: grupos de mestres que não eram gregos, pois não podiam participar da democracia ateniense, que viajavam de cidade em cidade discursando para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no *logos* ou discurso, com foco em estratégias de argumentação. Os mestres sofistas alegavam que podiam “melhorar” seus discípulos, ou, em outras palavras, que a “virtude” seria passível de ser ensinada. Protágoras, Górgias e Isócrates estão entre os primeiros sofistas conhecidos. (Nota da IHU On-Line)

realidade enigmática que se apresenta diante de nós.

Como pode haver no mundo a presença do não-ser ou, na terminologia do Platão tardio, dos traços característicos do *Múltiplo* - diferença, variação e subdeterminação - se a razão universal determina tudo o que nela cai, e se as entidades em que a razão se manifesta mais plenamente, os seres que exemplificam a forma mais plena de existência, são justamente aqueles que realizam a identidade pura da autorreferência, os existentes que são “*auta kath’ hauta*” (“(em) si mesmos (e) para si mesmos”)?

A primeira resposta de Platão a este enigma é o dualismo: a teoria das ideias contrapõe a tendência à desordem e subdeterminação da esfera sensível à ordem e determinação do inteligível. É por sua participação na força ordenadora da ideia que os fenômenos não se perdem no puro caos. Mas a obra de Platão não termina aqui. O filósofo passou, na verdade, por um longo processo de formação. Este dualismo que vemos na teoria das ideias e que, de alguma forma, será revivido na contraposição hegeliana entre *Lógica* e Filosofia do Real, foi criticado pelo próprio Platão no diálogo *Parmênides*. A consequência desta crítica foi a introjeção paulatina do não-ser na própria teoria dos primeiros princípios. Os traços característicos do não-ser - diferença (alteridade) e variação (movimento) - são elevados a gêneros supremos no *Sofista*.

A minha hipótese é que a introjeção destes traços no âmago da razão forçaram Platão a ampliar e repensar o próprio conceito de razão ou do *logos* universal. O tipo de racionalidade pensada pela dialética precisa incluir a possibilidade do não-ser, e o próprio conceito de razão tem de ser reconstruído. É bonito acompanhar esta evolução em Platão: se no *Sofista* ainda há uma assimetria entre ser e não-ser, já que apenas o primeiro é pensado também como o ser ab-

soluta ou o Uno, no *Filebo*⁵ aparece a ousada tese da simetria radical entre ser e não-ser ou entre o Uno e o Múltiplo. Esta é a importância do retorno a Platão: ele pode inspirar a tarefa de construção de uma teoria da razão *sem viés para o Uno*, que não privilegia os traços do Uno - identidade, invariância e determinação - em relação aos traços do Múltiplo - diferença, variação e subdeterminação; enfim, uma teoria estritamente dialética da razão.

IHU On-Line - Quais são as influências platônicas centrais no sistema hegeliano?

Eduardo Luft - Um traço comum a Platão e Hegel é a própria trajetória. Os dois pensadores têm seu percurso intelectual marcado por um tipo muito semelhante de "parricídio intelectual": os dois foram influenciados por uma forma radical de monismo racionalista, e precisavam por igual superá-la por crítica imanente; ambos foram marcados pela influência daquele tipo de monismo herdado, respectivamente, de Parmênides⁶ e Espinosa⁷. Lembre que Hegel iniciou sua carreira intelectual fortemente influenciado pelo jovem Schelling, um espinosista.

Como sabemos, Espinosa compreendia a natureza como um desdobramento necessário da razão universal, da substância única que regia o mundo. Aquele parricídio duplo implicava, portanto, levar a sério o problema do não-ser e de-

5 Filebo: é um diálogo platônico que ocupa-se com a dialética e ontologia. Propõe-se que o trabalho foi composto entre 360 e 347 a.C. e que está entre os últimos dos diálogos posteriores de Platão, muitos dos quais Sócrates não figura como o personagem principal. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Parmênides de Eléia (530 a. C. - 460 a. C.): filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Baruch Spinoza (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da **IHU On-Line**, de 06-08-2012, intitulada Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da **IHU On-Line**)

envolver uma teoria plausível da razão capaz de enfrentá-lo. Assim como o Platão tardio, Hegel também desenvolverá uma nova teoria da *razão* universal, contrapondo-a ao conceito estreito de racionalidade que emanaria do *entendimento*.

“

A necessidade de um retorno a Platão brota de impasses do próprio pensamento hegeliano

Enquanto o pensar do entendimento ou o pensar analítico, como diríamos hoje em dia, opera a partir de um conceito rigorista de razão, uma razão que determina tudo o que cai nas suas malhas, eliminando de saída a possibilidade do não-ser, o pensamento dialético aceita a sua possibilidade, se alimenta das contradições potenciais ou fáticas que emergem do discurso, como mostrou tão bem Cirne-Lima⁸ em *Sobre a contradição*. En-

8 Carlos Roberto Velho Cirne-Lima (1931): filósofo brasileiro, professor emérito do PPG em Filosofia da Unisinos. Ingressou no seminário jesuíta aos 16 anos. Nas duas décadas em que pertenceu à Companhia de Jesus, dedicou-se aos estudos de Filosofia e Teologia, ingressando em 1949 no Berchmannskolleg Pullach Bei München. A partir de 1953, cursou Teologia em Frankfurt e Innsbruck, Áustria, onde conheceu os professores Karl Rahner e E. Coreth. Doutourou-se em Filosofia, em 1959, pela Universität Innsbruck. No início da década de 1960, retornou ao Brasil, e em seguida voltou para a Europa, onde lecionou na Universidade de Viena, iniciando, então, sua segunda etapa de formação filosófica. Nesse período, iniciou seus estudos sobre Leibniz, Kant, Schelling e Hegel. Em 2006, inovou ao editar o CD-Rom *Dialética para todos*, no qual apresenta, com uma linguagem didática, suas teorias sobre dialética e sistema filosófico. Entre seus livros publicados, citamos: *Realismo e Dialética*. A analogia como dialética do Realismo (Porto Alegre: Globo, 1967), *Sobre a contradição* (Porto Alegre: Edipucrs, 1993), *Nós e o Absoluto* (São Paulo: Loyola, 2001), *Dialética para Principiantes* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002) e *Depois de Hegel*. Uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico (Caxias do Sul: Educs, 2006). Confira suas

quanto o pensar analítico almeja a utopia de um discurso de saída imune a contradições, o pensar dialético opera aceitando a possibilidade de contradições em busca de sua superação.

Oposições e rigor científico

Também sentimos a forte presença platônica no próprio conceito de razão desenvolvido por Hegel, em sua convicção de que as estruturas universais da razão são estruturas dialéticas. A razão universal é forjada por um jogo de opostos complementares, Ser e Nada, Uno e Múltiplo, etc. Mas as filosofias de ambos os pensadores são também marcadas, paradoxalmente, por uma pretensão de encontrar o *procedimento científico a priori* que caracterizaria o próprio método dialético. Como Hegel afirma ao início de sua apresentação de Platão nas *Preleções sobre a História da Filosofia*, com este filósofo temos o início da "filosofia científica como ciência".

Esta é uma posição um tanto ambígua: a mesma dialética que pretende levar a sério o problema do não-ser, e precisa ampliar e reconstruir o conceito de razão para dar conta dele, deve pensar-se como a forma mais plena de cientifici-

entrevistas na 80ª edição da IHU On-Line, de 20-10-2003, intitulada *As universidades perderam a unidade do saber*, disponível em <http://bit.ly/ihuon80>, e outra na 102ª edição, de 24-05-2004, sob o título *Karl Rahner defendeu idéias, antes do tempo, cedo demais!*, disponível em <http://bit.ly/ihuon102>. Veja ainda a da edição 142, de 23-05-2005, intitulada *O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e Caos*, disponível em <http://bit.ly/ihuon142>. Cirne-Lima foi um dos integrantes da mesa-redonda que debateu o assunto com os filósofos Karen Gloy, da Universidade de Lucerna, Áustria, e Günther Küppers, da Universidade de Bielefeld, Alemanha; no que concedeu a entrevista *Dialética para todos*: Aristóteles com o controle-remoto na mão, na edição 183, de 05-06-2006, em <http://bit.ly/ihuon183>. Confira ainda a entrevista à edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, com o título *Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon217>. A IHU On-Line dedicou a edição 261 ao pensamento de Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, publicada em 09-06-2008 e disponível em <http://bit.ly/ihuon261>. (Nota da **IHU On-Line**)

dade. É preciso lembrar que Hegel compartilha com Kant⁹ a ideia de que o pensamento científico é um pensamento sistemático e rigoroso. Hegel via na dialética platônica a primeira tentativa de um tratamento eminentemente sistemático das determinações de pensamento ou categorias. Sobre tudo o diálogo *Parmênides* seria uma espécie de antecipação da tentativa hegeliana de demonstrar ou provar de modo rigoroso quais são as categorias universais da razão e qual sua posição necessária no sistema da razão pura; quer dizer, uma antecipação de sua própria *Ciência da Lógica*. Claro, aos olhos de Hegel esta era ainda uma posição muito incipiente em Platão, mas de todo modo lá já teriam sido dados os primeiros passos. Seria preciso completá-la.

IHU On-Line - Especificamente, como a filosofia de Platão repercute na dialética hegeliana e quais são os pontos de aproximação e distanciamento?

Eduardo Luft - Pois é. Aquilo que era ainda apenas incipiente em Platão, seria efetivado, aos olhos de Hegel, por sua *Lógica*: a fundamentação última reflexiva de todas as “determinações do pensa-

9 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em Formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuemo2>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito*, hoje. Imperativos e desafios, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

mento” ou do sistema das categorias. Justamente por isso, o que em Platão era ainda apenas o indício de um problema torna-se aqui, em Hegel, uma flagrante contradição. A dialética é concebida por Hegel como uma espécie de método sistemático, no sentido de um procedimento rigoroso e *a priori* capaz de provar não apenas o número das categorias que configuram o sistema da razão, mas o seu lugar necessário neste mesmo sistema. Como procurei mostrar em *As semelhanças da dúvida*, a dimensão negativa ou crítica e a dimensão dogmática ou sistemática da razão, se compreendermos esta última como Kant e Hegel a compreendem, não são conciliáveis.

“ O retorno a Platão significa um modo de re-visitatar as fontes da tradição dialética e re-descobrir suas possibilidades não pensadas

É preciso lembrar que a própria dialética é marcada desde sua origem por esta tensão. O método dialético tem sua fonte mais originária no procedimento crítico-negativo da prova por redução ao absurdo descoberta por Zenão¹⁰, e depois tão enfatizada pela práxis socrática e radicalizada nos diálogos platônicos. Mas ele também se

10 **Zenão de Eléia** (495 a. C. – 430 a. C.): filósofo nascido em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi discípulo de Parmênides. Seu método consistia na elaboração de paradoxos. Deste modo, não pretendia refutar diretamente as teses que combatia, mas sim mostrar os absurdos daquelas teses (e, portanto, sua falsidade). Acredita-se que Zenão tenha criado cerca de quarenta destes paradoxos, todos contra a multiplicidade, a divisibilidade e o movimento (que nada mais são que ilusões, segundo a escola eleática). (Nota da **IHU On-Line**)

manifesta na pretensão platônica de desenvolver uma ciência rigorosa do jogo dos opostos que marca sua teoria dos primeiros princípios. Estamos nos dando conta hoje em dia que estas duas facetas da dialética, a arte crítica e viva da detecção e superação de contradições que marca o diálogo platônico e a exigência de uma ciência rigorosamente *a priori* não são compatíveis. Vamos compreendendo que a razão que emerge da introjeção da contingência em seu âmago é uma razão deflacionada que coloca em xeque muitas das pretensões do racionalismo clássico e moderno. A modernidade apenas aprofundou, neste caso, o problema ainda latente na tradição grega.

Apesar disso, e aqui vejo a grande importância do retorno a Platão, temos no *Filebo* a possibilidade de uma outra direção do pensamento. Pensar uma teoria da razão dialética sem viés para o Uno abre espaço para uma outra compreensão do sistema de filosofia, para sua reestruturação global. Ao introjetar contingência, a razão universal opera não orientada para o fim de sua própria plenificação, mas como uma exploração infinita de um campo de possibilidades sempre em aberto. Justamente por isso, a razão é liberdade. Aqui se abre a possibilidade de uma nova metafísica da liberdade que tem implicações para uma releitura da Filosofia do Direito hegeliana.

IHU On-Line - Seria adequado compreender a filosofia de Hegel como uma filosofia do devir, essencialmente racionalista? Por quê?

Eduardo Luft - Sim, uma filosofia do devir. Este é um traço muito característico do pensamento dialético, conceber-se no âmbito de uma epistemologia e de uma ontologia processuais. Mas a questão mais decisiva é como pensar a noção de processo ou de movimento. Em Hegel, o processo dialético ganha aquela característica já mencionada de uma teleologia do incondicionado: o processo de autodeterminação da razão orienta-se para a

sua plenificação. Todavia, disso resulta o seguinte impasse: se a razão tende a sua própria plenificação, como, ao fim e ao cabo, pode ser preservada a própria dialética enquanto teoria processual? Se a contradição é, como diz Hegel, a “raiz de todo movimento e vitalidade”, como a superação de todas as contradições poderia significar mais do que o colapso de processo contínuo de sua superação, quer dizer, o colapso da própria dialética?

Podemos exemplificar este paradoxo com o destino da dialética nas mãos do marxismo. Se a teoria econômica marxista é a teoria da lógica processual que inere ao desdobramento histórico do sistema econômico, e se esta lógica é marcada pelo conflito cada vez mais exacerbado entre o capitalista e o proletário, se a dialética ela mesma não é mais do que o método ou o caminho que inere a esta lógica processual opositiva, como pensar a sociedade que adviria do colapso do capitalismo? Marx¹¹ não escreveu uma teoria da sociedade pós-capitalista porque sua própria teoria antecipava que a plenificação da lógica opositiva do capitalismo implicaria não apenas o seu colapso, mas a implosão do próprio método dialético que só opera, aos olhos do próprio Marx, no âmbito de uma realidade conflitiva.

11 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU Ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título A (anti)filosofia de Karl Marx, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada A financeiraização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty O Capital no Século XXI, que retoma o argumento central da obra de Marx O Capital, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da **IHU On-Line**)

Há também um problema mais profundo, que aqui só posso aventar. Como salientou um oponente ainda na época de Hegel, Trendelenburg¹², de que tipo de movimento estamos falando na *Lógica* enquanto teoria do puro pensar? Se movimento pressupõe tempo, e

“

A dialética é concebida por Hegel como uma espécie de método sistemático

se tempo é uma categoria que só aparece na Filosofia do Real, como pode a própria *Lógica* ser processual? Minha intuição é que a *Lógica* de Hegel, ao menos quando de sua consumação ou seu desfecho, contém apenas uma concepção virtual de movimento, uma espécie de pseudomovimento, e justamente por isso, como abordagem realmente processual do pensamento, precisaria ser revertida em uma teoria da linguagem como metacoordenação de ação, na terminologia de Maturana¹³. Mas, como disse, isso só pode ser aventado aqui.

IHU On-Line - Nesse sentido, o que esse primado da razão revela acerca do sistema hegeliano e das filosofias do Iluminismo?

Eduardo Luft - Aquela tensão entre as dimensões crítica e sistemática da dialética, mencionada acima, rerepresentou-se com toda força desde a origem do pensamento moderno. Note que a nova metafísica precisava ser ao mesmo tempo uma teoria da razão universal, quer dizer, uma metafísica sistemática e uma filosofia crítica.

12 **Friedrich Adolf Trendelenburg** (1802- 1872): filólogo e filósofo alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Humberto Maturana**: biólogo chileno, criador da autopoiese e um dos propositores do pensamento sistêmico. (Nota da **IHU On-Line**)

O que diferenciaria a antiga e a nova metafísica seria justamente a criticidade radical emanada desta última. Mas já em Descartes¹⁴ a *dúvida* que inere à criticidade da nova filosofia e a *certeza* que brota do próprio racionalismo cartesiano se contrapõem de modo instável. A dúvida é, em Descartes, como a escada que precisamos usar para o encontro da certeza do *cogito* e, ao mesmo tempo, jogar fora quando realizada esta meta.

Também em Kant, o uso crítico da razão na tarefa de encontrar os seus limites tem função apenas propedêutica em relação ao procedimento rigoroso e dogmático (ou “científico”) que caracterizaria a nova metafísica como tal. Por que isto, por que estes dualismos? Ora, porque não se pode exigir ao mesmo tempo a radicalização da crítica, a abertura a sempre novas contra-argumentações e, portanto, a sempre novas contradições potenciais, e a fundamentação última do sistema da razão pura que justamente anularia de partida toda a possibilidade de emergência de novas contraposições discursivas. Se, no período hegeliano de *Iena*, *Lógica* e *Metafísica* ainda se contrapunham como a crítica da razão e sua consumação, a *Ciência da Lógica* tem a pretensão de casar em uma mesma obra criticidade e sistematicidade, e só então torna-se claro que a leitura determinista da razão dialética só pode desembocar em uma autocontradição.

IHU On-Line - Em que sentido as concepções políticas de Platão ecoam nos escritos de Hegel?

14 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

Eduardo Luft - Aqui chegamos a um ponto muito importante. Aquela ambição por uma dialética científica esteve associada, desde Platão, a outra ambição típica de nossa tradição: procurar derivar, da ontologia geral, consequências para as ontologias regionais e, particularmente, para nossa compreensão da realidade social e política. Este é o desafio da dialética descendente e, desde Platão, esta dialética visava de algum modo deduzir (mesmo que por *síntese a priori*, na terminologia de Kant, e não por mera análise conceitual) os traços gerais da ontologia social. Nesta pretensão está enraizada a teoria platônica do rei-filósofo.

De algum modo, o filósofo seria aquele que, uma vez compreendendo a estrutura lógica do mundo, seria capaz de desvendar os segredos da melhor configuração ou o melhor arranjo das relações sociais e da virtude política. Mesmo que Hegel faça questão de salientar que os antigos não conheciam a liberdade individual, que isto seria uma conquista do pensamento a ser preservada na filosofia política dos modernos, como de fato o é, até certo ponto, na teoria hegeliana da sociedade civil, por exemplo, aquela pretensão racionalista de “deduzir” a ordem concreta do mundo social não está de modo algum ausente em seu sistema.

Metafísica da liberdade

Da já mencionada teoria da razão universal, quer dizer, da *Lógica*, Hegel quer extrair uma teoria metafísica da liberdade que seria

pressuposta pela Filosofia do Direito. Agora, se a razão universal é orientada para o fim de sua própria plenificação, então o traço de contingência que temos ao início do processo dialético é transmutado, ao final, em necessidade absoluta. Como pensar, neste contexto, em uma teoria da liberdade? Em que conceito de liberdade Hegel estava pensando quando afirmava que a “liberdade é a verdade da necessidade”? Ora, liberdade era entendida por Hegel, em última instância, não como a livre exploração do campo de possibilidades inaugurado pela razão, como uma ação que se alimenta da contingência, mas como a identidade entre a ação, seja das pessoas ou de comunidades inteiras, com o exigido previamente pela razão dialética que se desdobra na história. Liberdade é autonomia, *dar a lei a si mesmo*, identificar-se com o demandado pela razão universal. Isto está na raiz da tendência totalitária do pensamento hegeliano e é um problema central de seu conceito de dialética que, retomado e relido pela abordagem materialista de Marx, desembocará na tragédia política e social do marxismo.

Vemos agora mais um dos motivos decisivos para o retorno a Platão: redescobrir na fonte mesma do pensamento dialético outra leitura possível da razão universal. Uma vez liberada da teleologia do incondicionado, a razão dialética pode ser repensada como a *Ideia da Coerência*, como a livre exploração do campo em aberto de todos os modos possíveis e não antecipáveis da coerência. Agora precisamos extrair todas as consequências desta

dialética da liberdade para a Filosofia do Direito. Como reconstruí-la depois de todas as críticas decisivas feitas a Hegel por pensadores tão importantes como o Schelling tardio, Kierkegaard¹⁵ e Feuerbach¹⁶? Para finalizar com Kierkegaard: como poderia uma ontologia dialética renovada ser também uma teoria da existência humana em sua face mais verdadeira? Como poderia a teoria da razão universal ser ao mesmo tempo uma teoria da liberdade propriamente dita? ■

15 Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista Paulo e Kierkegaard, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da IHU On-Line, de 09-11-2009, tem como tema de capa A atualidade de Soren Kierkegaard, disponível em <http://bit.ly/ihuon314>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da **IHU On-Line**, de 16-08-2010, intitulada Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/ihuon339>. (Nota da **IHU On-Line**)

16 Ludwig Feuerbach (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- “*A Ideia tem uma dimensão inalienavelmente histórica*”. Entrevista especial com Eduardo Luft publicada na revista **IHU On-Line**, nº 430, de 21-10-2013, disponível em <http://bit.ly/1RIUn3J>.
- *Nos passos do mestre*. Entrevista especial com Eduardo Luft publicada na revista **IHU On-Line**, nº 261, de 09-06-2008, disponível em <http://bit.ly/1WXOm4w>.
- *A Fenomenologia mudou nosso modo de compreender o conhecimento*. Entrevista especial com Eduardo Luft publicada na revista **IHU On-Line**, nº 217, de 30-04-2007, disponível em <http://bit.ly/1VTpOv8>.

Pensar o pensar: o discurso em movimento no trato das coisas do mundo

Segundo José Pinheiro Pertille, para Hegel o desenvolvimento da consciência filosófica está ligado ao ato de refletir dinamicamente

Por Márcia Junges | Edição Leslie Chaves

A Filosofia gradativamente conquista status de ciência a partir de uma revolução na forma de pensar corrente no início do século XIX, com os esforços empreendidos por estudiosos como Kant, Fichte e Schelling. O pensamento hegeliano contribui ativamente para esse processo, principalmente com a publicação de *Fenomenologia do Espírito*, em 1807. Entretanto, conforme ressalta o filósofo José Pinheiro Pertille, “se para os antecessores de Hegel uma revolução seria suficiente para colocar a metafísica no caminho seguro da ciência, para o sistema hegeliano é preciso compreender a ciência filosófica como uma série de revoluções, um constante quebrar de paradigmas”.

Nessa perspectiva, um dos focos centrais das reflexões acerca do saber nessa obra é o devir, o “vir-a-ser” desse saber. Como avalia Pertille, depois de ser atingida a plena consciência a respeito dos mecanismos que envolvem as diferentes formas do saber, “o desafio após a *Fenomenologia* é pensar o pensar de tal modo que seja possível instituir um discurso

em movimento. Uma vez realizada essa tarefa, é então possível tratar das coisas do mundo, tanto da realidade dada pela natureza, quanto da realidade formada pela criação espiritual humana. Essa é a estrutura básica do projeto do sistema hegeliano”, explica.

Ao longo da entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o filósofo também faz uma reflexão sobre o papel e a importância de outras obras hegelianas, como *Ciência da Lógica e Filosofia do Direito*, e, em perspectiva com contribuições de outros estudiosos, como Axel Honneth, analisa alguns dos conceitos desenvolvidos por Hegel.

José Pinheiro Pertille é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com estágio no Grupo de Pesquisas Normes, Sociétés, Philosophies - Nosophi, da Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne. Atualmente é professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRGS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se pode compreender a relação das categorias Ser, Nada e Devir, que se apresentam no começo da *Ciência da Lógica* de Hegel?

José Pinheiro Pertille - As categorias Ser, Nada e Devir na *Ciência da Lógica*¹ de Hegel formam

o movimento inicial dessa obra dedicada a pensar o pensar. Elas são como, se quisermos fazer uma comparação, a abertura de uma sinfonia, na qual aparecem os seus temas principais para serem eles desenvolvidos ao longo da peça, o

primeira parte do sistema hegeliano, reunindo em uma estrutura dialética os argumentos metafísicos e filosóficos. (Nota da **IHU On-Line**)

que compõe o seu *leitmotiv*². No caso da *Lógica* hegeliana, nas primeiras categorias já se apresentam as principais metacategorias lógi-

² **Leitmotiv**: (do alemão, motivo condutor ou motivo de ligação) é uma expressão idiomática alemã que significa genericamente qualquer causa lógica conexiva entre dois ou mais entes quaisquer. Na dramaturgia é uma figura de repetição, no decurso de uma obra dramática, de determinado tema, a envolver significação especial. (Nota da **IHU On-Line**).

cas que estarão em ação durante todo o texto. Ou seja, junto com as categorias iniciais da Lógica: (i) o ser, (ii) o não-ser e (iii) o vir-a-ser, aparecem também as metacategorias de toda a Lógica: (1) o entendimento, (2) a razão negativa (ou razão dialética), (3) a razão positiva (ou razão especulativa) e (4) a suprassunção (*Aufhebung*).

As metacategorias (ou, como Hegel nomeia, as determinações lógicas fundamentais) mostram os movimentos principais do pensar como um todo: (1) o entendimento separa aspectos no intuito de compreender a realidade mediante um procedimento de diferenciação, (2) a razão dialética questiona os critérios de separação do entendimento mostrando novos modos de conceber a composição do real, (3) a razão especulativa reúne os dois movimentos anteriores instituindo um discurso em movimento, e (4) a suprassunção aparece como conceito operador do discurso especulativo mostrando como é possível avançar nas determinações do pensamento negando, conservando e elevando as categorias anteriores.

Essas determinações fundamentais do pensamento estão presentes ao longo de toda *Ciência da Lógica*, tanto da assim chamada “grande Lógica” (a obra de 1812-1816), quanto da “pequena Lógica” (resumo da “grande Lógica” feito por Hegel para sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* em suas edições de 1817, 1827 e 1830), e tanto em uma quanto na outra o movimento inicial é o mesmo. As determinações fundamentais surgem no movimento inicial da Lógica, onde as categorias do ser, nada (ou não-ser) e devir (ou vir-a-ser) espelham o modo mais básico de refletir sobre o pensar.

O pensar enquanto entendimento separa aspectos para compreender o real diferenciando-o, e assim o mais geral que se pode dizer das coisas é de que o que é, é, é ser, e o que não é, não é, não pode ser, um simples nada. Por exemplo, se eu estou agora sentado lendo essas linhas, eu não estou em pé, e vice-versa, se estou lendo em pé,

não estou sentado. Note-se que em alemão, como em outras línguas tais como o francês e o inglês, não há distinção entre o ser e o estar, assim como tem a língua portuguesa, a qual diferencia entre o ser em geral e o ser no tempo, o estar, o que revela nosso potencial filosófico e que nos encoraja a também filosofarmos em português!

Voltando ao raciocínio, o ser é e o não-ser não é, essa é uma distinção do entendimento. Mas, a razão dialética pondera: é bem verdade que o ser é e o não-ser não é, mas é preciso igualmente prestar atenção em que o ser deixa de ser, e o não ser vem a ser. Por exemplo, eu me levantei para tomar um copo d’água, e o meu estar sentado deixou de ser, e o meu não estar em pé veio a ser. Eis que eu retorno para a poltrona de leitura e meu estar sentado voltou a ser e meu estar em pé deixou de ser. Isso não quer dizer que estar em pé e estar sentado sejam o mesmo, mas que é preciso captar o movimento no qual o ser deixa de ser e o não-ser vem a ser.

Para tanto, o discurso especulativo em movimento reúne o ser e o nada em um novo conceito, mais robusto, mais potencialmente explicativo, a noção de vir-a-ser (ou devir). Nesse conceito o ser e o nada estão negados em seu entendimento estático, mas conservados em sua diferença estrutural, de modo a serem concebidos de um ponto de vista mais elevado, em outras palavras, o vir-a-ser suprassume o ser e o não-ser. Para um aprofundamento sobre essa questão ver “O conceito mais preciso da Lógica” nos §§ 79 a 82 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (tradução brasileira de Paulo Meneses, Loyola, 1995, p. 159-169). Podem-se conferir também os excertos da *Ciência da Lógica* traduzidos por Marco Aurélio Werle (São Paulo: Barcarola, 2011), enquanto ficamos no aguardo da primeira edição brasileira do primeiro volume completo da *Ciência da Lógica* (Petrópolis: Vozes, 2016(no prelo)).

IHU On-Line - Qual é a importância dessa obra no contexto da filosofia hegeliana?

José Pinheiro Pertille - A primeira grande obra que apresenta a originalidade do sistema hegeliano no conjunto das doutrinas do Idealismo Alemão é a *Fenomenologia do Espírito*, publicada em 1807. Nesse livro Hegel se alinha aos esforços de Kant³, Fichte⁴ e Schelling⁵ em tornar a filosofia

3 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em Formação número 2, intitulado Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da IHU On-Line)

4 Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus Discursos à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

5 Friedrich Schelling (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da IHU On-Line)

uma ciência, através de uma revolução no modo de pensar até então vigente. No entanto, se para os antecessores de Hegel uma revolução seria suficiente para colocar a metafísica no caminho seguro da ciência, para o sistema hegeliano é preciso compreender a ciência filosófica como uma série de revoluções, um constante quebrar de paradigmas. Nas palavras de Hegel presentes no Prefácio da *Fenomenologia*, a pretensão daquela obra não era expor o “ser” do saber, mas o “vir-a-ser” do saber... Para tanto é preciso que a consciência filosófica se eduque a pensar dinamicamente, até uma plena consciência acerca da dinâmica do processo que envolve os diversos modos do saber.

Chegando ao saber absoluto como o saber dos saberes, a consciência filosófica se libera para refletir sobre a linguagem que permitiria traduzir para o pensamento aquela dinâmica alcançada pelas experiências das diferentes figuras da consciência. Em outras palavras, o desafio após a *Fenomenologia* é pensar o pensar de tal modo que seja possível instituir um discurso em movimento. Essa é a tarefa da *Ciência da Lógica*, pensar o pensar de modo dinâmico e progressivo, isto é, em uma sequência de conceitos com níveis cada vez mais elaborados de determinação.

Como vimos anteriormente, esse projeto está em ação desde as primeiras categorias lógicas do ser, nada e devir, nas quais aparecem as constantes metacategorias lógicas do entendimento, da dialética, do discurso especulativo e da suprassunção. Uma vez realizada essa tarefa de pensar o pensar e instituir um discurso em movimento é então possível tratar das coisas do mundo, tanto da realidade dada pela natureza, quanto da realidade formada pela criação espiritual humana. Essa é a estrutura básica do projeto do sistema hegeliano exposto na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*: lógica, natureza, espírito.

IHU On-Line - Quais são as formulações centrais da Filosofia do

Direito e qual é a atualidade dessa obra?

José Pinheiro Pertille - A obra *Filosofia do Direito* foi publicada em 1820, para uso do professor Hegel em suas aulas sobre essa matéria na Universidade de Berlim. Em sua inserção no sistema hegeliano, ela trata de oferecer uma versão detalhada da doutrina do espírito objetivo, ou seja, daquele conjunto de realizações culturais que objetivam a liberdade humana. O que significa uma “livre vontade” é o tema da Introdução da *Filosofia do Direito*, a qual introduz a noção de vontade livre como aquela vontade que se autodetermina individual e coletivamente. Após a definição do que é a vontade livre são então apresentadas as instâncias nas quais a vontade pode se exercer livremente.

A primeira seção mostra assim como a pessoa pode dispor livremente conforme sua vontade dos objetos que são juridicamente reconhecidos como seus, usando-os ou negociando-os por objetos de outras pessoas proprietárias de maneira contratual; essa é a instância do direito abstrato. A segunda seção trata do livre exame que a consciência moral faz sobre suas ações e sobre os princípios que as regem, tratando das intenções, dos propósitos mais gerais e das finalidades mais amplas do bem estar pessoal e do bem geral, somente aceitando as normas que ela reconhece como válidas; essa é a esfera da moralidade. Na terceira e última seção os indivíduos aparecem compreendidos como membros de grupos, mais precisamente como membros de suas famílias, membros da sociedade civil e membros de seus Estados, nos quais uma livre adesão aos papéis sociais desempenhados nesses grupos diversos faz com que a minha liberdade não termine onde a liberdade do outro começa, mas, pelo contrário, a minha liberdade seja construída junto com a liberdade dos outros; esse é o momento da vida ética.

A atualidade da *Filosofia do Direito* se apresenta em múltiplas dimensões: sua original concepção

de liberdade criativa, a qual não se limita a uma noção restrita de liberdade como escolha entre alternativas, mas que inclui a criação de suas próprias determinações; os conteúdos definidores dos campos jurídico e moral na época moderna, nos quais a razão mostra sua incontornável face histórica; e, talvez centralmente, sua concepção do que é o indivíduo na vida ética, segundo a qual se nega o individualismo, mas se conserva a individualidade ao se estabelecer um patamar mais elevado de individualização nos grupos que participamos - a individualidade é intersubjetiva, mas não em geral, e sim a partir dos papéis sociais que desempenhamos uns frente aos outros.

IHU On-Line - Qual é o nexos que une a sociedade civil-burguesa e a lógica da essência?

José Pinheiro Pertille - No Prefácio da *Filosofia do Direito*, Hegel lembra ao leitor que a plena inteligibilidade de sua obra repousa no reconhecimento de seus pressupostos sistemáticos: a *Filosofia do Direito* é uma exposição mais detalhada da doutrina do espírito objetivo apresentada na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, e, além disso, seu método e diversos conceitos fundamentais estão presentes na *Ciência da Lógica*. Assim, a lógica em geral precisa ser conhecida para a correta compreensão da lógica da liberdade objetiva.

A lógica, como já vimos, contém categorias (ser, nada, devir) e metacategorias (entendimento, dialética, discurso especulativo, suprassunção); ela contém também modos próprios de articulação entre as categorias, que se traduzem nas lógicas do ser, da essência e do conceito. Se na lógica do ser ocorre uma “passagem” de uma categoria para outra (o ser passa ao não-ser, o não-ser passa ao ser, ser e não ser passam ao vir-a-ser), na lógica da “essência” uma categoria aparece naquela que parece ser sua oposta; por exemplo, a essência e a aparência se colocam inicialmente em oposição uma à outra, o mais verdadeiro é a essência de

algo, não sua aparência enganadora (*Schein*).

No entanto, a verdadeira essência de algo tem que aparecer, e a aparência (como fenômeno, *Erscheinung*) não deixa de revelar a essência; não basta alguém me dizer que é essencialmente meu amigo e não mostrar isso com seus atos e palavras, isto é, a essência aparece. Na base desse surgimento de algo no seu aparente oposto, Hegel apoiará sua análise daquele momento da vida ética que é a sociedade civil-burguesa. Depois da família, na qual o indivíduo se identifica afetivamente com seu grupo, na sociedade civil cada família e cada indivíduo estão buscando seus próprios interesses particulares, a satisfação de suas carências, sem ter nos seus móveis imediatos qualquer preocupação com o bem geral, com o universal.

Todavia, ao se dedicarem aos seus interesses privados, os agentes sociais acabam por terem que admitir um certo grau de universalidade para que esses interesses particulares sejam atingidos. Por exemplo, eu vou na padaria para comprar o pão de meu café da manhã, esse é um modo de satisfação de uma carência minha e de minha família; ao fazer isso, no entanto, estarei também apoiando o negócio do dono da padaria, o trabalho do padeiro e do atendente do balcão, os fornecedores da farinha e dos demais ingredientes, e assim por diante. Deste modo, a substancialidade do universal aparece ali onde menos parece que ocorreria, na acidentalidade do particular.

Não é por acaso que a primeira frase do *Capital*⁶ de

6 O Capital – (em alemão: Das Kapital) é um conjunto de livros (sendo o primeiro de 1867) de Karl Marx que constituem uma análise do capitalismo (crítica da economia política). A obra é considerada o marco do pensamento socialista marxista. Nela existem muitos conceitos econômicos complexos, como mais valia, capital constante e capital variável, uma análise sobre o salário; ou sobre a acumulação primitiva. Em resumo, trata sobre todos os aspectos do modo de produção capitalista, incluindo também uma crítica sobre a teoria do valor-trabalho de Adam Smith e de outros assuntos dos economistas clássicos. (Nota da **IHU On-Line**)

Marx⁷ bebe direto da fonte da lógica da essência de Hegel: “a mercadoria é o modo de aparecimento do capitalismo”; quando vemos na vitrine da loja a etiqueta com o preço daquele sapato, aquele fenômeno (aparecimento) revela a essência de toda engrenagem do modo de produção capitalista.

IHU On-Line - Como se pode compreender a lógica do reconhecimento e o reconhecimento da lógica, na perspectiva de Honneth⁸ a Hegel?

José Pinheiro Pertille - Hegel é um ponto de partida significativo para qualquer reflexão filosófica. Alguns leitores dessa filosofia aceitam, em termos de princípio hermenêutico, o projeto sistemático hegeliano e leem cada parte dentro de seu todo; por exemplo, tal como acima explicamos, a *Filosofia do Direito* conecta-se com a *Ciência da Lógica*, em termos dessa

7 Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos Cadernos IHU Ideias, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título A (anti)filosofia de Karl Marx, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A IHU On-Line preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Axel Honneth (1949): é um filósofo e sociólogo alemão. Desde 2001, é diretor do Institut für Sozialforschung (Instituto para Pesquisa Social) da Universidade de Frankfurt (oficialmente, Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main, em português: Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt), instituição na qual surgiu a chamada Escola de Frankfurt. Também é professor de Filosofia Social na mesma universidade, desde 1996. No campo da filosofia social e prática, o nome de Axel Honneth está ligado ao projeto de relançamento da tradição da teoria crítica da Escola de Frankfurt, através de uma teoria do reconhecimento recíproco. (Nota da **IHU On-Line**)

fornecer o método e as categorias operacionais para aquela. Contudo, se é possível pensar “com” Hegel as suas e as nossas questões, também é possível pensar “a partir de” Hegel, ou seja, pode-se não depender da reconstrução de todo o seu sistema para o aproveitamento de partes que consideramos especialmente significativas. Isso é o que faz, por exemplo, Alexandre Kojève⁹, que interpreta a *Fenomenologia do Espírito* colocando seu centro de gravidade na dialética do senhor e do escravo.

É também o que propõe Axel Honneth, ao explicar temas de filosofia política não do modo como faz o sistema de Hegel, em torno do conceito de Estado e com fundamento na lógica, mas através de uma teoria social que resgata o conceito de “reconhecimento”, o qual é originariamente um processo que se passa ao nível do espírito subjetivo, e não do espírito objetivo. Assim, para Honneth, a lógica social do reconhecimento, ou melhor, a gramática dos conflitos sociais tal como é expressa através de uma luta por reconhecimento, procura não depender da política institucionalizada do Estado, nem de categorias lógicas que representariam pretensões metafísicas estranhas aos nossos modestos padrões contemporâneos de racionalidade.

Esse é o começo de um grande debate que hoje desafia os estudiosos: investigar se a lógica do reconhecimento depende ou não do reconhecimento da lógica como matriz explicativa da realidade. Julgo que o ponto de partida da questão deve ser uma reconstrução mais precisa do projeto mesmo das articulações sistemáticas hegelianas, pois isso pode afastar interpretações que projetam em Hegel significados que lhe são heterogêneos.

IHU On-Line - Em que consiste o “renascimento do pensamento hegeliano” da última década do século XX?

9 Alexandre Kojève (1902-1968): filósofo e político marxista russo, importante intérprete de Hegel. (Nota da **IHU On-Line**).

José Pinheiro Pertille - Os últimos dez anos do século XX foram particularmente férteis para o desenvolvimento da filosofia de Hegel. Na produção em língua inglesa chega-se a falar de um “renascimento do pensamento hegeliano”. Renascimento na medida em que as ideias hegelianas passam a ser interlocutoras para autores formados na tradição da filosofia analítica, a qual em sua origem havia condenado à morte o idealismo hegeliano. É nessa direção que podemos compreender a moldura geral na qual aparecem as obras de Robert Pippin, *O idealismo de Hegel: as satisfações da consciência de si* (1989), John McDowell¹⁰, *Mente e mundo* (1994), Robert Brandom¹¹, *Making it explicit* (1994), Terry Pinkard¹², *A Fenomenologia de Hegel: a sociabilidade da razão* (1994), incluindo-se também *The Cambridge Companion to Hegel* organizado por Frederic Beiser¹³ (1996).

10 John McDowell (1942): filósofo contemporâneo. Foi membro do University College da Universidade de Oxford, e atualmente professor na Universidade de Pittsburgh. Embora tenha escrito bastante sobre metafísica, epistemologia e meta-ética, o trabalho mais influente de McDowell foi em filosofia da mente e filosofia da linguagem. Nos anos da década de 1970, investigou a semântica da linguagem natural. Seu trabalho foi muito influenciado por Ludwig Wittgenstein, Peter Strawson, David Wiggins, Gareth Evans, Wilfrid Sellars e vários outros. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Robert Brandom (1950) é um filósofo que leciona na Universidade de Pittsburgh, Estados Unidos. Trabalha principalmente sobre a filosofia da linguagem, filosofia da mente e lógica. Brandom é conhecido principalmente por seu trabalho em semântica, que defende uma semântica inferencialista, a idéia de que o significado de uma expressão é determinado pela forma como ele é usado nas inferências. Brandom desenvolveu essas idéias em profundidade em seu livro *Fazendo explícita* (*Making It Explicit*) (1994), e mais brevemente na articulação de razões: uma introdução à inferencialismo (2000). Também publicou uma coletânea de ensaios sobre a história da filosofia. Atualmente, Brandom está trabalhando em um livro sobre a Fenomenologia de Hegel. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Terry P. Pinkard (1950): é um filósofo americano e professor na Universidade de Georgetown, conhecido por seu trabalho sobre filosofia alemã dos séculos XVIII e XIX, e particularmente sobre Hegel e a dialética de Hegel. Ele obteve seu PhD da Stony Brook University, em 1974-1975 com a tese, intitulada “Os Fundamentos do Idealismo Transcendental: Kant, Hegel, Husserl”. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Frederick Charles Beiser (1949): um dos principais estudiosos do idealismo ale-

De maneira mais determinada, um denominador comum entre esses diferentes intérpretes pode ser identificado na peculiar hermenêutica praticada sobre a obra de Hegel, ao efetuarem uma leitura (poderíamos assim sugerir e nomear) *in media res* dos textos hegelianos, isto é, ao modo da técnica literária onde a narrativa começa no meio da história, em vez de seu início, essa chamada *ab ovo* ou *ab initio*. Assim como, por exemplo, *Os Lusíadas* de Camões começa quando os portugueses comandados por Vasco da Gama¹⁴ já deixaram sua terra natal e se encontram ancorados em Melinde, cidade situada no oceano Índico, mas antes de chegar à Índia. *Mutatis mutandi*, esses recentes comentadores operam uma constituição de sentido dos textos de Hegel que se faz em meio às suas obras, destacando e trabalhando sobre as partes consideradas de maior vitalidade filosófica em relação a questões contemporâneas, com isso não assumindo o todo do sistema do início ao fim, desde seu começo até suas conclusões, mas apenas alguns aspectos intermediários seus.

Entre, por um lado, a aceitação em conjunto do sistema hegeliano como um todo (tal como pretendida, evidentemente, pelo próprio Hegel e igualmente compartilhada pelos neoidealistas anglo-saxões: James Hutchison Stirling¹⁵, *The Se-*

ção escrito em Inglês, é professor de Filosofia na Universidade de Syracuse. Além de seus escritos sobre idealismo alemão, Beiser também escreveu sobre os românticos alemães e filosofia britânica do século XIX. Ele recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim por sua pesquisa em 1993 e recebeu a Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha em 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Vasco da Gama (1469-1524): navegador português. Dom Manuel I confiou-lhe o comando da frota que, em 8 de julho de 1497 zarpo do Tejo rumo à Índia, com 150 homens entre marinheiros, soldados e religiosos, distribuídos por quatro pequenas embarcações. Em 2 de março de 1498, completando o contorno da costa africana, a armada aportou em Moçambique. Em 17 de abril do mesmo ano chegou a Calicute. Estava estabelecida a rota no Oceano Índico para a Índia. (Nota da **IHU On-Line**)

15 James Hutchison Stirling (1820 – 1909) foi um filósofo britânico. Nascido em Glasgow e educado em Edimburgo, onde estudou medicina, ele praticou até a morte de

cret of Hegel: being the Hegelian system in origin, principle, form and matter, 1865; Francis Herbert Bradley¹⁶, *Appearance and reality*, 1893; John Ellis McTaggart¹⁷, *The Unreality of Time*, 1908, em suas discussões principalmente voltadas contra o utilitarismo), e, por outro lado, a rejeição em bloco da filosofia hegeliana (como ocorrera no início da tradição da filosofia analítica, tal como representada por Bertrand Russel¹⁸, *History of Western Philosophy*, 1946), o renascimento da filosofia hegeliana opera um aproveitamento seletivo de determinadas passagens

seu pai em 1851, quando começa a se dedicar à filosofia. Sua obra *O Segredo de Hegel* (1865) deu grande impulso ao estudo do hegeliano filosofia tanto na Grã-Bretanha e no Estados Unidos e também foi aceita como uma obra de autoridade na Alemanha e Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

16 Francis Herbert Bradley (1846 – 1924): foi um filósofo inglês. Foi o membro mais influente do movimento filosófico conhecido por idealismo britânico. Esta corrente era tributária de Immanuel Kant e do idealismo alemão representado Johann Fichte, Schelling e Hegel, embora tendesse a desvalorizar essas influências. Bradley rejeitou as tendências utilitaristas e empiristas da filosofia inglesa representada por John Locke, David Hume e John Stuart Mill. Uma das características da abordagem filosófica de Bradley é a distinção da ambiguidade na linguagem, especialmente no interior de cada palavra, o que antecipou abordagens posteriores da filosofia da linguagem no século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

17 John McTaggart Ellis McTaggart (1866 – 1925): foi um metafísico idealista inglês. McTaggart estudou no Clifton College e no Trinity College, em Cambridge, onde permaneceu como palestrante durante a maior parte da sua vida. Ele era o principal estudioso de Hegel na Inglaterra no início do século XX, e foi o principal personagem do idealismo britânico. McTaggart foi amigo e professor de Bertrand Russell e G. E. Moore. Ele desenvolveu seu próprio sistema metafísico, e tornou-se famoso pelo seu argumento contra a tese da realidade do tempo. Em um célebre artigo intitulado *The Unreality of Time* (*A Irrealidade do Tempo*), publicado na revista *Mind* em 1908, McTaggart argumenta que nossa percepção do tempo é uma ilusão e que o tempo ele mesmo é meramente ideal. (Nota da **IHU On-Line**)

18 Bertrand Russel [Bertrand Arthur William Russell] (1872-1970): matemático, filósofo. Foi também um importante político liberal, ativista e popularizador da Filosofia, além de um crítico das armas nucleares e da guerra estadunidense no Vietnã. Em 1950, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em reconhecimento dos seus variados e significativos escritos, nos quais apresentava ideais humanitários e liberdade de pensamento. (Nota da **IHU On-Line**)

“vivas” do pensamento hegeliano, deixando de lado o que se poderia considerar “morto” no hegelianismo, para aqui retomar os termos do neidealista italiano Benedetto Croce¹⁹ em sua obra, *Ciò che è vivo e ciò que è morto della filosofia di Hegel*, 1907.

IHU On-Line - Tomando em consideração a perspectiva de Honneth, como se pode compreender o Hegel “não metafísico”?

José Pinheiro Pertille - O que estaria vivo e o que estaria morto no pensamento hegeliano? Conforme nos mostra Paul Redding²⁰ em seu livro *A filosofia analítica e o retorno do pensamento hegeliano* (2007), o retorno do pensamento hegeliano se faz através das estratégias teóricas que ele disponibiliza para resolver ou pelo menos ampliar as discussões sobre as questões do mito do dado perceptivo (Mc Dowell²¹) e do dado lógico (Brandom²² e

19 **Benedetto Croce** (1866-1952): filósofo idealista italiano. Influenciou os pensamentos estéticos da primeira metade do século XX, incluindo Rogin G. Collingwood e John Dewey. (Nota da **IHU On-Line**).

20 **Paul Redding**: é um filósofo australiano e professor de filosofia na Universidade de Sydney. Ele é conhecido por suas pesquisas sobre filosofia kantiana e a tradição de idealismo alemão e sua relação com a filosofia analítica e pragmatismo. Ele é um membro da Academia Australiana de Ciências Humanas. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **John McDowell** (1942): é um filósofo contemporâneo. Foi membro do University College da Universidade de Oxford, e atualmente professor na Universidade de Pittsburgh. Embora tenha escrito bastante sobre metafísica, epistemologia e meta-ética, o trabalho mais influente de McDowell foi em filosofia da mente e filosofia da linguagem. Nos anos da década de 1970, investigou a semântica da linguagem natural. Seu trabalho foi muito influenciado por Ludwig Wittgenstein, Peter Strawson, David Wiggins, Gareth Evans, Wilfrid Sellars e vários outros. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Robert Brandom** (1950) é um filósofo que leciona na Universidade de Pittsburgh, Estados Unidos. Trabalha principalmente sobre a filosofia da linguagem, filosofia da mente e lógica. Brandom é conhecido principalmente por seu trabalho em semântica, que defende uma semântica inferencialista, a idéia de que o significado de uma expressão é determinado pela forma como ele é usado nas inferências. Brandom desenvolveu essas idéias em profundidade em seu livro *Fazendo explícita* (Making It Explicit) (1994), e mais brevemente na articulação de razões: uma introdução à inferencialismo (2000). Também publicou uma coletânea de ensaios

Sellars²³), bem como nos problemas atinentes à negação determinada e individualização, ao inferencialismo, ao “espaço das razões”, à dinâmica da razão avaliadora do estatuto das normas e as discussões acerca da contradição real e discursiva.

Por sua vez, segundo Simon Lumsden²⁴, em seu artigo *O crescimento do Hegel não-metafísico* (2008), o ressurgimento do interesse no pensamento hegeliano se faz em reação a uma interpretação metafísica de Hegel, tal como ainda aparece no *Hegel* de Charles Taylor (1975), o qual procura seguir o sistema segundo sua intencionalidade própria. Nesta linha de argumentação não-metafísica, os conceitos hegelianos de espírito e de absoluto traduziriam uma espécie de retrocesso filosófico em relação ao projeto crítico kantiano ao pretender conhecer o incondicionado, tratar das coisas em si mesmas, em uma totalidade cujo sentido estaria posto em última análise por uma substancialidade divina ao modo de Leibniz e Espinosa.

A metafísica de Hegel assim representaria uma espécie de perspectiva pré-crítica, e, desta maneira, para a revalidação de partes de seu sistema, seria preciso torná-las independentes dessa sua fundamentação metafísica geral, o que então abriria caminho para o surgimento de um Hegel “não metafísico”. Segundo essa linha de raciocínio, separado de sua fundamentação metafísica geral, o es-

sobre a história da filosofia. Atualmente, Brandom está trabalhando em um livro sobre a Fenomenologia de Hegel. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Wilfrid Stalker Sellars** (1912 – 1989): foi um filósofo norte-americano, ligado à Universidade de Pittsburgh desde 1963 até à sua morte. Apresentou a doutrina do nominalismo psicológico, segundo a qual todo o estar consciente é uma questão linguística. Chamou a atenção para o problema das impressões sensoriais da tradição empirista humeana e a posterior noção de dados dos sentidos, porque confunde o que causa uma crença com o conteúdo dessa crença. Faz uma abordagem original das relações entre raciocínio teórico, prático e moral. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **Simon Lumsden**: professor de filosofia na Universidade de New South Wales. Ele é conhecido por suas pesquisas sobre o subjetivismo, idealismo alemão e pós-estruturalismo. (Nota da **IHU On-Line**)

copo da filosofia hegeliana ficaria menor, porém mais eficaz no tratamento de questões atuais. No entanto, segundo outros intérpretes, como por exemplo Terry Pinkard (*O saber absoluto: por que a filosofia é seu próprio tempo apreendido em pensamento*, 2010), ao invés de uma metafísica pré-crítica, a filosofia hegeliana na verdade apresenta uma radicalização da filosofia crítica kantiana.

O desatar desse nó górdio me parece estar na compreensão do sistema hegeliano como um engendramento de significado para a realidade, algo que não está dado, mas que é uma construção humana de sentido para si e para todas as coisas: um processo da razão inscrita na ordem do mundo.

IHU On-Line - Em que aspectos Honneth problematiza a ideia de sistema em Hegel?

José Pinheiro Pertille - A regra de ouro do hegelianismo é colocar cada parte da doutrina no contexto do sistema. A hermenêutica de Honneth dos textos hegelianos é diferente. Ela ampara-se nos princípios da “presentificação” e da “atualização” da matriz hegeliana. O princípio da presentificação visa tornar presente a posição hegeliana frente a outros paradigmas filosóficos alternativos. Nesse caso, a noção de reconhecimento é particularmente interessante por introduzir uma dimensão moral de valores simbólicos que estariam primariamente em jogo nas relações entre os indivíduos, para além de uma mera luta pela sobrevivência física, tal como se apresenta, por exemplo, na base do modelo clássico do estado de natureza hobbesiano, onde “o medo da morte violenta é pré-racional em sua origem, mas racional em seu efeito” (conforme a formulação de Leo Strauss).

Conforme Honneth, “O primeiro Hegel [aquele dos escritos de Jena] só chegou a essa concepção [a luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de sua identidade], que até hoje não rendeu efetivamente os devidos frutos, porque esteve

em condições de dar ao modelo da 'luta social' introduzido na filosofia por Maquiavel e Hobbes uma *guinada teórica*, com a qual aquele processo prático de um conflito entre os homens passou a ser atribuído a *impulsos morais*, não aos motivos da *auto conservação*". (A. Honneth, *Luta por reconhecimento, a gramática moral dos conflitos sociais*, ed. bras. p. 30 (grifos meus, JPP)).

Ao contrário daquela perspectiva naturalista, tal como destaca Alexandre Kojève, para o homem como consciência de si, "um objeto perfeitamente inútil do ponto de vista biológico (como uma condecoração ou a bandeira do inimigo) pode ser desejado porque é objeto de outros desejos. Tal desejo só pode ser um desejo humano. A realidade humana, diferente da realidade animal, só se cria pela ação que satisfaz tais desejos: a história humana é a história dos desejos desejados" (*Introdução à leitura de Hegel*, p. 13).

Por sua vez, o princípio da atualização procura ir além do princípio da presentificação ao não apenas reconstituir a argumentação hegeliana em sua originalidade, mas também introduzi-la nas questões do presente. Essa operação envolve a identificação de suas teses normativas principais e uma reflexão sobre o modo como elas estariam presentes ou ausentes no contexto atual, o que é resultado de um diagnóstico de época, diagnose de seus posicionamentos em relação a épocas anteriores e de suas atuais patologias impeditivas de efetivos reconhecimentos.

Com isso, torna-se possível compreender, por exemplo, a dimensão presente nas lutas sociais mais

recentes, nas quais as demandas não são feitas exclusivamente em torno de fatores econômicos, mas por grupos de pessoas que desejam o reconhecimento de suas especificidades próprias, constituintes de suas identidades. Em outras palavras, as lutas por reconhecimento são, nos termos de Bourdieu, lutas pela participação no capital simbólico da cultura, gerando desenvolvimentos sociais mais amplos que compensações financeiras.

Segundo Honneth, "Com a distinção, ainda muito provisória, de violação, privação de direitos e degradação [correspondentes às formas de reconhecimento amoroso, jurídico e de estima social] foram dados a nós os meios conceituais que nos permitem agora tornar um pouco mais plausível a tese que constitui o verdadeiro desafio da ideia fundamental partilhada por Hegel e Mead: que é uma luta por reconhecimento que, como força moral, *promove desenvolvimentos e progressos na realidade* da vida social do ser humano." A. Honneth, *Luta por reconhecimento*, ed. bras. p. 237 (grifos meus, JPP).

IHU On-Line - O que são os escritos de Jena e como eles são importantes para uma compreensão acerca da luta pelo reconhecimento?

José Pinheiro Pertille - Se Marx elogiava a *Fenomenologia do Espírito*, por ter mostrado o caminho para a desalienação da consciência humana, mas criticava a *Filosofia do Direito* por não ter fornecido a correta tradução objetiva daquele princípio libertador da consciência, Honneth critica a *Fenomenologia do Espírito* por essa ter apresentado uma versão edulcorada da teoria do reconhecimento, em

comparação às teses mais radicais presentes em seus escritos não publicados redigidos na época de Jena.

Os escritos hegelianos de Jena, tais como o *Sistema da vida ética* (1802-1803) e a *Filosofia Real* (1805-1806), além da dinâmica do reconhecimento, tal como ela se apresenta na relação entre duas consciências, apresentariam uma dimensão histórica e social, ausente da obra de 1807. Isso caracterizaria uma espécie de déficit histórico e social da teoria do reconhecimento na versão fenomenológica, complementar ao superávit metafísico afirmado por sua matriz lógica.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

José Pinheiro Pertille - É preciso reconhecer os grandes méritos da leitura de Hegel feita por Honneth. Para além da prática de um "hegelianês" pernóstico, atitude essa que ao se fechar na tecnicidade da terminologia de Hegel acaba por perder de vista as grandes questões, a interpretação de Honneth abre profícuos diálogos do pensamento hegeliano em diversas frentes: filosóficas, científicas e sociais.

Contudo, podemos nos perguntar se a leitura crítica, parcial, *in media res* da obra de Hegel seria substitutiva da leitura imanente, sistemática, *ab initio*, e se uma e outra seriam incompatíveis entre si. Além disso, é preciso verificar se o déficit social e histórico não está saldado no percurso mesmo da *Fenomenologia do Espírito*, com a exposição do conceito de eticidade que suprassume o reconhecimento. ■

LEIA MAIS...

– *Superar, aniquilar e conservar - A filosofia da história de Hegel*. Entrevista especial com José Pinheiro Pertille publicada na revista IHU On-Line, nº 430, de 21-10-2013, disponível em <http://bit.ly/1UCpkdK>.

As instituições como escudo contra o capital

Danilo Vaz Curado entende que Hegel faz a defesa de instituições como forma de proteger cidadãos das forças de opressão

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

A metafísica hegeliana se mostra ainda potente na política ocidental, podendo ser vista como arma de defesa para proteger os cidadãos do capital, o operário da instrumentalização do mundo do trabalho, os povos das invasões de outros povos e assim por diante. “A denominada Filosofia clássica alemã não dissociou a explicitação do presente numa relação de participação ativa nos acontecimentos refletidos”, destaca o professor Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa. Ele entende que a afirmação está suscetível a críticas. Há quem diga que Hegel e seus pares da filosofia clássica alemã não estavam assim tão preocupados com as questões imanentes do povo, pois há ideia de defesa da superioridade alemã materializada no Estado. “Hegel nunca foi um defensor de nenhum estado concreto particular, por exemplo, a Prússia. Nem tampouco nunca foi defensor de uma suposta superioridade do povo alemão”, esclarece.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Costa explica que “o que Hegel defendia eram

instituições que pudessem regular fenômenos suprapessoais em favor dos cidadãos”. Por isso destaca que é importante entender a defesa das instituições por Hegel como propósito de “proteger os cidadãos do capital, então nascente, o operário da instrumentalização do mundo do trabalho, os povos das invasões de outros povos”. Para o professor, é nesta perspectiva que a metafísica hegeliana assume “um protagonismo histórico *sui generis*, realizando uma profunda revolução na política”.

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e graduado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, onde leciona no Departamento de Filosofia. É um dos autores de *Carl Schmitt contra o ‘Império’* (Recife: EDUFPE, 2009) e escreveu *A interrogação filosófica no pensamento de Hegel* (Munich: Grin Publishing GmnH, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - A partir da obra de Hegel, em que medida é possível ler a Lógica sem a Metafísica?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - A leitura da Lógica, que aqui não deve ser confundida com a lógica formal ou do cálculo proposicional, sem a metafísica pode ser dividida em duas perspectivas: uma externa ao sistema hegeliano e que tem sua his-

tória a partir do confronto da tradição analítica, do início do século 20 com a obra de Hegel; e outra imanente, que se nutre da própria transformação que Hegel operou em sua lógica.

Leitura externa ao sistema hegeliano

A leitura externa ganha força a partir das descobertas operadas

por Frege¹ de uma lógica que não ficasse refém do modelo aristotélico de estruturação proposicional. Ou seja, ao compreender a proposição em termos de *argumento e função*, Frege superou o modelo clássico

¹ **Friedrich Ludwig Gottlob Frege** (1848-1925): matemático, lógico e filósofo alemão. Trabalhando na fronteira entre a filosofia e a matemática, Frege foi o principal criador da lógica matemática moderna, sendo considerado, ao lado de Aristóteles, o maior lógico de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)



Uma leitura sem metafísica a partir da lógica hegeliana não implica a ausência na lógica do discurso metafísico, mas sim a superação lógica da metafísica dogmática

da proposição lógico-gramatical. Esta inovação, aliada ao primeiro Wittgenstein² do *Tractatus* e sua tese de isomorfia entre a lógica e o mundo e a reformulação da pergunta acerca do que há em Quine³, inaugura a leitura analítica ou sem metafísica da lógica, tal como a realiza Pirmin Stekeler-Weithofer⁴.

Leitura interna ao sistema hegeliano

A leitura interna ou imanente segue os passos da transformação da metafísica operada pela filosofia

2 **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da **IHU On-Line**, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível em <http://bit.ly/ihuon308>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista **IHU On-Line** 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon362>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Willard Van Orman Quine** (1908-2000): um dos mais influentes filósofos e lógicos norte-americanos do século XX, considerado o maior filósofo analítico da segunda metade deste século. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Pirmin Stekeler-Weithofer** (1952): filósofo alemão e professor de Filosofia Teórica na Universidade de Leipzig. Ele foi o presidente da sociedade internacional Ludwig Wittgenstein (2006-2009). (Nota da **IHU On-Line**)

clássica alemã, especialmente com Kant⁵ e Bardilli⁶, que subordinando à lógica ao princípio transcendental passa a compreender o juízo, a inferência e o silogismo não como determinações formais do pensar, porém como determinações transcendentais do sujeito lógico-pensante constituindo objetivamente os objetos do mundo. Esta transformação operada por Kant como resposta à grande erradicação metafísica promovida por Hume⁷

5 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Christoph Gottfried Bardilli** (1761-1808): filósofo alemão e primo de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling. Ele era crítico do idealismo kantiano e propôs o seu próprio sistema de filosofia conhecida como realismo racional. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **David Hume** (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical

à metafísica recebeu na filosofia clássica alemã o impulso de Reinhold⁸, Bardilli, Fichte⁹, Schelling¹⁰ e atinge sua consumação em Hegel.

Nesta perspectiva, uma leitura sem metafísica a partir da lógica hegeliana não implica a ausência na lógica do discurso metafísico, mas sim a superação lógica da metafísica dogmática (*metafísica generalis e metafísica especialis*), através da compreensão metafísica da lógica. Hegel propõe uma leitura em que a Lógica substitui os campos de indagação racionais tradicionais da metafísica como *Deus*, *a alma*, *a origem do mundo* e *a liberdade*. É assim que se entende a lógica sem metafísica em Hegel.

IHU On-Line - Quais são os limites e desafios que surgem dessa leitura?

dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. Sobre ele, leia a **IHU On-Line** número 369, de 15-08-2011, intitulada *David Hume e os limites da razão*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon369>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Karl Leonhard Reinhold** (1757-1823): foi um filósofo austríaco que, apoiado na filosofia de Immanuel Kant, fundamentou as teorias especulativas que fundaram o idealismo alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus *Discursos à nação alemã* são sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Friedrich Schelling** (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - Toda interpretação já implica certo comprometimento com o texto interpretado, e, como em toda a interpretação, o risco que se deve admitir é aquele de iluminar determinações conceituais em detrimento de outras. Ao se eleger qualquer uma das duas perspectivas acima assinaladas, já se corre um risco que exporei, em seus traços fundamentais.

A leitura internalista de compreensão de lógica como metafísica corre o risco de insinuar o colapso da contingência da realidade na medida em que assume as determinações fundamentais e abrangentes da racionalidade como sendo índices capazes de explicitar em sua mais profunda intensidade a totalidade do que é. Esta sempre foi uma crítica a que pesquisadores como Carlos Cirne-Lima¹¹ imputa-

¹¹ **Carlos Roberto Velho Cirne-Lima** (1931): filósofo brasileiro, professor emérito do PPG em Filosofia da Unisinos. Ingressou no seminário jesuíta aos 16 anos. Nas duas décadas em que pertenceu à Companhia de Jesus, dedicou-se aos estudos de Filosofia e Teologia, ingressando em 1949 no *Berchmannskolleg Pullach Bei München*. A partir de 1953, cursou Teologia em Frankfurt e Innsbruck, Áustria, onde conheceu os professores Karl Rahner e E. Coreth. Doutorou-se em Filosofia, em 1959, pela *Universität Innsbruck*. No início da década de 1960, retornou ao Brasil, e em seguida voltou para a Europa, onde lecionou na Universidade de Viena, iniciando, então, sua segunda etapa de formação filosófica. Nesse período, iniciou seus estudos sobre Leibniz, Kant, Schelling e Hegel. Em 2006, inovou ao editar o CD-Rom *Dialética para todos*, no qual apresenta, com uma linguagem didática, suas teorias sobre dialética e sistema filosófico. Entre seus livros publicados, citamos: *Realismo e Dialética. A analogia como dialética do Realismo* (Porto Alegre: Globo, 1967), *Sobre a contradição* (Porto Alegre: Edipuers, 1993), *Nós e o Absoluto* (São Paulo: Loyola, 2001), *Dialética para Principiantes* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002) e *Depois de Hegel. Uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico* (Caxias do Sul: Educus, 2006). Confira suas entrevistas na 80ª edição da **IHU On-Line**, de 20-10-2003, intitulada *As universidades perderam a unidade do saber*, disponível em <http://bit.ly/ihuon80>, e outra na 102ª edição, de 24-05-2004, sob o título *Karl Rahner defendeu idéias, antes do tempo, cedo demais!*, disponível em <http://bit.ly/ihuon102>. Veja ainda a da edição 142, de 23-05-2005, intitulada *O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e Caos*, disponível em <http://bit.ly/ihuon142>, Cirne-Lima foi um dos integrantes da mesa-redonda que debateu o assunto com os filósofos Karen Gloy, da Universidade de

ram a Hegel, e que, em parte, é verdadeira. Hegel, ao unir a doutrina das categorias com a estrutura formal do mundo num sujeito extralógico que se autoexplicita, determinou metafisicamente a série dos possíveis, domesticando o acaso; esta, por exemplo, é a tese de Konrad Utz¹².

“
Hegel viveu o avassalador apogeu das ciências modernas e da necessidade de estabelecimento de uma gramática filosófica capaz de explicitar fenômenos

A leitura externalista de ler a lógica sem a metafísica possui o mérito de buscar demonstrar a atualidade da lógica de Hegel ante as lógicas paracompletas, bivalentes e paracconsistentes. Todavia, ao fazê-lo, cai-se numa imperiosa necessidade

Lucerna, Áustria, e Günther Küppers, da Universidade de Bielefeld, Alemanha; no que concedeu a entrevista *Dialética para todos: Aristóteles com o controle-remoto na mão*, na edição 183, de 05-06-2006, em <http://bit.ly/ihuon183>. Confira ainda a entrevista à edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, com o título *Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon217>. A **IHU On-Line** dedicou a edição 261 ao pensamento de Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, publicada em 09-06-2008 e disponível em <http://bit.ly/ihuon261>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Konrad Christoph Utz**: possui mestrado em Teologia Católica – Universidade de Tübingen e doutorado em Filosofia – Universidade de Tübingen, fez pós-doutorado na Universidade de Heidelberg. Atualmente é professor efetivo da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Idealismo Alemão, atuando principalmente nos seguintes temas: dialética, necessidade e acaso, amizade; Hegel, Kant, Aristóteles. (Nota da **IHU On-Line**)

de reformular o espaço semântico de significações dos principais conceitos hegelianos, violando assim a letra de Hegel para salvar-lhe o espírito; este é o caso, por exemplo, de Pirmin Stekeler-Weithofer.

IHU On-Line - Em que consiste a crítica a Pirmin Stekeler-Weithofer?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - Pirmin Stekeler-Weithofer é um dos grandes filósofos alemães da atualidade, um pensador de obra própria, que no sentido mais claro da tradição continental passa a limpo os principais intervenientes desta tradição, a exemplo de Platão¹³, Hegel, Heidegger¹⁴, entre outros.

Entretanto, também assumindo uma premissa da tradição analítica, referente à análise lógica dos enunciados e sua necessária correção quanto à vaguidade e ambiva-

¹³ **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pte-X8f>. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**

¹⁴ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** n° 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença* – pré-evento do *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da **IHU On-Line**)

lência, elabora uma leitura analítica da lógica hegeliana como uma teoria crítica do significado, numa clara perspectiva reducionista. Isso porque admite uma leitura em termos de filosofia da linguagem, num dos aspectos da linguagem, qual seja, sua semântica com vistas a sua pragmática. Logo, a principal crítica é aquela referente ao reducionismo hermenêutico.

IHU On-Line - Que traços fundamentais devem ser apontados acerca da lógica e da metafísica hegelianas?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - Hegel viveu o avassalador espetáculo do apogeu das ciências modernas e da necessidade de estabelecimento de uma gramática filosófica capaz de explicitar fenômenos, até então, não abarcados nos quadros conceituais da lógica de base aristotélico-medieval. E, também, nem tampouco da metafísica enquanto *teoria do Ser, a ontologia geral*, que tinha por objeto Deus, e seus desdobramentos enquanto teoria do *ens*, ou *ente*. Estas constituíam as ontologias regionais da reflexão e que, ao se preocupar com os problemas da origem do mundo, da alma e da liberdade, davam nascimento reciprocamente à *cosmologia*, à *psicologia racional* e à *ética*.

Hegel incorporou estes temas da tradição lógico-clássica em seu primeiro livro da lógica, a *Doutrina do Ser*, o próprio nome já o indica, reservando ao segundo livro da Lógica, a *Doutrina da Essência*, demonstrar que tais conceitos eram apenas aparentemente filosoficamente consistentes, elaborando a erradicação da metafísica tradicional, pela explicitação desta como uma lógica da aparência. Com o terceiro livro de sua lógica, a *Doutrina do Conceito*, é elaborada pela primeira vez na história da filosofia uma alternativa à lógica e metafísicas tradicionais, com o claro propósito de articular unificando: o espaço de razões com a realidade, o sujeito que reflete com as determinações da reflexão, instituindo

assim a lógica como a totalidade metafísica do discurso filosófico.

IHU On-Line - Qual é a importância de *A ciência da Lógica* e sua atualidade na Filosofia? Quais são suas recepções e críticas centrais?

“

A Ciência da Lógica de Hegel busca ser enquanto lógica uma síntese, tanto de uma lógica que estabelece as condições de estruturação proposicional do pensamento

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - A *Ciência da Lógica* de Hegel busca ser enquanto lógica uma síntese, tanto de uma lógica que estabelece as condições de estruturação proposicional do pensamento. Ou seja, uma lógica formal; ao mesmo tempo que constrói e explicita a constituição dos próprios objetos do pensamento. Hegel postula que sua *Ciência da Lógica* será tanto objetiva como subjetiva. Nesta perspectiva aberta por Hegel, a *Ciência da Lógica* deve suprasumir a lógica formal e aquela transcendental, apresentando-se como uma verdadeira metafísica.

Dita perspectiva postulada e desenvolvida por Hegel para sua lógica, coloca-a no centro das grandes questões atuais da filosofia como aquelas da mente, da metafísica, da rejeição ao fisicalismo e naturalismo etc. A principal, para não dizer central, questão que se põe a *Ciência da Lógica*, de Hegel, é o paulatino sufocamento da liberda-

de pela supressão da contingência em seu modelo lógico-metafísico.

IHU On-Line - Por que a metafísica hegeliana se mostrou tão influente na política ocidental?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - A assim denominada *Filosofia clássica alemã* que compreende pensadores como Kant, Fichte, Schelling, Jacobi¹⁵, Hegel, entre outros, não dissociou a explicitação do presente duma relação de participação ativa nos acontecimentos refletidos. Pense-se, por exemplo, em Hegel plantando uma árvore comemorando a revolução francesa, em Fichte discursando aos seus ouvintes em Berlim em favor de uma guerra legítima contra o invasor, diga-se, Napoleão etc.

Tal perspectiva promove uma ambiguidade na recepção da obra destes autores, em geral, e da metafísica de Hegel, em particular. Hegel nunca foi um defensor de nenhum estado concreto particular, por exemplo, a Prússia¹⁶. Nem tampouco nunca foi defensor de uma *suposta* superioridade do povo alemão, assumo com todo o ônus que isso pode me cobrar o uso do quantificador universal *nunca*...

Em verdade, o que Hegel defendia eram instituições que pudessem regular fenômenos suprapessoais em favor dos cidadãos. Ou seja, a defesa das instituições por Hegel, em verdade, tem por propósito proteger os cidadãos do capital, então nascente, o operário

¹⁵ **Carl Gustav Jakob Jacobi** (1804-1851): foi um matemático alemão, que fez contribuições fundamentais para funções elípticas, dinâmica, equações diferenciais e teoria dos números. Seu nome está escrito ocasionalmente como Carolus Gustavus Iacobus Jacobi em seus livros latinos, e seu primeiro nome é dado às vezes como Karl. Jacobi foi o primeiro matemático judeu a ser nomeado professor em uma universidade alemã. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Reino da Prússia**: foi um reino alemão de 1701 a 1918 e, a partir de 1871, o principal Estado-membro do Império Alemão, compreendendo quase dois terços da área do império. Seu nome originou-se do território do Ducado da Prússia, embora sua base de poder tenha sido Marca de Brandemburgo. Foi centrado na região histórica da Prússia. (Nota da **IHU On-Line**)

da instrumentalização do mundo do trabalho, os povos das invasões de outros povos etc. Nesta perspectiva, bem singular, de fato a metafísica hegeliana assumiu um protagonismo histórico *sui generis*, realizando uma profunda revolução na política.

IHU On-Line - Como Dialética, Religião e a construção do conceito de liberdade se imbricam nos Theologische Jugendschriften¹⁷ hegelianos?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - Quando iniciei minha trajetória nos estudos hegelianos fui aconselhado pelo Pe. Paulo Meneses SJ¹⁸ que fizesse o caminho hegeliano como um todo, e assim iniciasse meus estudos pelo grande manancial de especulações, anotações e grandes diagnósticos a que Hegel chegara com seus escritos de juventude. Acredito que assumir os escritos de juventude como momento inicial de minha formação hegeliana foi para mim fundamental, pois pude acompanhar como os grandes conceitos da filosofia hegeliana foram gestados no laboratório do pensamento de Hegel.

Eu percebi que havia nesta massa de escritos um movimento permanente de estabelecer um modo de reflexão não estático - a Dialética - a partir de uma reflexão dos assuntos fundamentais da existência humana - a religião - com vistas à elaboração daquele que é o conceito perseguido por todos os filósofos, a liberdade. Os Escritos de

17 **Primeiros** Escritos Teológicos (Theologische Jugendschriften): título de uma coleção dos primeiros manuscritos inéditos de Hegel, editado por H. Nohl em 1907 e traduzido em parte por TM Knox em 1948. Esses escritos são muito diferentes em estilo e conteúdo dos escritos posteriores de Hegel, mas eles mostram seu pensamento posterior e alguns de seus conceitos centrais que emergem de sua preocupação precoce com a religião. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Paulo Meneses** (1924-2012): filósofo brasileiro, graduado em Filosofia pela Faculdade Pontifícia de Friburgo, e doutor pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, onde foi professor. Entre outros, escreveu *Para ler a Fenomenologia do Espírito* (São Paulo: Loyola, 1985). (Nota da **IHU On-Line**)

Juventude [Theologische Jugendschriften] desenvolvem em praticamente todos os seus fragmentos os temas que posteriormente formam aglutinados nos conceitos de *dialética, religião e liberdade*.

IHU On-Line - Em que consistem esses "escritos juvenis" teológicos?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - São um importante laboratório de reflexões hegelianas, em que temas teológicos, sociológicos, antropológicos, jurídicos, filosóficos e mesmo de literatura são entrecortados com o propósito de instrumentalizar o pensamento maduro de Hegel. A tradição da Hegel-Forschung sempre volta a estes escritos com o propósito de iluminar a filosofia de Hegel, em particular, e a filosofia ocidental, em geral.

Autores tão diversos como Dilthey¹⁹ voltam a Hegel para instituir um discurso novo na filosofia, como certo tipo de vitalismo hermenêutico. Lukács²⁰ igualmente volta ao Hegel juvenil, quando o marxismo vivencia a sua primeira grande crise. Habermas²¹ igualmente retoma estes escritos e, junto com os de lena, os identifica com o Hegel revolucionário.

19 **Wilhelm Dilthey** (1833-1911): filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. Foi professor da Universidade de Berlim. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **György Lukács**, ou Georg Lukács (1885-1971): foi um filósofo húngaro de grande importância no cenário intelectual do século XX. Segundo Lucien Goldmann, Lukács fez, em sua acidentada trajetória, o percurso da filosofia clássica alemã: inicialmente um crítico influenciado por Kant, depois o encontro com Hegel e finalmente, a adesão ao marxismo. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da **IHU On-Line**)

Igualmente, diversos estudiosos articulam a estes escritos juvenis seu caráter não sistemático a pensadores, que ordinariamente poderiam ser taxados de anti-hegelianos como, por exemplo, Nietzsche²². Pensa-se aqui, por exemplo, no jovem pesquisador e Pe. Adilson Felício Feiler SJ²³, que recentemente publicou um livro pela editora Unisinos, intitulado *Hegel e Nietzsche*, resultado de sua tese de doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

22 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/Hl7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologicismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento **do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUXGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Adilson Felício Feiler**: possui graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque - FEBE e em Teologia pelas: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE e Pontifícia Universidade Católica do Paraná- PUCPR, mestrado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS, tendo sido pesquisador visitante na Georgetown University. É professor na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e atua nos seguintes temas: Nietzsche, Hegel, moral, ética e Cristianismo. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual é o impacto de tais reflexões nas obras escritas posteriormente?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - Os escritos de Juventude serão fundamentais no modo como Hegel compreenderá a dinâmica de estruturação da política, da vida em sociedade e da relação entre as diversas esferas institucionais como o Estado, a Igreja, a Sociedade civil, a família etc. De algum modo, também estes escritos já nos permitem identificar a estruturação do conceito de eticidade, dos nexos fundamentais da *Fenomenologia do Espírito* etc. Todavia, também há uma forte corrente exegética que refere identificar na relação entre juventude e maturidade em Hegel uma relação de ruptura e descontinuidade como, por exemplo, ad-

vertem Habermas, Theunissen²⁴, Honneth²⁵, Dussel²⁶, entre outros, e cada um por seus próprios motivos.

24 **Michael Theunissen** (1932): filósofo alemão. Autor de, entre outros, *Der Begriff Verzweiflung: Korrekturen an Kierkegaard* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1993). (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Axel Honneth** (1949): filósofo e sociólogo alemão. Desde 2001, é diretor do *Institut für Sozialforschung* (Instituto para Pesquisa Social) da Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt, Alemanha, instituição que abrigou o nascimento da Escola de Frankfurt. A sua produção acadêmica está relacionada a uma teoria do reconhecimento recíproco, descrita na obra *Kampf um Anerkennung. Zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte*, de 1992, publicada no Brasil com o título *Luta por reconhecimento - A Gramática Moral dos Conflitos Sociais* (São Paulo: Editora 34, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Enrique Dussel** (1934): filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. Exponente da Filosofia da libertação e do pensamento latino-americano em geral,

IHU On-Line - Há um nexos entre a Lógica enquanto discurso do Absoluto? Qual seria ele?

Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa - Sim, diversos estudiosos hegelianos têm interpretado a Ciência da Lógica como um grande discurso do absoluto. Ou seja, a Ciência da Lógica teria esta função reveladora na qual a verdade se identifica a si mesma com seus diversos modos do vir-a-ser, tal como expostos na Enciclopédia dos Sistemas Filosóficos. ■

seu pensamento discorre sobre temas como filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade, chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Tem mantido diálogos com filósofos como Apel, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Richard Rorty, Lévinas. Crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *O trabalho filosófico como síntese da tradição cristã*. Entrevista especial com Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa, publicada na revista **IHU On-Line** nº 412, de 18-12-2012, disponível em <http://bit.ly/22RwlfR>.
- *Hegel. Sistema, método e estrutura*. Entrevista especial com Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa, publicada na revista **IHU On-Line** nº 449, de 04-08-2014, disponível em <http://bit.ly/1SB5sUz>.

CICLO DE ESTUDOS EM EAD



21 DE MARÇO A 2 DE MAIO DE 2016 (VIA MOODLE)
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: IHU.UNISINOS.BR

A metafísica revista como lógica

Joãosinho Beckenkamp analisa a metafísica transmutada em lógica, como o que chama de lógica hegeliana, uma nova perspectiva que tomou o lugar da metafísica tradicional

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

Em Hegel, pensar metafísica é se despir de proposições fundamentais que orientam um pensamento sistemático. É algo mais complexo, com inúmeras interconexões concebidas organicamente. É nessa perspectiva que o professor Joãosinho Beckenkamp analisa a “metafísica transformada em lógica” ou, como chama, a “lógica hegeliana”. “É preciso que fique claro que, se continuamos a falar de uma metafísica hegeliana, trata-se sempre de uma metafísica transformada em lógica, ou seja, da lógica hegeliana, que tomou o lugar da metafísica, não se devendo confundir com a velha metafísica”, completa. Significa pensar numa nova forma de metafísica, em que “o absoluto tem de ser compreendido tanto como substância quanto como sujeito”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, Joãosinho destaca que toda a geração de Hegel supera a ideia de “um sistema que reduzia tudo a uma única substância impessoal e destituída de entendimento e vontade, sendo qualquer subjetividade mera modificação em seus atributos”. Isso porque, segundo ele, é uma mesma geração que cresceu também “sob a influência marcante da filosofia de Kant, cujo núcleo subjetivo foi

desenvolvido por Fichte”. “Hegel optou pela via fichtiana, expondo a completa subjetivação da substância, o que para ele significa, no entanto, que o absoluto se realiza completamente através dos sujeitos num processo histórico em que educação e formação individuais, herança cultural e emulação dos povos constituem a verdadeira efetividade do espírito”, completa o professor.

Joãosinho Beckenkamp é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Em 2003-2004 realizou estágio pós-doutoral junto ao Arquivo Hegel, em Bochum, na Alemanha. Sua experiência é centrada na área de História da Filosofia, com ênfase no Idealismo Alemão. Entre suas publicações, destaca-se *Immanuel Kant, Princípios metafísicos da doutrina do direito* (São Paulo: WMF Martins Fontes), *O jovem Hegel: Formação de um sistema pós-kantiano* (São Paulo: Loyola, 2009) e *Entre Kant e Hegel* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que ocorre a transformação da metafísica em lógica no idealismo alemão?

Joãosinho Beckenkamp - Para entender o sentido e o alcance da transformação da metafísica em lógica no idealismo alemão é preciso lembrar o estado da questão herdado por Kant¹ e sua geração.

¹ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas

filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU**

Em meados do século XVIII, David Hume² havia feito tábula rasa da

em formação número 2, intitulado *Immanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **David Hume** (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo



Um dos avanços substanciais da filosofia hegeliana em relação à kantiana é o aprofundamento da compreensão histórica da filosofia

metafísica tradicional, reativando um ceticismo que deixara de ser praticado com pleno vigor desde os tempos de Sexto Empírico³. Colocando radicalmente em questão os conceitos metafísicos de substância e causalidade, Hume colocou em xeque também a crença numa identidade pessoal substancial, que marcava a ideia de alma, e a crença na existência de uma unidade substancial causadora de tudo e todos, presente na ideia de Deus.

Ademais, com suas dúvidas cétricas radicais acerca da possibilidade de sequer demonstrar a existência de objetos externos, Hume havia colocado em cheque a pomposa ciência do ser enquanto ser, que desde Aristóteles⁴ nutriu a metafísica com suas elucubrações ontológicas. Com isto estava lançado um desafio radical à metafísica, cuja

ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o Tratado da natureza humana. Sobre ele, leia a **IHU On-Line** número 369, de 15-08-2011, intitulada David Hume e os limites da razão, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon369>. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Sexto Empírico**: foi um médico e filósofo grego que viveu entre os séculos II e III d.C. Seus trabalhos filosóficos são um dos melhores exemplos do ceticismo pirrônico e fonte da maioria dos dados referentes a essa corrente filosófica, opondo-se à astrologia e outras magias. Seus escritos foram publicados em latim pela primeira vez em 1562, por Henricus Stephanus. Seus conceitos influenciaram Montaigne e Hume. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Aristóteles de Estagira** (384 a. C.–322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

simples existência como disciplina filosófica séria estaria doravante em questão.

Filosofia do senso comum

O desafio de Hume à metafísica foi muito bem entendido, a ponto de ter ocasionado o surgimento de dois programas filosóficos distintos como resposta. O primeiro foi ensaiado por seus conterrâneos escoceses, com a criação por Thomas Reid⁵ de uma filosofia do senso comum, cuja estratégia consistiu em atacar a própria filosofia que levou a um ceticismo tão radical, propondo como resposta última o refúgio na fé cristã e nas convicções do senso comum. A metafísica como disciplina filosófica propriamente dita não foi, contudo, reabilitada com isso, ficando agora sob duplo ataque, o cético humiano⁶, que lhe nega qualquer fundamento cognitivo, e o suspicaz reidiano, que a denuncia como desdobramento consequente de uma razão abstrata que já não dialoga com a fé e as convicções do homem comum.

Filosofia transcendental kantiana

O segundo programa a responder ao desafio humiano é a filosofia transcendental kantiana. Kant reconhece, por volta de 1771, que o ataque de Hume à metafísica é o mais sério já feito desde que existe a dis-

⁵ **Thomas Reid** (1710-1796): filósofo britânico contemporâneo de David Hume, fundador da Escola Escocesa do Senso Comum, e que desempenhou um papel importante no Iluminismo Escocês. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ Que vem de David Hume. (Nota da **IHU On-Line**)

ciplina, chegando a admitir nos *Prolegômenos a toda metafísica futura* que foi Hume quem o teria desperdado de seu sono dogmático. A estratégia de Kant não consiste numa reabilitação da metafísica tradicional, pois concorda com Hume que ela carece de qualquer fundamento cognitivo; sua estratégia consiste em transformar a metafísica em lógica, cunhando para tanto a expressão “lógica transcendental”.

As quatro disciplinas da metafísica como praticada até o século XVIII, a saber, uma de metafísica geral ou doutrina do ente em geral, a ontologia, e três de metafísica especial ou do ente em espécie, nomeadamente, a psicologia ou doutrina da alma, a cosmologia ou doutrina do mundo e a teologia ou doutrina de Deus, são distribuídas em duas partes dessa lógica transcendental: a ontologia é reduzida à analítica dos conceitos e princípios do entendimento, tratada na analítica transcendental como lógica da verdade, e as disciplinas mais caras da tradição cristã, como a psicologia (na qual está em jogo a imortalidade da alma) e a teologia (na qual se trata essencialmente da existência de Deus), além naturalmente da cosmologia, são sistematicamente desconstruídas na dialética transcendental como uma lógica da ilusão, mostrando-se o caráter falacioso dos argumentos empregados para tentar estabelecer algum conhecimento acerca destes objetos caros à desmesurada expectativa de homens que não souberam ou não quiseram conviver com seus limites.

Tendo sido começado por Kant, este processo de transformação da metafísica em lógica é retomado por Hegel em 1801, conhecendo na década seguinte um aprofundamento e uma extensão tais, que a lógica passou a ser no sistema hegeliano a parte mais fundamental, aquela em que se articulam as categorias decisivas do conjunto do pensamento filosófico.

IHU On-Line - Como se dá tal transformação e qual é o seu impacto na filosofia sistemática de Hegel?

Joãosinho Beckenkamp - Um dos avanços substanciais da filosofia hegeliana em relação à kantiana é o aprofundamento da compreensão histórica da filosofia. Tomado em termos de história da filosofia e também de filosofia da história, a metafísica posta abaixo por Hume resultou de um processo de racionalização de fantasias religiosas de povos orientais que começaram a contrapor o mundo em que vivemos a uma divindade transcendente, concebendo inicialmente a ideia de que nosso mundo foi criado por tal divindade e posteriormente ainda a ideia de que há uma existência após a morte, em que a parte espiritual do indivíduo se juntaria à corte composta por aquela divindade e pelas pessoas já finadas, numa espécie de mundo puramente espiritual e completamente transcendente.

Tais representações religiosas colocam uma série de dificuldades para uma razão que busca entender como são possíveis as coisas. Estas dificuldades começaram a ser enfrentadas, com os recursos que a filosofia grega vinha desenvolvendo desde o século V a.C., quando a tradição judaica, e posteriormente também a cristã, encontrou-se com a racionalidade filosófica grega.

Como bem lembrariam mais tarde os cristãos, Platão⁷ e o platonismo já haviam longamente elaborado sobre os conceitos metafísicos que permitem falar de um mundo inteligível como algo distinto e separado do mundo sensível. Estes conceitos foram largamente explorados pela tradição cristã para conferir um viés

7 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**

racional a crenças cuja origem é efetivamente a fantasia popular. Com todas as sutilezas da escolástica, aqueles conceitos metafísicos chegariam também à filosofia moderna, apenas se ensaiando com eles diversos arranjos entre Descartes⁸ e Leibniz⁹. A derrocada humiana atinge, pois, tanto metafísicos antigos quanto modernos, questionando-se radicalmente já a simples ideia de um inteligível destacado de todo sensível. Hume, aliás, reconhece e investe a origem fabulosa das crenças no transcendente, diagnosticando o medo inerente à natureza humana como sua fonte principal.

Da metafísica à lógica

Em relação a este diagnóstico humano, a estratégia kantiana de transformar a metafísica em lógica teve como efeito uma promoção inicial daqueles conceitos, visto que identifica sua origem na própria razão. Mas uma razão entendida como faculdade subjetiva de propor totalidades incondicionadas ao pensamento, sendo esta limitação ao sujeito o ponto inaceitável para Hegel. Este concorda com

8 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de “função” como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descreveu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da **IHU On-Line**)

Kant no concernente à natureza puramente racional das ideias metafísicas, ou seja, que elas não se referem a algo externo à razão e a ela contraposto absolutamente. Mas discorda quanto à limitação subjetivista da própria razão, exigindo uma lógica que dê conta da razão como identidade do subjetivo e do objetivo. Ainda que seu lado formal seja tratado na lógica (que neste sentido também executa a transformação da metafísica em lógica), esta identidade racional do sujeito e do objeto perpassa toda a filosofia sistemática de Hegel.

IHU On-Line - Quais são as proposições fundamentais da metafísica hegeliana e em que sentido essas ideias divergem de autores que o influenciaram, como Espinosa¹⁰, Kant e Fichte¹¹, por exemplo?

Joãosinho Beckenkamp - Antes de mais, é preciso que fique claro que, se continuamos a falar de uma metafísica hegeliana, trata-se sempre de uma metafísica transformada em lógica, ou seja, da lógica hegeliana, que tomou o lugar da metafísica, não se deven-

10 **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da **IHU On-Line**, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor que publicasse o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus Discursos à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da **IHU On-Line**)

do confundi-la com a velha metafísica. Além disso, é difícil falar de proposições fundamentais de um pensamento sistemático que não tem começo, meio e fim, mas em que tudo está interconectado organicamente.

Posto isto, pode-se tomar como máxima que anima o sistema hegeliano o dito na *Fenomenologia do espírito* de que o absoluto tem de ser compreendido tanto como substância quanto como sujeito. A geração de Hegel sofreu um forte impacto da leitura de Espinosa, que propôs um sistema que reduzia tudo a uma única substância impessoal e destituída de entendimento e vontade, sendo qualquer subjetividade mera modificação em seus atributos. Esta mesma geração, entretanto, cresceu também sob a influência marcante da filosofia de Kant, cujo núcleo subjetivo foi desenvolvido por Fichte; via-se, pois, desafiada a conciliar os dois modos de filosofar.

Os românticos, como Schelling¹², Novalis¹³ e Friedrich Schlegel¹⁴ (em sua filosofia transcendental), enveredaram por uma filosofia da natureza que enfatiza o lado da substância, acabando por propor um panteísmo ou até retornando à dogmática cristã. Hegel optou pela via fichtiana, expondo a completa subjetivação da substância, o que para ele significa, no entanto, que o absoluto se realiza completamente através dos sujeitos num

¹² **Friedrich Schelling** (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Georg Philipp Friedrich von Hardenberg** (1772-1801), Freiherr (barão) von Hardenberg, mais conhecido pelo pseudônimo Novalis, foi um dos mais importantes representantes do primeiro romantismo alemão de finais do século XVIII e o criador da flor azul, um dos símbolos mais duráveis do movimento romântico. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Friedrich Schlegel** (1772-1829): poeta, crítico literário, filósofo e tradutor alemão. Irmão mais novo do também filósofo August Wilhelm Schlegel. (Nota da **IHU On-Line**)

processo histórico em que educação e formação individuais, herança cultural e emulação dos povos constituem a verdadeira efetividade do espírito.

IHU On-Line - Nesse contexto, qual é a importância da *Ciência da lógica*?

“
Hegel desenvolveu uma lógica dos processos históricos que permite pensar a constituição de identidades culturais e políticas

Joãosinho Beckenkamp - O que em Kant mal começou a ter um nome, a lógica transcendental como lógica dos conceitos e princípios do entendimento e da razão, foi levado a cabo na *Ciência da lógica*, que pretende ser uma exposição sistemática da razão em seus diferentes momentos.

IHU On-Line - Quais são os motivos que fizeram a metafísica hegeliana tão influente, forte e duradoura na vida política?

Joãosinho Beckenkamp - No tratamento sistemático da razão como identidade da identidade e da diferença, Hegel desenvolveu uma lógica dos processos históricos que permite pensar a constituição de identidades culturais e políticas, não contra, mas através das diferenças e das contradições. Esta lógica tem constituído uma matriz bastante fértil do pensamento filosófico moderno, influenciando a vida política sobretudo em sua vertente marxista.

IHU On-Line - Enquanto a França se ocupava em assegurar a li-

berdade através da Revolução Francesa, na Alemanha os intelectuais se ocupavam com a ideia de liberdade. Em que medida esses diferentes cenários nos ajudam a compreender a recepção da filosofia de Hegel?

Joãosinho Beckenkamp - Parafraseando a troça de Marx¹⁵ em *Miséria da filosofia*¹⁶, seria possível dizer que os ingleses fabricam os chapéus, os franceses os usam e os alemães os transformam em ideias, com o que se caracterizaria o duplo atraso histórico dos alemães, o econômico, superado ao longo do século XIX, e o político, suplantado tão somente com intervenção externa após duas guerras mundiais. Aliás, neste mesmo texto Marx observa que, para Hegel, a metafísica se resume no método, o que seria outra maneira de considerar o resultado do processo descrito sumariamente acima.

Na altura em que o publicou, em 1847, Marx já havia passado do programa de uma simples revolução política para o de uma radical revolução social, com base numa aprofundada compreensão da economia capitalista que o levaria a desenvolver uma teoria crítica da sociedade moderna, viva e atuante até os dias de hoje. Muitos acreditam que Marx foi um crítico da

¹⁵ **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, que tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ São Paulo: Editora Flama, 1946. (Nota da **IHU On-Line**)

religião por causa de sua observação de que a religião é o ópio do povo; mas no texto em que isto se encontra, do início de 1844, é dito também que na Alemanha a crítica da religião já está concluída, o que nos remete ao cenário em que se configuraram as duas linhas básicas de interpretação da filosofia hegeliana que marcam a história de sua recepção.

Hegelianos de direita

Após a morte de Hegel, em 1831, seus discípulos diretos se empenharam em apresentar a filosofia do mestre como um sistema acabado, no qual se justificava o Estado prussiano e se realizava uma conciliação entre cristianismo (representação religiosa) e filosofia (conceito). Conhecidos como hegelianos de direita, lançaram assim uma linha de leitura do sistema hegeliano que se mantém até hoje. Segundo esta leitura, o domínio filosófico do conceito não supera a representação religiosa, mas a eleva conservando, de acordo com os possíveis significados do termo *Aufhebung*.

Hegelianos de esquerda

Ao mesmo tempo, constitui-se na Alemanha um movimento cultural e político (nos eventos que precedem a revolução de 1848) que se vale da filosofia hegeliana para exigir mais liberdade, não aceitando sua conclusão de que o Estado prussiano já realizaria a liberdade e passando a trabalhar numa superação crítica do cristianismo. Conhecidos como hegelianos de esquerda, os autores deste movimento descortinam uma linha de interpretação da filosofia de Hegel que vê nela, não a elevação conservadora, mas a superação supressiva da representação religiosa no domínio do conceito, chegando à posição derradeira com Bruno Bauer¹⁷, que, tendo participado da segunda edição (1840) das *Lições sobre filosofia da religião de*

¹⁷ **Bruno Bauer** (1809-1882): filósofo, teólogo e historiador alemão. Bauer investigou as fontes do Novo Testamento e concluiu que o Cristianismo primitivo foi tributário do estoicismo – mais que do judaísmo. A partir de 1840, Bauer iniciou uma série de trabalhos defendendo a tese de que Jesus foi um mito estabelecido no século II, a partir da fusão de elementos das teologias judaica, grega e romana, dizendo que as verdadeiras forças originárias do cristianismo teriam sido Filo, Sêneca e os gnósticos. (Nota da IHU On-Line)

Hegel, lança em 1841 seu ultimato irônico *A trombeta do Juízo Final sobre Hegel, o ateuista e anticristo*, cujo título já resume o essencial.

Foram sobretudo David Strauss¹⁸, Ludwig Feuerbach¹⁹ e Bruno Bauer que executaram a crítica à religião de que Marx falava em 1844. Liberando a filosofia hegeliana do peso de sua associação com a representação religiosa, estes autores inauguraram uma linha de leitura que também se mantém viva e produtiva até os dias atuais. ■

¹⁸ **David Friedrich Strauss** (1808-1874): foi um teólogo e exegeta alemão. Discípulo de Hegel, tornou-se muito conhecido após a publicação, em 1835, da obra *Vida de Jesus*, que causou escândalo nos meios religiosos da Alemanha. Para Strauss, o sucesso do cristianismo explicava-se por um “mito de Jesus”, que teria sido forjado pela mentalidade judaica dos tempos apostólicos, e que não poderia ser sustentada pela ciência moderna – perspectiva depois adotada por Ernest Renan na sua *Vida de Jesus*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ **Ludwig Feuerbach** (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

– *Schiller e Hölderlin: “as sementes de um novo universo poético”*. Entrevista com Joãozinho Beckenkamp, publicada na IHU On-Line, nº 475, de 19-10-2015, disponível em <http://bit.ly/1qfjoKI>.

Programação de Eventos

IHU-2016

Disponível em
ihu.unisinos.br

Liberdade como autodeterminação em Hegel

Para o pensador alemão, a liberdade se concretiza apenas quando é reconhecida, pontua Thadeu Weber. Isso vale tanto para a esfera dos direitos fundamentais, quanto nas instituições sociais

Por Márcia Junges

“**L**iberdade, para Hegel, é autodeterminação”, acrescenta **Thadeu Weber** na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. “No entanto, a autonomia dos indivíduos não se define de forma a priori. Ela se efetiva na medida em que expressamos objetivamente nossa vontade livre no exercício efetivo dos direitos e deveres”. E pontua: “*A concretização ou realização da nossa liberdade passa, necessariamente, por instâncias mediadoras, as vontades dos outros nas instituições sociais. Não faz sentido falar em liberdade indeterminada ou abstrata*”.

Thadeu Weber possui graduação pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora

da Imaculada Conceição, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica - PUCRS e doutorado também em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professor da PUCRS, onde desenvolve pesquisas em Hermenêutica, Justiça e Estado Constitucional. Weber é autor, entre outras obras, de *Ética e Filosofia do Direito: autonomia e dignidade da pessoa humana* (Petrópolis: Vozes, 2013), *Ética e Filosofia política: Hegel e o formalismo kantiano* (Porto Alegre: EdiPUCRS, 1999) e *Hegel: Liberdade, Estado e História* (Petrópolis: Vozes, 1993).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que nexos podem ser estabelecidos entre o conceito de liberdade e reconhecimento na Filosofia do Direito de Hegel?

Thadeu Weber - A liberdade é o princípio orientador e fundamentador da Filosofia do Direito. Esta trata, pois, da concretização e efetivação da ideia da liberdade. Esta realização passa por diferentes formas de reconhecimento recíproco das vontades individuais nas relações contratuais e nas instituições sociais. Como primeira instância de realização, o “direito abstrato” apresenta as formas mais imediatas da expressão da vontade livre. O foco é a realização da liberdade nas coisas, com destaque ao direi-

to de propriedade. Ora, este só se efetiva quando reconhecido pelos outros. A propriedade é a posse reconhecida.

A dimensão que o reconhecimento assume como subjetividade é discutida no que o autor chama de “direito de moralidade”, ou direito da vontade subjetiva. A ênfase não é a liberdade nas coisas, mas na própria subjetividade. A pergunta diz respeito às condições da responsabilidade subjetiva. Como o direito e a moralidade são ainda formas incompletas de concretização da vontade livre, a eticidade, como o lugar das mediações sociais e do desdobramento objetivo da liberdade, assume o verdadeiro

espaço da realização da liberdade individual e do reconhecimento recíproco, como mediação social. Isso é explicitado por meio da família, da sociedade civil e do Estado. Portanto, a liberdade somente se realiza quando reconhecida, seja na concretização dos direitos fundamentais, seja nas instituições sociais.

IHU On-Line - Qual é a importância e atualidade de ambas as ideias na Filosofia do Direito desse pensador?

Thadeu Weber - A Filosofia do Direito de Hegel é uma filosofia da intersubjetividade. Hoje, mais do que nunca, precisamos fortale-



A liberdade somente se realiza quando reconhecida, seja na concretização dos direitos fundamentais, seja nas instituições sociais

cer as instituições sociais. Nestas, a mediação das vontades livres envolve diretamente o reconhecimento recíproco. O respeito às diferenças e o esforço mútuo para a celebração de acordos são princípios básicos da democracia. Nessas instâncias de mediação, as vontades individuais não são enfraquecidas ou eliminadas, mas, exatamente, porque mediadas e reconhecidas, estão mais fortalecidas e garantidas. Falar, pois, em reconhecimento significa mostrar como os direitos e liberdades são mediados e assegurados. Robert Williams, um importante comentarista de Hegel, diz que o direito mais importante defendido na Filosofia do Direito de Hegel é “o direito de ter direitos” (Hegel’s Ethics of Recognition, p. 101) e o interpreta como sendo “o direito ao reconhecimento”. Ora, a Filosofia do Direito do pensador alemão é a mais ampla demonstração desse direito em seu movimento de mediações e no estabelecimento das respectivas garantias.

IHU On-Line - Quais são as principais limitações dessas ideias tomando em consideração o seu sistema filosófico?

Thadeu Weber - A ideia de sistema traz em si a ideia de nexos causal interno necessário. Por isso, um sistema dialético pode facilmente ser interpretado como necessitário, caindo-se num determinismo. A consequência disso é que a liberdade pode ser considerada como simples reconhecimento da necessidade ou como necessidade compreendida. Essa é uma leitura pos-

sível para alguns intérpretes, como Popper.¹ Ela, no entanto, decorre de um equívoco na compreensão do conceito de dialética, sobretudo no significado de *Aufhebung* (negar, conservar e superar). Necessidade e contingência convivem nas determinações do sistema. Isso significa que direitos e liberdades não são enfraquecidas ou eliminadas no movimento de mediação das instituições sociais. Na concretização da liberdade existem momentos necessários e momentos contingentes, o que significa que escolhas sempre são possíveis. É claro que também limites são estabelecidos. O exercício da liberdade nem sempre é consentido e reconhecido, e muitas vezes nem pode sê-lo.

IHU On-Line - Como se efetiva a realidade no pensamento desse filósofo?

Thadeu Weber - A concretização ou realização da nossa liberdade passa, necessariamente, por instâncias mediadoras, as vontades dos outros nas instituições sociais. Não faz sentido falar em liberdade indeterminada ou abstrata. Nós a determinamos na realização de contratos, na vivência familiar, nas corporações da sociedade civil e nas relações políticas den-

¹ **Karl Popper** (1902-1994): filósofo austríaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e como defensor da democracia liberal. É conhecido como o criador do conceito de *falseabilidade*, que a coloca como uma característica fundamental para a demarcação científica de uma teoria. De acordo com este pensamento, uma teoria só será científica se puder ser falseada, isto é, colocada a prova diante da experiência. (Nota da **IHU On-Line**)

tro do Estado. Nessas relações de mediação ocorre a efetivação da liberdade, mas ao mesmo tempo também sua limitação. Em todos os níveis exige-se consentimento e reconhecimento recíproco. Essa é a dimensão ética da nossa convivência. Realizar a liberdade significa saber limitá-la. Afirmar inclui negação. Nas relações familiares, por exemplo, os filhos, hoje, não aprendem mais o que significa o não. Ora, é preciso aprender desde cedo que escolhas implicam renúncias. A eticidade hegeliana aposta seriamente no papel das instituições sociais na efetivação dos direitos e liberdades fundamentais. A família e as corporações são as bases éticas do Estado. Se este vai mal é porque aquelas não desempenham o seu devido papel.

IHU On-Line - Em que medida a ideia de liberdade impacta na construção dos fundamentos do Estado moderno?

Thadeu Weber - A liberdade é uma conquista da história. A Revolução Francesa e a Reforma Protestante foram fundamentais para essa conquista. A partir de então não é mais possível pensar o Estado que não é fundamentado na liberdade. Acima da família e da sociedade civil, o Estado passou a ser a última e decisiva instância garantidora dos direitos e liberdades individuais e sociais. A própria liberdade é, em última instância, o fundamento do Estado moderno. É a partir dela que se constroem as estruturas dos contratos e das instituições sociais. A sociedade civil se constitui no “aparecer do Estado”. As bases do Estado Democrático de Direito, na modernidade, são lançadas pelas conquistas dos direitos e liberdades fundamentais, sobretudo os direitos políticos.

IHU On-Line - Por outro lado, em que medida a concepção hegeliana de liberdade influencia a consolidação da autonomia na Modernidade?

Thadeu Weber - Liberdade, para Hegel, é autodeterminação. No entanto, a autonomia dos indivíduos não se define de forma a priori. Ela se efetiva na medida em que expressamos objetivamente nossa vontade livre no exercício efetivo dos direitos e deveres. Em Kant, a autonomia se expressa na nossa capacidade de autolegislação, isto é, na medida em que somos autores das leis às quais nos sujeitamos. Hegel complementa essa ideia da fundamentação subjetiva da liberdade pelo conceito de eticidade, dando ênfase à mediação social da ideia de liberdade. A construção da democracia é devedora da ideia hegeliana de autonomia mediada. Autor importante na conquista e consolidação da autonomia na modernidade foi Rousseau, com a ideia de vontade geral, com influência decisiva em Kant e Hegel. O grito kantiano pela maioria se fez ecoar em toda organização social e política.

IHU On-Line - Em que aspectos a ideia de liberdade é a expressão do exercício efetivo da autonomia da "pessoa do direito" enquanto capacidade jurídica?

Thadeu Weber - Ser "pessoa do direito" significa ser portador de direitos. Este é o ponto de partida da Filosofia do Direito hegeliana em seu movimento de concretização da ideia da liberdade. Ser pessoa do direito, como capacidade jurídica, é a manifestação mais abstrata e indeterminada, uma vez que todas as pessoas são portadoras de direitos e deveres. E nisso são fundamentalmente iguais. Isso indica que a pessoa vale enquanto pessoa. Trata-se da expressão mais elementar e universal do direito moderno, pois implica no reconhecimento da capacidade legal de todas as pessoas. Qualquer pessoa é sujeito de direitos. Os direitos de personalidade daí decorrem. Hegel afirma com propriedade: "Sê pessoa e respeita os outros como pessoas" (Filosofia do Direito, §36). A liber-

dade, como princípio orientador de todas as estruturas jurídicas e sociais, precisa concretizar-se nessas estruturas. O exercício efetivo da liberdade é o exercício efetivo da autonomia da pessoa do direito. A capacidade jurídica se efetiva nas diferentes figuras da

O que legitima o casamento é que ele seja expressão de vontades livres, publicamente manifestadas

Filosofia do Direito. Isso se dá, por exemplo, nos direitos de uso e de troca que, por sua vez, constituem o direito de propriedade. Esta é a expressão objetiva de realização da capacidade jurídica da pessoa do direito. Trata-se do direito que eu tenho de colocar minha vontade sobre alguma coisa (direito de apropriação), desde que não seja de outro. Requer-se, pois, o respectivo reconhecimento e consentimento das outras vontades. Sem reconhecimento não há efetivação de um direito. O contrato é a prova desse consentimento e reconhecimento das vontades livres, condição de sua validade e legitimidade. Este processo de mediação e reconhecimento ocorre também na família, nas corporações e no Estado. O casamento é um exemplo claro. O reconhecimento de duas vontades livres e autônomas é a sua dimensão ética e a condição de legitimidade do vínculo conjugal. O exercício da liberdade é, pois, o exercício da capacidade legal da pessoa do direito.

IHU On-Line - Quais são os nexos possíveis entre liberdade e responsabilidade subjetiva?

Thadeu Weber - O tema da responsabilidade subjetiva é tratado por Hegel na segunda parte da Filosofia do Direito - a moralidade. O direito (primeira parte) não pergunta pela intenção do sujeito agente no cumprimento de determinado dispositivo legal. Não pergunta pela dimensão subjetiva do exercício da vontade livre. Esse é o papel do "direito de moralidade". A realização da liberdade precisa ser examinada do ponto de vista da responsabilidade subjetiva. A moralidade pergunta pela "autodeterminação da vontade", pelos propósitos e intenções que movem o sujeito. Por isso, pode-se falar em direito da subjetividade. Essa também é uma forma de reconhecimento.

De acordo com este direito, a vontade "é e reconhece só o que é seu" (Filosofia do Direito §107), ou seja, reconhece como seu o que sabia e o que queria fazer. O direito não pergunta pelos princípios subjetivos que orientam as ações. No entanto, a moralidade, ao tratar do direito que o sujeito tem de saber e reconhecer o que tem origem na sua vontade, cobre essa insuficiência. "O direito de reconhecer o que eu não considero racional é o mais elevado direito do sujeito" (Rph, §132). O direito do reconhecimento próprio nas ações é condição atende de responsabilização do ponto de vista subjetivo. O sujeito sabia o que estava fazendo; quis fazer o que fez? O reconhecimento do meu querer e saber inclui, ao mesmo tempo, a subjetividade exterior, que é a vontade dos outros.

IHU On-Line - Em última instância, como se dão as mediações da eticidade e a liberdade em Hegel?

Thadeu Weber - A eticidade é o "lugar" das mediações sociais e, assim, o espaço da liberdade individual e do reconhecimento recíproco. Enquanto a moralidade trata da fundamentação subjetiva da liberdade, a eticidade inclui a mediação social da vontade livre. Falar, pois, de eticidade significa

falar de instituições sociais. Todo movimento de concretização, limitação e determinação da liberdade ocorre nas esferas da eticidade. O fundamental é mostrar como essa concretização inclui o reconhecimento recíproco. Se o direito abstrato e a moralidade são ainda “modelos incompletos de liberdade”, pois abstraem do contexto social, a eticidade cumpre a função de realizar o que Honneth chama de “libertação do sofrimento de indeterminação”, vigente no direito abstrato e na moralidade. As mediações da eticidade são constituídas pelas instituições sociais: a família, a sociedade civil e o Estado. É nestas que a liberdade se concretiza em sua dimensão social. O que legitima o casamento é que ele seja expressão de vontades livres, publicamente manifestadas. O reconhecimento mútuo é o seu aspecto ético. As corporações da sociedade civil ampliam o espectro de realização das liberdades dos cidadãos, embora indiquem limites. As mediações estabelecidas

por elas visam atender interesses não contemplados no âmbito familiar. Para satisfação dos novos interesses originários do exercício profissional, cria-se uma situação de mútua dependência. Mas as chances de realização dos direitos fundamentais se ampliam com a participação nas corporações.

Mediação social

O Estado, por sua vez, é a última instância garantidora dos direitos e liberdades dos cidadãos e representa, por isso, um maior grau de sua realização. Ele administra os conflitos oriundos da sociedade civil e da família. A liberdade é o grande princípio em efetivação. É protegendo a família e as instituições em geral que o Estado protege direitos e deveres dos indivíduos. É por meio delas que o exercício da mediação social das vontades livres se efetiva. O reconhecimento do direito das individualidades pessoais, no entanto, está vinculado ao reconhecimento dos direitos dos

outros. Somente interesses pessoais mediados e reconhecidos se universalizam. Não existe liberdade em si. Existe liberdade mediada nas instituições da eticidade.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Thadeu Weber - Os grandes clássicos do pensamento humano são sempre atuais. É preciso, no entanto, compreendê-los em seu tempo e lê-los dentro do nosso tempo. Os temas da liberdade e do reconhecimento nos dizem respeito em todas as dimensões de nossa vida, sobretudo a social e a política. Hegel nos ensina que para realizar a liberdade é preciso saber limitá-la. As instituições da eticidade precisam ser fortalecidas como instâncias mediadoras de reconhecimento recíproco. A família precisa assumir seu papel decisivo na formação de bons cidadãos, e não somente delegá-lo à escola. A educação é a arte de tornar os homens seres eticamente corretos. ■

LEIA MAIS...

– *Necontratualismo, uma leitura a partir de John Rawls*. Entrevista especial com Thadeu Weber, publicada na revista IHU On-Line nº 436, de 10-03-2014, disponível em <http://bit.ly/1M31TaC>.

ihu.unisinos.br

188 visualizações • 6 meses atrás

16:04

1.099 visualizações • 2 anos atrás

630 visualizações • 4 meses atrás

1:12:31

1:40:17

46:27

395 visualizações

483 visualizações • 11 meses atrás

328 visualizações • 11 meses atrás

Acompanhe nosso canal do Youtube
youtube.com/IHUComunica

Da consciência de liberdade ao progresso, trilhas hegelianas

Manuel Moreira da Silva analisa as relações entre lógica e metafísica em Hegel

Por Márcia Junges | Edição Ricardo Machado

Longe de uma perspectiva binária, que percebe lógica e metafísica em separado, Hegel aborda a temática em perspectiva. “A Lógica especulativa ou a verdadeira metafísica não é, para Hegel, uma lógica e uma metafísica; ela é, a um tempo, lógica e metafísica. Sua principal característica radica no estabelecimento de um novo método científico, o método especulativo, entendido como ‘a consciência sobre a forma do automovimento interior do conteúdo desta’, procedimento que consiste em observar sem intervir e, portanto, em deixar a própria coisa - no caso, as chamadas essencialidades espirituais - mostrar-se ao pensamento e no pensamento”, explica Manuel Moreira da Silva, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Um dos aspectos do pensamento de Hegel, dentre tantos, que o entevista-

tado destaca, é a forma como o autor associa a consciência de liberdade a uma ideia de progresso. “Isso significa, portanto, que a importância da *Ciência da Lógica* consiste numa dedução especulativa da liberdade enquanto modo de ser próprio do humano na época moderna e, com isso, sua concepção do progresso como progresso da consciência da liberdade, sendo essa, enfim, sua atualidade”, observa.

Manuel Moreira da Silva é graduado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Guarapuava/PR).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que consiste o projeto hegeliano de unificação da Lógica e da Metafísica?

Manuel Moreira da Silva - O projeto hegeliano de unificação da Lógica e da Metafísica consiste numa tentativa de refundação destas ciências no quadro teórico da assim chamada filosofia especulativa pura, isto é, da Lógica especulativa, que Hegel também designa como a verdadeira metafísica. Essa na qual, mediante a identificação do lógico e do metafísico, desaparece a cisão de forma e de conteúdo ou entre método e princípio; situação em que os segundos não

mais se apresentam como exteriores em relação aos primeiros. Em vista disso, o referido projeto retoma e desenvolve o programa da metafísica entendida como ciência transcendental - iniciado por Duns Scotus¹ e, como tal, sistematizado

¹ **Duns Scotus** (1265-1308): pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*,

por Christian Wolff² -, sob o influxo do programa kantiano³ de uma Ló-

também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da IHU On-line)

² **Christian Wolff** (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da IHU On-Line)

³ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conheci-

“

A importância da Ciência da Lógica consiste numa dedução especulativa da liberdade enquanto modo de ser próprio do humano

gica transcendental, no que tange ao conteúdo especulativo, em oposição dialética ao programa crítico. Esse, por sua vez, ao inverter o procedimento usual da metafísica, que partia das coisas ou dos objetos dados para estabelecer um conhecimento *a priori* sobre os mesmos, ao partir do conhecer, ou do sujeito, concebe o transcendental apenas enquanto condição de possibilidade do conhecimento empírico, bem como as intuições, categorias e juízos aprióricos tão só enquanto leis do conhecimento da realidade, mas não também como leis da realidade. Neste sentido, mediante o que Hegel denomina a verdadeira crítica das formas de pensar puras - que as considera segundo o conteúdo particular delas próprias, ou seja, a realidade formal e a realidade objetiva das mesmas -, o seu projeto apresenta o automovimento do conteúdo imanente àquelas formas. Isso, ao mesmo tempo em que as assume enquanto determinações do conteúdo e, em vista disso, igualmente, aquele automovimento como

mento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

a reflexão (*Reflexion*) do próprio conteúdo; logo, do pensar ou do conceito que - embora em seu início e em seu progresso, ambos para nós, se apresente respectivamente apenas em si (ou como ser puro) ou somente enquanto posto (ou como essência) - se determina no fim enquanto em si e para si ou, a rigor, em si e para si mesmo. Quando então Hegel pode afirmar que as determinações da Lógica especulativa são infinitas ou em si e para si mesmas; portanto conceitos, mais propriamente, determinações formais do conceito ou antes da ideia, da ideia pura ou absoluta.

IHU On-Line - Nesse caso, em que medida se pode falar em legitimidade e deslegitimação epistêmicas?

Manuel Moreira da Silva - Em ambos os casos, em dois sentidos. No primeiro caso, pode-se falar de legitimidade do projeto hegeliano na medida em que ele (1) assume para si o conteúdo especulativo da lógica e da metafísica de outrora e (2) apresenta-o sob o influxo do pensar transcendental; em vista disso, tal projeto (a) satisfaz os critérios de cientificidade deste pensar ao mesmo tempo em que (b) mantém os critérios de cientificidade daquela lógica e daquela metafísica. No segundo caso, o projeto hegeliano de unificação da Lógica e da Metafísica se deslegitima pelo fato de (1) não ser nem lógica nem metafísica no sentido tradicional e de também não se configurar como uma lógica transcendental no sentido de Kant, assim como por (2) introduzir no quadro teórico do

idealismo da subjetividade a assim chamada subjetividade absoluta; a qual, como o conceito, ou mais propriamente como a ideia absoluta, encerra dentro de si todo o finito, compreendendo pois os opostos como postos no Absoluto de modo que não permaneça nenhum resto, não havendo nenhuma margem para a afirmação do finito ou do contingente como tais. Ainda em relação ao segundo caso, de um lado, o projeto de Hegel dispensa tanto os critérios de cientificidade da lógica e da metafísica de outrora quanto os da Lógica transcendental enquanto ciências determinadas e, de outro, porém, não chega a constituir os critérios pelos quais a Lógica especulativa e, por conseguinte, as ciências particulares do sistema da filosofia especulativa pudessem apresentar-se como ciências rigorosas. Ao supprassumir a episteme fundada na representação e o regime epistêmico desta, substituindo-a, portanto, pelo conceito especulativo (que também a suprassume), mas ao não apresentar os critérios de controle e de validação deste, a proposição hegeliana de uma ciência pura ou absoluta se deslegitima enquanto tal. Deslegitimação que se acentua com o fim da representação e com o advento da linguagem em geral e o da comunicação em particular, quando o ponto de vista do conceito - porque circunscrito à subjetividade - perde inclusive sua mediação recíproca com a representação e assim o seu revelar-se na consciência ou no sujeito.

IHU On-Line - Qual é a razão desse esforço hegeliano em unificar tais campos? Em que medida isso representa uma ruptura com a filosofia que era feita até então?

Manuel Moreira da Silva - Hegel tem duas grandes motivações para a sua tentativa de unificar Lógica e Metafísica. A primeira consiste na descoberta de que as determinações desta são de natureza propriamente lógica, bem como que as determinações lógicas são

elas mesmas metafísicas. Algo já presente na lógica e na metafísica de outrora - embora não explicitamente -, quando da mútua pressuposição desses campos, por exemplo, em Christian Wolff. Tal pressuposição se exprime na consideração, retida por Hegel, das determinações de pensamento como as *determinações fundamentais das coisas* ou, o que é o mesmo, conforme Hegel, "de que o que é, pelo fato de ser *pensado*, é conhecido em si" (*Enciclopédia*, 1830, § 28). A segunda motivação consiste no fato de tanto a lógica quanto a metafísica de outrora terem sido extirpadas da lista das ciências e perdido assim a sua legitimidade, mas também no reconhecimento de que a metafísica "só é algo antigo em relação à história da filosofia" (*Enciclopédia*, 1830, § 27), mas que, "por si mesma, está em geral sempre presente" (*ibid.*). Isso, contudo, não representa uma ruptura com a filosofia anterior, nem com a lógica e a metafísica de outrora, nem com a lógica transcendental kantiana; é antes a tentativa de, partindo desta, vivificar aquelas. Constitui, porém, ao contrário, uma ruptura com os procedimentos tanto da lógica e da metafísica de outrora quanto da filosofia crítica de Kant.

IHU On-Line - Quais são as características da lógica e da metafísica hegelianas?

Manuel Moreira da Silva - A Lógica especulativa ou a verdadeira metafísica não é, para Hegel, uma lógica e uma metafísica; ela é, a um tempo, lógica e metafísica. Sua principal característica radica no estabelecimento de um novo método científico, o método especulativo, entendido como "a consciência sobre a forma do automovimento interior do conteúdo desta", procedimento que consiste em observar sem intervir e, portanto, em deixar a própria coisa - no caso, as chamadas essencialidades espirituais - mostrar-se ao pensamento e no pensamento. Disso emerge

outra característica essencial da Lógica especulativa, ela considera as determinações de pensamento em si e para si mesmas; portanto, como determinações infinitas (como conceitos), nas quais o que está em questão não é o caráter abstrato das mesmas, e sim o con-

“

A Lógica especulativa ou a verdadeira metafísica não é, para Hegel, uma lógica e uma metafísica

teúdo especulativo - imanente a elas - que nelas se move e que faz delas os momentos de sua própria determinação enquanto conteúdo especulativo; ou ainda, os momentos do conceito, concebido por Hegel como o livre, o determinado em si e para si. O que significa, em suma - outro aspecto fundamental -, a passagem da substância a sujeito, consumando assim o projeto hegeliano.

IHU On-Line - Nesse cenário, qual é a importância da "Ciência da Lógica" e sua atualidade na Filosofia? Quais são suas recepções e críticas fundamentais?

Manuel Moreira da Silva - A importância da *Ciência da Lógica* (São Paulo: Barcarolla, 2011) de Hegel está em propor uma lógica propriamente filosófica, que não seja (a) nem uma propedêutica ao filosofar, (b) nem um instrumento a ser aplicado ao conteúdo ou, ainda, (c) um meio passivo pelo qual o conteúdo nos toca, mas antes, (d) uma ciência pura do puro pensar, na qual a consciência (ou o espírito que aparece), enquanto despojada de suas aparências, se sabe uma com a sua essência e, assim, a própria coisa

em si que nesta se move. Isso significa, portanto, que a importância da *Ciência da Lógica* consiste numa dedução especulativa da liberdade enquanto modo de ser próprio do humano na época moderna e, com isso, sua concepção do progresso como progresso da consciência da liberdade, sendo essa, enfim, sua atualidade. Por esse viés, praticamente todo o pensamento posterior se mostra de algum modo - positiva ou negativamente - vinculado ao pensar hegeliano, cujas recepções e críticas fundamentais se encontram no marxismo, no existencialismo, no pensamento do ser e mesmo, mais recentemente, no pragmatismo e na filosofia analítica. Esses que pretendem se apropriar da Lógica hegeliana, dispensando seu caráter essencial de verdadeira metafísica ou filosofia especulativa pura.

IHU On-Line - Por que o começo da Lógica em Hegel não tem pressupostos?

Manuel Moreira da Silva - O começo da Lógica em Hegel, ou antes o início, não tem pressupostos porque a Lógica aí em questão é uma lógica da liberdade, uma lógica da autoconstituição do sujeito enquanto sujeito livre. Isso significa que o objeto da Lógica, isto é, o conteúdo que nela se investiga, não é nenhum substrato ao qual se deve apor categorias ou determinações de pensamento, nem categorias ou determinações de pensamento a serem apostas em determinado substrato. De fato, Hegel tematiza categorias e determinações de pensamento na Lógica, mas estas são consideradas enquanto livres de substratos e, mais que isso - mesmo enquanto formas familiares do pensar -, são objeto não de investigação ou de conhecimento, mas de reconhecimento, a rigor, de crítica, de uma verdadeira crítica (no dizer de Hegel) que as considera em seu conteúdo particular e valor próprios, e não apenas segundo a forma universal do *a priori*, em sua oposição ao a

posteriori, como em Kant. O início, neste caso, não pode ter pressupostos porque estes impediriam a posição e a determinação mesma de si próprio do conceito, do conceito livre ou especulativo, que é o verdadeiro início, a essência que suspendeu seu reportamento a um ser ou seu aparecer, com o que sua determinação não é mais exterior, mas o subjetivo livre e autônomo que se determina dentro de si, isto é, o próprio sujeito.

IHU On-Line - Por que Hegel, no começo da Lógica, põe em discussão a questão do começo da Filosofia?

Manuel Moreira da Silva - Hegel põe em discussão a questão do início da filosofia ou da ciência já no começo da Lógica pelo fato de o início ser até então entendido apenas como um início para o pensar, portanto no sentido do conteúdo ou do princípio do pensar, conteúdo ou princípio do qual o pensar parte e, portanto, o considera a título de pressuposto ou ponto de partida. Hegel, no entanto, está interessado no início do pensar, no fato de que o início para o pensar seja também início do pensar; logo, igualmente na forma ou no método do pensar. Não obstante, considerados de modo exclusivo, conteúdo ou princípio e forma ou método excluem-se de modo recíproco e por isso se mostram respectivamente como imediato e como mediato, em ambos os casos passíveis de refutação. Hegel reconhece que o início é a um tempo imediato e mediato, ou, a rigor, imediato mediatizado; para isso, busca estabelecer ou antes explicitar a nova base que o permita pensar segundo esse início; que é, a rigor, um imediato mediatizado. Tal início não é senão o conceito ou mais precisamente a ideia.

IHU On-Line - Em que medida o idealismo absoluto hegeliano prova que o mundo é racional e que as categorias apresentadas não

são somente categorias do pensar, mas do ser?

Manuel Moreira da Silva - O idealismo absoluto hegeliano é o idealismo do conceito, que assume, pois, como ponto de vista o ponto de vista do conceito. Esse idealismo, portanto, não prova que o mundo é racional ou que as categorias apresentadas, por exemplo, na Lógica, não são somente categorias do pensar, mas do ser; ao contrário, o idealismo absoluto hegeliano somente prova que o racional é efetivo e que o efetivo é racional. Isso tem a ver com o fato de tal idealismo consistir numa tematização do efetivo enquanto desenvolvimento da realidade objetiva, antes (na consciência natural) apenas representada (como em Duns Scotus

“
Hegel pode afirmar que as determinações da Lógica especulativa são infinitas ou em si e para si mesmas

ou em Descartes), portanto do real e da realidade agora, no espírito *pensante*, conforme Hegel, conceituados, em suma, ideais: a rigor, determinados enquanto conteúdo efetivo da ideia; caso em que o efetivo tem que ser necessariamente racional. Esse o motivo pelo qual o racional também tem de ser efetivo; neste caso, como realidade formal da ideia ou ainda do que é ou existe enquanto é ou existe, do que é *sendo*; logo, do próprio conceito, enquanto conceito formal ou subjetivo, em seu automovimento de realização ou de efetivação, em suma, de objetivação. Não se trata, por fim, para Hegel, de provar que as categorias apresentadas na

Lógica, ou mais propriamente na Lógica objetiva, não são somente categorias do pensar, mas também do ser; trata-se antes de se liberar o próprio conteúdo especulativo dessas categorias mesmas, assim como também elas em relação a seus respectivos substratos materiais. Quando então aquele conteúdo pode aceder livremente ao conceito de modo que este, por seu turno, possa finalmente espiritualizar-se ou efetivar-se, objetivar-se; isto é, aceder ao solo do espírito, o único que, nas palavras de Hegel, “inicia-se apenas de seu próprio ser e só se relaciona com suas próprias determinações” (*Enciclopédia*, 1830, § 440).

IHU On-Line - Por outro lado, qual é a vinculação entre o Lógico e o Histórico em Hegel?

Manuel Moreira da Silva - A exigência da efetivação e da espiritualização do universal abstrato ou do conceito em geral, tal como programaticamente apresentada já em 1807, no parágrafo 33 da *Fenomenologia do Espírito* (conforme a edição brasileira de Paulo Menezes), pode ser dita uma expressão do vínculo do lógico e histórico, ou mais propriamente do historial, na medida em que esse vínculo tem por natureza essencial a manifestação (*Manifestation*) do primeiro no segundo, sendo este portanto a manifestação daquele, não o seu simples aparecimento (*Erscheinung*). O lógico é aqui o que Hegel designa pensar livre, que como tal se determina a si mesmo em sua autoconsciência universal e se faz conceito especulativo ou espírito livre, isto é, a própria Razão enquanto se manifesta assim livremente, de um lado, puramente no elemento do pensar, portanto como Razão autoconsciente, e de outro, a um tempo, na exterioridade do elemento historial, logo na história e como história, enquanto Razão que é. A história ou o historial por seu turno se mostram aqui enquanto o acontecimento do mundo (*die Weltbegebenheit*)

e assim só pode ser devidamente concebida e efetivada enquanto histórica filosófica do mundo (*philosophische Weltgeschichte*); com o que se distingue da chamada história primitiva e da história reflexiva, segundo seus diversos matizes, comuns na época de Hegel e mesmo na sua posteridade. Essas que em geral se voltam apenas para o histórico (*das Historische*), não precisamente para o historial (*das Geschichtliche*); os quais Hegel fora o primeiro a distinguir e cuja distinção exemplificara na figura dos chamados homens históricos (*die geschichtlichen Menschen*) ou dos indivíduos histórico-mundiais (*die welthistorischen Individuen*). Não obstante, quando, no parágrafo 14 da *Enciclopédia* de 1830, Hegel afirma que “o mesmo desenvolvimento, que é exposto na história da filosofia, é exposto na própria filosofia, mas liberto daquela exterioridade historial, *puramente no elemento do pensar*”, ele rompe com tal vínculo; pelo menos com a necessidade de a história da filosofia ter que ater-se aos elementos espaciais e temporais nos quais o pensamento se conformou. Aqui pode-se notar que o elemento historial constituinte da exposição levada a termo na história da filosofia antecipa de certo modo a exposição propriamente filosófica; contudo, do ponto de vista da Coisa mesma, a exposição filosófica é anterior àquela e não tem por que subordinar-se ao elemento histórico ou ao historial, sendo este, como se afirmou acima, uma das manifestações do lógico. Uma das manifestações porque, conforme Hegel (*Enciclopédia*, 1830, § 384), há um manifestar ou, propriamente, um revelar da ideia abstrata, que se configura como passagem imediata e então como devir da natureza; um revelar do espírito livre, que se constitui como o pôr da natureza como de seu mundo (enquanto mundo do espírito) e, como reflexão, como o pressupor do mundo enquanto natureza autônoma; finalmente, um revelar no conceito, que se apresenta como um

criar o mundo como seu ser (como ser do conceito), no qual, no dizer de Hegel (*ibid.*), ele (o conceito) se dá a afirmação e a verdade de sua liberdade. A manifestação histórica ou, a rigor, historial está no plano do revelar do espírito livre e justamente por isso apresenta um

“

Característica essencial da Lógica especulativa, ela considera as determinações de pensamento em si e para si mesmas

aspecto exterior e um aspecto interior, respectivamente, um que pressupõe e outro que põe. Este consiste no que acima se designou acontecimento do mundo, aquele a pressuposição do mundo como natureza autônoma. A ciência filosófica, ao contrário, isto é, o saber do espírito acerca de si mesmo enquanto espírito, na medida em que sua autoconsciência é objeto de sua consciência, expõe-se no quadro de um revelar no conceito, sendo aquele “criar o mundo como ser do conceito” a objetivação ou a efetivação mesma deste.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Manuel Moreira da Silva - Embora muitos afirmem que Hegel retoma a concepção platônica da ideia, ele na verdade retoma e desenvolve a concepção scotiana da *espécie inteligível* e, a rigor, a concepção cartesiana da ideia como *representação mental*. Hegel, porém, na medida em que leva a termo a verdadeira crítica das formas puras de pensar, criti-

ca pontualmente a representação enquanto determinação finita, a qual, portanto, enquanto finita, ou apenas em si ou tão somente posta, não pode ter lugar na Lógica, cujas determinações são em si e para si e, por conseguinte, infinitas. Contudo, enquanto assume que a consciência faz para si no tempo representações dos objetos antes de fazer conceitos deles, e que só por meio do representar e voltando-se para este é que o espírito pensante avança até o conhecer e o conceber pensantes (*Enciclopédia*, 1830, § 1), Hegel se coloca plenamente no quadro teórico da lógica e da metafísica de outrora, mais que naquele da filosofia crítica. Aqui, de modo rigoroso, no campo da mediação entre o conceito objetivo e o conceito formal do ente, ou antes, no da oposição dialética entre a realidade objetiva e a realidade formal da ideia enquanto essa, no âmbito da própria concepção hegeliana, consiste na unidade do finito e do infinito, do ideal e do real, do subjetivo e do objetivo etc. Sua extrapolação dos limites da representação e sua ascensão ao conceito especulativo, porém, ao estabelecer um novo início da ciência, que não é mais aquele da metafísica transcendental scotiana e nem o da lógica transcendental kantiana, que permanecem solidários na representação, e portanto ao não assumir os critérios desta, bem como ao não estabelecer novos, perde de vista a legitimação mesma da Ciência da Lógica enquanto ciência propriamente dita. A fragmentação do espírito na época atual se encarrega de levar a termo a deslegitimação de tal ciência, enquanto tentativa de unificação da lógica e da metafísica outrora, na medida em que recusa e por isso se afasta, assim, tanto da representação quanto do conceito especulativo, bem como tanto da consciência que representa quanto da subjetividade livre que se concebe puramente a partir do conceito. ■

Lógica, o estado puro da realidade

Konrad Christoph Utz analisa o pensamento de Hegel em perspectiva com o desenvolvimento que ele propôs de sua própria lógica

Por Márcia Junges | Edição Ricardo Machado

Da dialética clássica, por exemplo, a ideia da Caverna de Platão - mundo sensível e mundo das ideias -, à dialética hegeliana não há somente um hiato de dezenas de séculos, senão uma progressão dessa racionalidade, que no pensamento do filósofo alemão ainda vai se dividir em três etapas. “As três partes da Lógica hegeliana também se distinguem pelo modo como o progresso dialético se realiza em cada um. Na Lógica do Ser, este progresso tem a forma do transitar de um a seu outro. Na Lógica da Essência, ele tem a forma do regredir ou da reflexão a partir do exterior, imediato a seu interior, sua mediação-em-si, sua essência. Na Lógica do Conceito, por fim, o progresso não é mais exterior, de um ao outro, nem mais mera interiorização, do exterior para o interior, mas desenvolvimento”, explica Konrad Christoph Utz, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Para Konrad, a lógica de Hegel não tem pretensão de pressuposições, entretanto opera a partir dos próprios mecanismos.

“A Lógica hegeliana não é apenas uma lógica formal como a lógica silogística de Aristóteles e a lógica que foi desenvolvida a partir de Frege que, hoje em dia, faz pretensão exclusiva a este título. Contra isso, Hegel argumenta que os conceitos lógicos já têm, em si mesmos, realidade. Essa realidade é realidade ideal, ela é realidade lógica”, pontua o entrevistado.

Konrad Christoph Utz possui mestrado em Teologia e doutorado em Filosofia pela Universität Tübingen. Atualmente é professor efetivo da Universidade Federal do Ceará. Com experiência em Filosofia, com ênfase no Idealismo Alemão, atua principalmente com dialética, ciência da lógica hegeliana e com o conceito proposto por ele de necessidade e acaso. É autor, entre outros livros, de *Die Notwendigkeit des Zufalls. Hegels spekulative Dialektik in der Wissenschaft der Logik* (Paderborn: Schöningh, 2001), *Philosophie des Zufalls* (Paderborn: Schöningh, 2005) e *Freundschaft. Eine philosophische Theorie* (Paderborn: Schöningh, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os nexos entre Metafísica, Lógica e Acaso no sistema de Hegel?

Konrad Christoph Utz - Em Hegel, a Lógica toma o lugar da Metafísica tradicional. Essa última partiu da realidade como ela é dada e da linguagem como ela existe. A partir destes, ela tentou desenvolver uma teoria das estruturas mais fundamentais da realidade - o que chamamos de “ontologia” - como também dos princípios primeiros ou das “realidades fundamentais”, que são Deus, o Cosmo como um todo, e também

a alma humana, pois essa pode, a princípio, *conhecer* o real em toda sua abrangência, como também *agir* na realidade de modo livre, espontâneo. Mas, com isso, ela é capaz de pôr, no real, um início de eventos que é independente e, neste sentido, absoluto. Essas três últimas investigações são chamadas de “Teologia racional (ou filosófica)”, “Cosmologia (racional)” e “Psicologia racional”.

A Lógica de Hegel tem a pretensão de não pressupor nada. Com isso, ela não pode fazer referência a nenhum dado da realidade ou da

linguagem, como fez a antiga Metafísica. Ao mesmo tempo, a Lógica hegeliana não é apenas uma lógica formal como a lógica silogística de Aristóteles¹ e a lógica que foi de-

¹ **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

envolvida a partir de Frege² que, hoje em dia, faz pretensão exclusiva a este título. Como a Lógica transcendental de Kant,³ a Lógica de Hegel faz pretensão a conteúdo. Este seu conteúdo, evidentemente, é puramente abstrato, é puramente lógico, conceitual - nada tem a ver, por si só, com realidades específicas ou com uma linguagem específica. A diferença com relação a Kant é que, neste, essa lógica permaneceu puramente formal - não no sentido da lógica forma de nossos dias, mas no sentido que os conceitos lógicos que a lógica transcendental identifica não apresentam nem servem, por si só, para um conhecimento, não servem para a identificação de algo real e a constatação de existência.

Conceitos

Os conceitos transcendentais em Kant só podem fornecer conhecimento quando a intuição contribui a eles, enquanto puras formas. Elas são formas para um possível co-

2 Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925): matemático, lógico e filósofo alemão. Trabalhando na fronteira entre a filosofia e a matemática, Frege foi o principal criador da lógica matemática moderna, sendo considerado, ao lado de Aristóteles, o maior lógico de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)
3 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

nhecimento. Mas a Lógica, o puro pensar, em abstração da intuição, não fornece conhecimento algum. Contra isso, Hegel argumenta que os conceitos lógicos já têm, em si mesmos, realidade. Essa realidade é realidade ideal, ela é realidade lógica. Mas, não obstante disso, ela é realidade. A lógica pode formular proposições existenciais. O exemplo mais fácil disso é o conceito do conceito. Este conceito não é apenas um conceito para uma possível aplicação. *De imediato, por si só*, ele aplica-se a si mesmo. Ele mesmo é uma daquelas realidades que instanciam o conceito do conceito. O conceito do conceito evidencia que há, que existe conceito - que este conceito não é vazio, como Kant dizia sobre os conceitos lógico-transcendentais.

Portanto, para Hegel, a Lógica não é apenas uma Disciplina formal (como em Aristóteles e depois a partir de Frege) ou um empreendimento crítico como em Kant. Ela é *ciência* no sentido pleno, no sentido de fornecer informações sobre a realidade - mesmo que essa não seja a realidade em espaço e tempo, mas a realidade do próprio âmbito lógico, uma realidade ideal. Os conceitos que a Ciência da Lógica estabelece, são, grosso modo, aqueles dos quais tanto a Metafísica tradicional como também a Lógica e a Dialética transcendental de Kant tratavam. São as determinações das estruturas mais fundamentais do real, bem como do Cosmo, do Sujeito e do Absoluto.

Lógica Hegeliana

Mas a Lógica hegeliana trata destes conceitos sem qualquer referência à realidade fora da lógica, diferente de como fez a Metafísica tradicional. Pelo outro lado, Hegel defende, contra Kant, que estes conceitos não são apenas formas vazias do entendimento ou ideias da razão, inaplicáveis a qualquer realidade que pode ser conhecida por nós. Estes conceitos têm "realidade lógica" ou *efetividade*. E este tipo de efetividade, a efetividade lógica, é o mais fundamental, aquele que possibilita, em seguida,

a realidade espaço-temporal. Mas uma investigação verdadeiramente científica dessa efetividade fundamental, da efetividade do lógico, precisa proceder de maneira puramente lógica, no pensar puro, em abstração de qualquer referência à realidade espaço-temporal. Este é, então, o projeto da Ciência da Lógica (CdL) em Hegel.

Acaso

O conceito do acaso é um dos conceitos que aparecem dentro da CdL, ele é um conceito lógico. Basicamente, ele é o conceito no qual se juntam atualidade e (mera) possibilidade. O acaso é aquilo que não é apenas possível, mas atual ou "efetivo". Ao mesmo tempo, ele não é necessário, mas *meramente* possível ou *contingente*. É importante compreender que o conceito da mera possibilidade ou da contingência não implica a atualidade. Isso é evidente: o meramente possível pode ou ser ou não ser. Mas, justamente por isso, a *existência*, a atualidade, de algo contingente vai além da mera contingência.

Quando digo que algo é um acaso, não digo apenas que ele é contingente, mas que é uma *atualidade* contingente. Mas exatamente isso é a importância fundamental do acaso: ele torna algo que é contingente, algo que pode ser ou não ser, em algo que, de fato, é, que tem atualidade. Essa compreensão já se encontra em Hegel. Contudo, Hegel acha que, embora o acaso seja um conceito da lógica, a lógica, em si mesma, não tem nada de ocasional, ela é puramente necessária. No sistema de Hegel, o acaso acontece, *de fato*, apenas na realidade espaço-temporal, justamente naquela realidade com a qual a Lógica, por si só, não tem alguma relação. Na realidade, conforme Hegel, o acaso *de fato* acontece. Isso distingue Hegel de Kant e de um grande número de outros filósofos que não admitem o acaso nem na realidade espaço-temporal. Mas não há acaso na Lógica hegeliana. E o acaso real jamais ameaça a necessidade imanente do lógico e do espiritual.

IHU On-Line - Em que aspectos esses conceitos são expressão da dialética desse pensador?

Konrad Christoph Utz - A dialética é o método geral do desenvolvimento dinâmico da Ciência da Lógica de Hegel, bem como de seu Sistema como um todo. Neste sentido, a dialética é expressa pela Lógica, mas ela permeia e articula a Lógica enquanto essa é um sistema dinâmico que se evolve. O acaso é apenas um dos muitos conceitos dentro da Lógica de Hegel. A dialética como Hegel a concebe é estritamente necessária, seu caminho é sem alternativas, completamente determinado. Não há, nela, espaço para o acaso. O acaso acontece, de fato, nos eventos e desenvolvimentos em espaço e tempo, principalmente nos desenvolvimentos históricos. Contudo, a dialética que governa estes desenvolvimentos apresenta exatamente aspecto seu não-ocasional, aquilo que, neste evoluir histórico, não é contingente e arbitrário, mas necessário e racional. Aquilo que é contingente na natureza e na história é justamente isso que *não* é determinado pela dialética.

IHU On-Line - Em que medida se pode falar em Lógicas, no plural, na filosofia hegeliana?

Konrad Christoph Utz - Em Hegel, não há lógicas alternativas, pois o âmbito da Lógica é o âmbito da pura necessidade. Na Lógica, tudo é como é, tudo é como precisa ser, não há espaço para variações. A única questão seria se Hegel admite outros tipos de lógica além da Ciência da lógica. O único candidato pensável para isso seria a lógica formal, a lógica no sentido da tradição aristotélica, como também da lógica contemporânea. Dessa lógica formal, Hegel fala muito mal. Ele mal quer conceder a ela o título de "lógica", prefere chamá-la de pura "silogística" ou "cálculo". Mesmo enquanto tal, ela é derivada da Ciência da Lógica, mais precisamente de uma pequena parte específica dessa, do capítulo sobre o conceito do silogismo.

IHU On-Line - Como é possível compreendermos que a pura ci-

ência ou Lógica se divida em três partes: lógica do Ser, lógica da essência e lógica do conceito?

Konrad Christoph Utz - São esses os três âmbitos de determinações lógicas. A "Lógica do Ser" é aquela parte da lógica especulativa que, por primeiro, contém o conceito do ser e, por segundo, todos aqueles conceitos lógicos pelas quais o ser é articulado e diferenciado de maneira mais específica, tais como a qualidade, a quantidade e a medida.

O mesmo vale, de forma análoga, para a Lógica da Essência e a Lógica do Conceito. Os conceitos da Lógica do Ser correspondem ao que, na ontologia tradicional, foi chamado de "categorias"; aqueles da Lógica da Essência apresentam os assim chamados conceitos da reflexão; os conceitos da Lógica do Conceito, em sua primeira seção, são os conceitos fundamentais da Lógica Formal (conceito, juízo, silogismo, junto com seus respectivos conceitos subordinados), em sua segunda seção correspondem aos conceitos fundamentais da Filosofia da Natureza e, em sua terceira seção, apresentam os conceitos básicos da Filosofia do Sujeito.

Progresso dialético

As três partes da Lógica hegeliana também se distinguem pelo modo como o progresso dialético se realiza em cada um. Na Lógica do Ser, este progresso tem a forma do transitar de um a seu outro. Na Lógica da Essência, ele tem a forma do regredir ou da reflexão a partir do exterior, imediato a seu interior, sua mediação-em-si, sua essência. Na Lógica do Conceito, por fim, o progresso não é mais exterior, de um ao outro, nem mais mera interiorização, do exterior para o interior, mas desenvolvimento. Este termo, para Hegel, significa que o processo agora se realiza na própria coisa dada, por essa mesma coisa - assim como uma semente se desenvolve na forma da árvore, permanecendo a mesma coisa e seguindo a dinâmica inerente a ela mesma. Assim, diz

Hegel, o procedimento dialético a partir do conceito tem a forma de um desenvolvimento deste próprio conceito - até este conceito atingir sua forma plena, perfeita, na assim chamada Ideia absoluta.

IHU On-Line - Fala-se na transformação da metafísica em lógica no idealismo alemão. Como esse processo se apresenta em Hegel?

Konrad Christoph Utz - Já falei sobre a relação de lógica e metafísica em Hegel em cima. Para o Hegel maduro, a Lógica toma o lugar da antiga Metafísica, não há mais metafísica, a não ser na forma da Ciência da Lógica. Mas isso era apenas o resultado de um longo processo. Inicialmente, Hegel defendeu, contra Kant, que precisamos, sim, de uma metafísica ao lado da lógica, ou, mais exatamente, no desenvolvimento sistemático da filosofia, depois da lógica. Contudo, infelizmente, não foi conservado nenhum documento que mostre como, exatamente, Hegel concebeu dessa metafísica. Temos apenas algumas indicações vagas que indicam respostas não muito satisfatórias. Seja como for, o Hegel maduro chegou à conclusão que, afinal das contas, Kant estava certo e a lógica, de fato, assume completamente o lugar e todas as funções da antiga metafísica. Por certo, a concepção específica que Hegel tinha dessa lógica era bem diferente da kantiana. Mas Hegel acabou reconhecendo que, com respeito à questão fundamental, Kant estava certo.

IHU On-Line - Como pode ser compreendido adequadamente o Acaso no pensamento hegeliano?

Konrad Christoph Utz - Já expliquei o conceito do acaso como ele aparece na Ciência da Lógica de Hegel. O assim definido acaso torna-se real em espaço e tempo. Estes últimos formam o início da Filosofia da Natureza, daquela parte do Sistema de Hegel que segue à Ciência da Lógica. Isso quer dizer: a Lógica ainda não tem a ver com espaço e tempo, estes não pertencem

cem às determinações lógicas. Em espaço e tempo, conceitos (lógicos e outros) podem ser instanciados em diferentes lugares em tempos diferentes. Em alguns lugares, existem objetos, em outros não, em alguns há relação de causa e efeito, em outros não - e assim por diante. Isso é *acaso* no sentido explicado em cima: são realidades atuais, não meras possibilidades, mas que são contingentes a não necessárias. Contudo, Hegel defende que, por primeiro, este acaso real em espaço e tempo não ameaça a ordem fundamental necessária da realidade que é lógica. O acaso afeta apenas a instânciação dos conceitos em espaço e tempo, nunca afeta os próprios conceitos. Por segundo, a razão com sua necessidade se faz valer também no âmbito da realidade espaço-temporal. No âmbito da natureza, essa ordem racional ainda é fraca, ela deixa muito espaço ainda para a contingência. Mas quando se faz do passo decisivo da natureza ao espírito, abre-se novamente o âmbito da racionalidade explícita, que compreende a si mesma e se desenvolve por si mesma. Este desenvolvimento, em sua estrutura fundamental, é necessário como era o desenvolvimento da Ciência da Lógica - embora sua manifestação na história da humanidade esteja cheia de contingências. Mas justamente essas contingências são o efêmero, o não essencial, aquilo que não afeta o desenvolvimento dialético da história em seu fundamento. Outra vez, Hegel defende uma necessidade subjacente a todo processo e um fim necessário deste processo: a realização plena da liberdade, na forma da Ideia absoluta no Espírito absoluto. É essa a concepção final na qual culmina o Sistema filosófico de Hegel.

Eu pessoalmente defendo que isso não funciona. Defendo que a própria racionalidade, a própria lógica seja incompletamente determinada e insuficientemente autônoma. Defendo que o acaso seja um aspecto imprescindível e intransponível não apenas da realidade empírica, em espaço e tempo, mas também da lógica, do

âmbito da abstração e das determinações puras. Com isso, chego a uma filosofia que é fundamentalmente diferente daquela de Hegel, mesmo que ela guarde várias das compreensões de Hegel, principalmente sobre a dialética que, a meu ver, são importantíssimas.

IHU On-Line - Em que aspectos se pode falar numa Necessidade do Acaso?

Konrad Christoph Utz - Em Hegel, a necessidade do acaso seria a necessidade do conceito do acaso surgir no desenvolvimento dos conceitos lógicos. Necessariamente, o pensar puro chega a este conceito; necessariamente ele supera (suprassume) este conceito pelo conceito da Necessidade Verdadeira; necessariamente, o conceito do acaso será instanciado na natureza, na realidade em espaço e tempo; necessariamente, o acaso será superado (suprassumido) em espaço e tempo pela racionalidade do desenvolvimento da história da humanidade que culmina no Espírito Absoluto - que é perfeitamente racional, sem contingência alguma.

Na minha própria visão, a necessidade do acaso é muito mais fundamental: sempre quando há ordem, sempre quando há determinação, sempre quando há necessidade, sempre quando há algo, precisa também haver acaso. A própria necessidade exige que haja acaso, não pode haver necessidade absoluta, sem relação a acaso qualquer. Tal necessidade total anular-se-ia. O acaso é mais fundamental que a necessidade, a própria necessidade depende dele, ela só pode estabelecer-se, só pode fazer-se valer onde já tiver acaso.

IHU On-Line - A partir disso, o que é a dialética especulativa de Hegel na Ciência da Lógica?

Konrad Christoph Utz - A Ciência da Lógica é a teoria das formas puras do pensar, de formas que existem em e por si mesmas, em suas puras determinações, nas determinações do pensar. Disso surge a questão: Como pode haver de-

terminação? Parece evidente que há uma condição mínima da determinação: ela precisa fazer alguma diferença. Uma determinação que não faz diferença alguma, não é determinação. Espinosa⁴ formulou isso na famosa frase: "Toda determinação é negação".

Contudo, isso implica que a determinação seja inerentemente relacional. Nada é determinado em isolamento, por si mesmo, mas apenas em relação negativa com outro. O problema é que isso parece levar a um relativismo total: nada é determinado por si e tudo é determinado apenas em virtude de outro - e esse, por sua vez, por outro e assim por diante. Mas se tudo é determinado apenas em virtude de outro e nada por si mesmo, nada é determinado em virtude de nada. O relativismo total implode. Precisa haver, portanto, o irrelacional, o imediato. Entretanto, conforme a sentença de Espinosa, este teria que ser completamente indeterminado. Mas o completamente indeterminado não pode servir como ponto de partida da determinação.

A solução que Hegel propõe é: O irrelacional que solve o problema da determinação precisa ser um relacional de forma autorreferencial. Desta forma, ele é irrelacional com relação a seu exterior, ele não precisa de uma relação externa. Ao mesmo tempo, ele é diferenciado internamente, ele contém negação e, com isso, determinação. Só que essa determinação não o rompe em partes, mas a diferenciação é apenas dinâmica, ela existe no processo pelo qual ele efetua a referência a si mesmo. Essa estrutura de uma identidade que se autodiferencia e, ao mesmo tempo, compreende a si mesma como uma nessa diferenciação é a estrutura do sujeito.

⁴ **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da IHU On-Line, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da **IHU On-Line**)

Sujeito

O sujeito é o princípio fundamental de toda determinação. Mas, como expliquei, o sujeito só pode cumprir essa tarefa quando for compreendido como processual, e quando este processo, por sua vez, for compreendido como um processo de diferenciação, de negação e da consequente compreensão da unidade da diferenciação como um todo. Este processo é a dialética. Ela parte, necessariamente, por um imediato. Essa necessidade é, por primeiro, prática, pois justamente em virtude de tomar algo como começo, ele é tomado como imediato - senão seria preciso tratar de algo diferente antes dele e, conseqüentemente, ele não seria mais o começo. Mas essa necessidade também é teórica, pois, como expliquei, o relativismo total implode. Precisamos ancorar o processo relacional de determinação em algo que não é relacional por sua vez. Contudo, como este primeiro, este ponto de partida do processo dialético é um imediato simples, ele é deficiente, ele não pode ser determinado em e por si mesmo, justamente porque falta a ele a relação negativa que é imprescindível para qualquer determinação. Em virtude dessa defeituosidade, ele é negado. Para dar o exemplo mais famoso: A Ciência da Lógica começa com o Ser puro, porque ela precisa começar, e no começo não se pode pressupor nada - senão não seria começo propriamente dito. O Ser puro é justamente aquele pensamento que não contém determinação nenhuma, que não se diferencia por nada. Mas justamente por isso, o Ser puro é defeituoso: ele não se distingue do Nada (puro). Com isso, o pensar já efetua, de fato, a negação: o Nada é a negação do ser. Mas essa própria negação, a relação negativa mostra-se deficiente,

assim como o primeiro irrelacional, o Ser puro mostrou-se deficiente.

Relação negativa

A relação negativa entre Ser e nada não consegue sustentar-se por si mesma: Ser puro e Nada puro não se distinguem em nada. Eles são a mesma coisa. Isso, evidentemente, é uma contradição: a identidade de incompatíveis. Como o pensar não pode permanecer na contradição, ele precisa negar outra vez. Mas essa vez, ele nega não um lado ou outro da relação negativa entre o Ser e o Nada, mas ele nega essa relação como um todo - pois a contradição consiste justamente nessa relação como um todo, e é a contradição que tem de ser negada. O resultado da relação exclusiva entre Ser e Nada é, naturalmente, a relação inclusiva de Ser e Nada, o conceito de uma unidade dentro da qual Ser e nada estão em união harmônica e, ao mesmo tempo, continuam diferenciados. Este conceito o "devir" (o "vir-a-ser"), pois neste Nada transita em Ser e Ser transita em Nada. Nessa unidade dinâmica do transitar, Ser e Nada coexistem em harmonia, sem perder sua diferença. Mas com isso, Ser e Nada não são mais conceitos independentes, mas meros momentos do Devir, momentos da realização do Devir. O próprio Devir diferencia-se em Ser e Nada e, ao mesmo tempo, compreende-se como a unidade dinâmica, diferenciante destes dois. O tri-passo Ser-Nada-Devir é apenas o primeiro de uma longa cadeia de tais passos dialéticos na Ciência da Lógica que culminam na Ideia absoluta que é a forma plena e mais alta da autoefetivação da autodiferenciação e, com isso da auto-determinação. E, como tal, a Ideia absoluta é sujeito, como já expliquei. Mas ela só pode ser sujeito e, com isso, cumprir sua tarefa de resolver o problema da determina-

ção quando ela for, em si mesma, dialética. A dialética é o princípio dinâmico, metodológico, da determinação, de toda determinação, pois, em última instância, qualquer determinação precisa remeter-se àquilo que nem é puramente irrelacional nem plenamente relativo, mas "irrelacional-relativo" ou "irrelacional-relacionante".

Defesa à dialética

Eu pessoalmente acho que Hegel estava certo quando defendeu que apenas a dialética pode resolver o problema da determinação, que apenas a dialética pode garantir que haja determinação qualquer. Contudo, acho que ele estava errado quando pensou que essa dialética possa resultar numa pura autorreferência, que ela possa suprimir a diferença e, com isso, a contradição numa unidade autorreferencial. Penso que, assim como relacionalidade e irrelacionalidade são inseparáveis e irreduzíveis uma à outra, também autorreferencialidade e aliorreferencialidade (referência a outro) sejam inseparáveis. Como expressão dessa inseparabilidade num processo dinâmico, dialético uso o termo "acaso", porque me parece o mais adequado entre todos os conceitos de nossa linguagem comum que temos. O acaso está numa relação incompleta com seus antecedentes, ele é incompletamente condicionado - assim como ele é incompletamente irrelativo, incompletamente incondicionado. Ao mesmo tempo, sua relacionalidade e sua irrelacionalidade, seu ser-condicionado e seu ser-incondicionado não podem ser divididos em partes ou aspectos nitidamente separados um do outro. Apenas desta forma, apenas a partir do acaso, do originar dialético, incompletamente condicionado, é possível que haja determinação, que haja algo, que haja realidade. ■

LEIA MAIS...

— *Ser Liberdade - O sujeito livre na filosofia hegeliana*. Entrevista com Konrad Christoph Utz publicada na revista IHU On-Line, nº 430, de 21-10-2013, disponível em <http://bit.ly/1ZNidOQ>.

Para além dos significados comuns, o logos sobre o ser

Jean-François Kervégan debate obra de Hegel analisando o caráter sistêmico de seu pensamento

Por Márcia Junges | Edição Ricardo Machado | Tradução Vanise Dresch

A filosofia de Hegel busca antes no logos as explicações sobre o ser e encontra na lógica uma forma de compreender as deformações discursivas. “A Lógica, em Hegel, é aquilo que ocupa o lugar da metafísica, da filosofia primordial. É, se preferirmos, uma ontologia, no sentido de que é uma teoria não do ser, mas do discurso (do logos) sobre o ser (ou sobre os entes)”, esclarece Jean-François Kervégan, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

“Em qualquer circunstância, Hegel remete à *Lógica* para justificar as deformações a que ele submete os significados comuns. De fato, para ele, a lógica especulativa é o instrumento indispensável que dá ao filósofo a possibilidade de pensar aquilo que existe

em sua efetividade; ela é integralmente uma lógica da efetividade”, Sustenta. Sua verve sistêmica, expressa-se na complexidade de seu pensamento, como apresenta Kervégan. “Se Hegel nos ensina alguma coisa é o fato de que algo que se apresenta como aparentemente “primeiro” já é sempre habitado por aquilo que, aparentemente, resulta dele e o pressupõe”, complementa.

Jean-François Kervégan é professor de filosofia na Universidade de Paris 1, é membro do Instituto Universitário da França, na Cátedra de Filosofia da normatividade. Dedicou-se aos estudos da Filosofia Clássica Alemã, notadamente Hegel e Kant, Filosofia Política e Filosofia do Direito.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o sentido de “Was wirklich ist, kann wirken” no sistema filosófico de Hegel?

Jean-François Kervégan - Todo mundo conhece a famosa frase do prefácio de *Princípios da Filosofia do Direito*: “O que é racional é efetivo e o que é efetivo é racional”. E quase sempre, de acordo com o uso corrente, interpreta-se o vocábulo “efetivo” (*wirklich*) como se tivesse o mesmo significado de “real”¹ (*reell* ou *real*). No entanto, no

sexto parágrafo da 2ª edição da *Enciclopédia* (1827), Hegel recusa as interpretações que foram dadas desse dístico e lembra que, na *Ciência da Lógica*, encontra-se uma distinção explícita entre o “real” (ou, se preferirmos, o sendo), que pertence à lógica do ser e faz parte de uma economia da passagem ou da mudança, e o “efetivo”, que pertence à lógica da essência e faz parte de uma economia da manifestação, diretamente no sendo, da razão de ser (isto é, no fim das contas, do conceito). A frase do prefácio, portanto, está longe de destacar, como se acredita muitas vezes, que “tudo o que é real é

racional”. Aliás, Hegel acrescenta ironicamente: “Quem deixaria de ver ingenuamente naquilo que o cerca muitas coisas que, na verdade, não são como deveriam ser?” (tradução livre a partir da referência em francês: *Encyclopédie*, § 6, trad. Bourgeois, t. 1, Vrin, 1970, p. 170). O efetivo (*das Wirkliche*) não é apenas o que “é”, mas também o que produz efeitos (*Wirkungen*), o que se manifesta. Isso explica a frase citada.

IHU On-Line - A partir dessa proposição, quais são as reflexões fundamentais que surgem acerca

¹ Na tradução desta obra para a língua portuguesa, publicada pela editora Martins Fontes (1997), o tradutor escolhe o vocábulo “real” para traduzir *wirklich*. (Nota do entrevistado)

“

Em qualquer circunstância, Hegel remete à Lógica para justificar as deformações a que ele submete os significados comuns

do estatuto da lógica da efetividade em Hegel?

Jean-François Kervégan - A Lógica, em Hegel, é aquilo que ocupa o lugar da metafísica, da filosofia primordial. É, se preferirmos, uma ontologia, no sentido de que é uma teoria não do ser, mas do discurso (do *logos*) sobre o ser (ou sobre os entes). Essa ontologia realiza um imenso trabalho de redefinição não somente das categorias maiores da metafísica (especialmente na Lógica da essência), mas também dos significados sedimentados no uso corrente da língua, um uso que, segundo Hegel, traz muitas vezes a marca de uma *má* metafísica - má por ser inconsciente e não questionada. Todo esse trabalho conceitual é pressuposto pelas outras partes do sistema, tanto pela filosofia da natureza quanto pela filosofia do espírito subjetivo e objetivo. Em qualquer circunstância, Hegel remete à *Lógica* para justificar as deformações a que ele submete os significados comuns. De fato, para ele, a lógica especulativa é o instrumento indispensável que dá ao filósofo a possibilidade de pensar aquilo que existe em sua efetividade; ela é integralmente uma lógica da efetividade.

IHU On-Line - Como lógica e metafísica se imbricam na reflexão desse pensador?

Jean-François Kervégan - A relação de Hegel com a metafísica está longe de ser simples; foi o que apontei na minha resposta à pergunta anterior. Uma das razões disso é o fato de que, em diferentes

contextos, Hegel denomina assim coisas bem diferentes. Num sentido restrito e pejorativo, a metafísica designa, em seu pensamento, o edifício escolar construído, na esteira de Leibniz,² por Christian Wolff³ e que constituía na época de Kant,⁴ e mesmo ainda na época

2 **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646–1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de “função” como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descreveu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Christian Wolff** (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Immanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem2>.

de Hegel, a base do ensino filosófico universitário. Essa metafísica, com sua subdivisão em metafísica geral (ou ontologia) e metafísica especial (cosmologia, psicologia e teologia racionais) constitui o pano de fundo tanto da *Crítica da Razão Pura* (Lisboa: CALOUSTE GULBENKIAN, 2013) como da *Ciência da Lógica* (São Paulo: Barcarolla, 2011), e é o que as duas obras tentam refutar, cada uma à sua maneira. Nesse primeiro sentido, “a antiga metafísica”, aquela de Wolff e dos escolásticos,⁵ mas não a dos antigos, é justamente o que Hegel quer demolir. Cabe acrescentar que essa má metafísica e a visão dualista que ela traz consigo (o dogmatismo do “ou... ou então” que Hegel combate) imperam não somente no campo da filosofia universitária, mas também no campo das ciências da natureza e da matemática, em suma, nessas “ciências de entendimento”, das quais Hegel denuncia a pobreza das considerações filosóficas e louva a fecundidade operatória. As longas observações que a Lógica dedica ao tratamento matemático do infinito são um exemplo notável dessa perseguição dos pressupostos metafísicos (que passam frequentemente despercebidos) que se alojam até mesmo nas produções mais fecundas da ciência em sua prática (da

[ly/ihuem2](http://bit.ly/ihuem2). Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Escolástica**: linha dentro da filosofia medieval, de acentos notadamente cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade, por assim dizer, responsável pela unidade de toda a Europa, que comungava da mesma fé. Esta linha vai do começo do século IX até ao fim do século XVI, ou seja, até ao fim da Idade Média. Este pensamento cristão deve o seu nome às artes ensinadas na altura pelos escolásticos nas escolas medievais. Estas artes podiam ser divididas em Trivium (gramática, retórica e dialética) e Quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). A escolástica resulta essencialmente do aprofundar da dialética. Confira a edição 342 da revista IHU On-Line, de 06-09-2010, intitulada *Escolástica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade*, disponível em <http://bit.ly/11mcjbi>. (Nota da **IHU On-Line**)

qual, quero lembrar, Hegel possuía um sólido conhecimento).

Porém, ao lado dessa má metafísica de entendimento que ele pretende erradicar, há também a grande tradição metafísica que Hegel assume e reivindica constantemente, mesmo preferindo os termos especulação ou pensamento especulativo: Heráclito,⁶ Platão,⁷ Aristóteles,⁸ Plotino,⁹ além de alguns modernos (mais Spinoza¹⁰ que

6 **Heráclito de Éfeso** (540 a. C. – 470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematiza a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, Sobre a Natureza, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pte-X8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**)

8 **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. – 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Plotino** (205-270): foi um filósofo neoplatônico, autor de *Enéadas*, discípulo de Amônio Sacas por onze anos e mestre de Porfírio. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632–1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da **IHU On-Line**, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da **IHU On-Line**)

Leibniz ou Descartes¹¹), são os representantes mais atentamente comentados, como se vê nas aulas sobre a história da filosofia. Consciente do fato de que desde Kant o próprio sentido da empreitada filosófica mudou radicalmente, Hegel pretende prolongar essa tradição

“

Em Hegel, encontramos acerca da noção de Absoluto a mesma ambiguidade aparente que vemos a respeito da metafísica

e, ao mesmo tempo, imprimir-lhe uma mudança decisiva de direção. Isso explica a fórmula da *Enciclopédia*: se a verdadeira metafísica é a “ciência das coisas apreendidas pelos pensamentos”, o pensamento do pensamento (*noësis noëseôs*), então, uma vez que as coisas já são, em certo sentido, pensamentos, a lógica hegeliana almeja de fato coincidir com a metafísica, imprimindo-lhe um novo curso.

É para explicar esse duplo aspecto - destruição da metafísica errada, assunção e radicalização da verdadeira metafísica especulativa - que a *Ciência da Lógica* justapõe duas proposições que são contra-

11 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

ditórias à primeira vista: ao mesmo tempo em que a Lógica “toma simplesmente o lugar” da metafísica (*Science de la logique*, éd. de 1812, traduction Labarrière-Jarczyk, Kimé, 2006, p. 37 - [para o português, tradução literal a partir da referência em francês]), ela lhe dá seguimento, a ponto de ser “a metafísica propriamente dita” (*op. cit.*, p. 5).

IHU On-Line - Quais são os nexos fundamentais que podem ser estabelecidos entre as concepções de lógica e metafísica hegelianas e sua compreensão acerca do Absoluto?

Jean-François Kervégan - Em Hegel, encontramos acerca da noção de Absoluto a mesma ambiguidade aparente que vemos a respeito da metafísica. Aliás, essas noções estão evidentemente ligadas. Por um lado, Hegel não cessa de repetir que os conceitos principais da filosofia especulativa (da Lógica) são maneiras de conceber, até mesmo de nomear, o Absoluto: “o absoluto é a essência” (*Encycl.* § 112); “o absoluto, em sua definição, é o silogismo” (*Encycl.* § 181); “o absolute é o objeto” (*Encycl.* § 194); “a definição mesma do absoluto segundo a qual ele é a Ideia é agora absoluta” (*Encycl.* § 213); etc. Por outro lado, mantém-se muito reservado quanto aos usos imprudentes e enfáticos da noção, pois “o próprio vocábulo de absoluto não tem seguidamente outro significado além de abstrato” (*Encycl.* § 112); e o capítulo da *Lógica* assim intitulado é uma crítica devastadora à maneira pela qual a metafísica clássica (os exemplos citados são os de Spinoza e de Leibniz) fez uso desse conceito. Nesse aspecto, o método de Hegel tem algo em comum com a abordagem da teologia negativa: o absoluto é aquilo que ultrapassa todo e qualquer poder de nomear, toda e qualquer descrição.

Talvez seja melhor manter reservadas ou evitar essas questões relativas ao absoluto ou à metafísica,

pois as respostas que podem ser dadas dependem muito de escolhas de definição, que sempre precisam ser explicitadas. Eu reivindico, tanto a respeito da interpretação de Hegel quanto das minhas posições filosóficas pessoais, uma atitude sóbria para com “a” metafísica. Por um lado, não creio que as questões metafísicas resultem apenas de um uso insuficientemente cauteloso da linguagem, e não defendo uma erradicação da metafísica, ao contrário de algumas correntes filosóficas pelas quais, além disso, não tenho antipatia (refiro-me aqui ao positivismo lógico, a certas correntes da filosofia analítica e à filosofia da linguagem comum). Por outro lado, continuo a pensar que a racionalidade filosófica - que é um pensamento das mediações - deve evitar as hipóstases essencialistas a que os metafísicos tão facilmente se entregaram. Se há algo que Hegel nos ensina é que é inútil buscar o primeiro princípio, posto que, na verdade, esse “primeiro” (por exemplo: o ser puro da *Lógica*, a certeza sensível da *Fenomenologia do Espírito*) já é sempre habitado por aquilo que, aparentemente, resulta dele e o pressupõe.

IHU On-Line - Qual é a peculiaridade da lógica hegeliana e qual é a importância de *A ciência da lógica* dentro dessa reflexão?

Jean-François Kervégan - A *Ciência da Lógica* (ou sua versão condensada dada na primeira parte da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*) é, se podemos dizer, o pulmão ou o coração de todo o pensamento de Hegel, pois define ou redefine, de maneira dialética e processual, o significado de todas as categorias fundamentais com base nas quais a filosofia tentou construir a inteligência daquilo que existe. Podemos dizer, em relação ao programa aristotélico, que ela substitui tanto a metafísica (filosofia primeira ou ontologia: teoria do ser enquanto ser) quanto a lógica (*Organon*: teoria da significação e do discurso): ela é *onto-lógica*.

IHU On-Line - Em termos gerais, como a Lógica aparece no contexto das diferentes obras de Hegel?

Jean-François Kervégan - Como apontei anteriormente, a Lógica está no cerne de toda a empreitada filosófica de Hegel, que a ela se refere todas as vezes que pretende justificar um desvio em relação à conceituação “normal” de certas questões. Por exemplo, em *Princípios da Filosofia do Direito*, está escrito que “tanto o todo como o desenvolvimento das partes se fundam no espírito lógico” (*PPD*, Preface, trad. Kervégan, PUF, 2013, p. 115). Não se trata apenas de uma declaração de princípio: cerca de vinte vezes, no corpo da obra, Hegel faz referência à Lógica, sempre para assinalar em que sentido seu

“

Não creio que as questões metafísicas resultem apenas de um uso insuficientemente cauteloso da linguagem

propósito difere do modo corrente de tratá-la. Por exemplo, na Nota do parágrafo 272 dos *Princípios*, para justificar sua recusa da interpretação corrente do princípio da separação dos poderes e sua preferência por uma concepção “orgânica” da diferenciação de um só e único poder, o do Estado, Hegel refere-se à Lógica, mas “obviamente não à lógica corrente” (*PPD*, § 272 Remarque, p. 459). A Lógica é invocada para justificar um desvio em relação às “representações em voga” (*ibid.*) e para sustentar uma articulação inabitual dos conceitos (por exemplo, conceitos políticos, mas também conceitos das ciências físico-químicas e da matemática).

IHU On-Line - Como podemos compreender que o começo da lógica em Hegel seja não ter pressupostos?

Jean-François Kervégan - Se Hegel nos ensina alguma coisa é o fato de que algo que se apresenta como aparentemente “primeiro” já é sempre habitado por aquilo que, aparentemente, resulta dele e o pressupõe. É o caso, por exemplo, do ser puro da *Lógica*, ou da certeza sensível, de onde parte a *Fenomenologia do Espírito*: o que pretende valer como radicalmente imediato ou aquilo no que gostaríamos de ver um imediato absoluto revela-se, enquanto tal, inassimilável e indizível, por ser conduzido por um movimento de mediação que é o único com o poder de instituí-lo como imediato. Em outras palavras, como indica o último capítulo da *Ciência da Lógica*, “A ideia absoluta”, o imediato é sempre um imediato *vindo-a-ser*. Por isso, a despeito da ordem aparente, a primeira categoria efetiva da Lógica não é o ser puro, que não é literalmente nada, logo, o nada, mas o *vir-a-ser* como movimento do ser ao nada e do nada ao ser. É por essa razão que Hegel inicia a Lógica com um texto bastante desorientador sobre o começo da ciência no qual ele explica que a questão do começo - ou da origem - é um falso problema.

IHU On-Line - Em que medida essa concepção de lógica continua atual e pertinente à filosofia no século XXI?

Jean-François Kervégan - A posteridade de Hegel foi imensa e, desde o início, dividida entre campos irreconciliáveis: pensemos na querela entre os “velhos” e os “jovens” hegelianos nos anos 1840, após a morte de Hegel. De certa maneira, a situação não mudou, pelo menos entre aqueles que aceitam interessar-se por esse pensamento (não é o caso de todas as correntes filosóficas - podemos citar a rejeição do hegelianismo pela corrente dominante da filosofia an-

glo-saxônica desde Russell¹² -, mas, neste aspecto também, as coisas mudaram muito nas duas ou três últimas décadas). Eu diria que nos dias de hoje, como antes, a posteridade de Hegel se divide entre os “velhos hegelianos”, apegados à letra do sistema e convencidos de que se deve tomá-lo como um todo para não privá-lo de sentido, e os “jovens hegelianos”, que consideraram que um uso fecundo das temáticas hegelianas só pode ser feito ao custo do remanejamento de certos aspectos que, para Hegel, eram certamente fundamentais, mas que podem ser “separados”, tomando-se certas precauções, daquilo que é mais vivaz nele. De minha parte, meu trabalho segue nesta segunda direção.

IHU On-Line - Num tempo como o nosso, marcado pela fragmentação dos saberes, qual é a importância da filosofia hegeliana, e com o conceito de Absoluto?

Jean-François Kervégan - Penso que é mais o conceito de sistema

¹² **Bertrand Russel [Bertrand Arthur William Russell]** (1872-1970): matemático, filósofo. Foi também um importante político liberal, ativista e popularizador da Filosofia, além de um crítico das armas nucleares e da guerra estadunidense no Vietnã. Em 1950, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em reconhecimento dos seus variados e significativos escritos, nos quais apresentava ideais humanitários e liberdade de pensamento. (Nota da IHU On-Line)

do que o de absoluto que deve ser posto à prova do desenvolvimento moderno dos saberes. No prefácio da *Fenomenologia do Espírito*, lê-se o seguinte: “O que está expresso na representação, que exprime o absoluto como *espírito*, é que o verdadeiro só é efetivo como siste-

“

A Lógica, em Hegel, é aquilo que ocupa o lugar da metafísica, da filosofia primordial

ma, ou que a substância é essencialmente sujeito [...] O espírito que se sabe desenvolvido como espírito é a ciência.” (tradução livre a partir de *Phénoménologie de l'Esprit*, trad. Bourgeois, Vrin, 2006, p. 73). Essa exigência de sistematicidade está no cerne da ideia que Hegel (como Kant, aliás) tem do saber. Contrasta, de fato, com a diversificação, ou até mesmo com a dispersão dos saberes, que parece ter caracterizado o desenvolvimento das ciências positivistas nos séculos XIX e XX. No entanto, estas parecem não po-

der prescindir de uma perspectiva “arquitetônica”, como dizia Kant: prova disso são as tentativas atuais de unificação das teorias físicas mais englobantes (relatividade geral, física quântica), a despeito da aparente falta de concordância de seus resultados).

O que talvez seja mais problemático é o lugar reservado, nessa concepção de Hegel do sistema da ciência, ao conceito de espírito. Mas não se deve esquecer que um dos principais resultados da filosofia hegeliana do espírito (do modo como é construída na *Fenomenologia do Espírito* e exposta sistematicamente na *Enciclopédia*) é o que chamo de ampliação do conceito de espírito: o espírito não é somente o espírito subjetivo finito, é também o espírito objetivo, posto na consciência coletiva, as práticas sociais e as instituições ético-políticas, e, evidentemente, o que Hegel chama de espírito absoluto, isto é, o espírito que se sente como espírito (na arte e na religião) e que se sabe como espírito (na filosofia). Considero que o conceito hegeliano de espírito objetivo tem uma real fecundidade heurística, por exemplo, para analisar filosoficamente as aquisições da sociologia. Quanto ao espírito absoluto, é justamente, ainda hoje, o ponto que divide aqueles a quem chamei de velhos e jovens hegelianos. ■

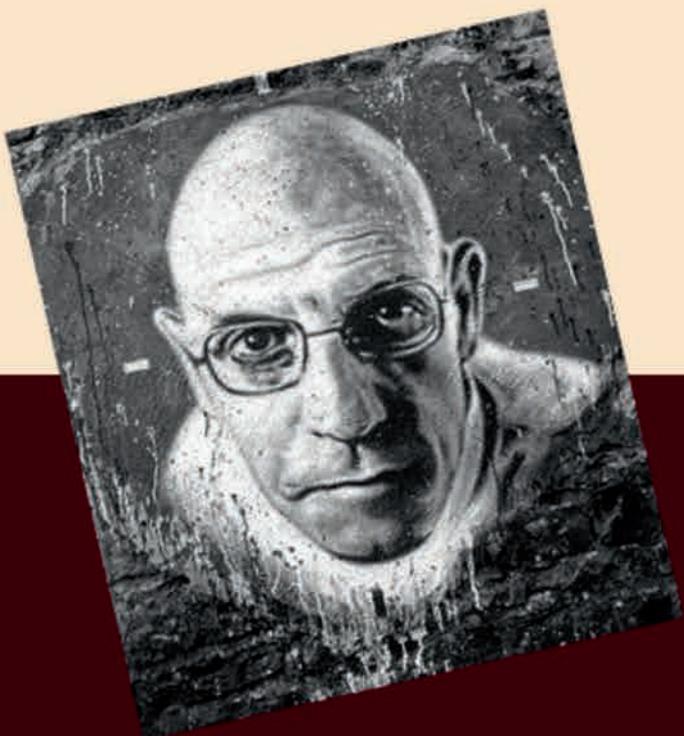
ME
TRÓ
POLES

3º CICLO DE ESTUDOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E
TECNOLOGIAS DE
GOVERNO

TERRITÓRIOS,
GOVERNAMENTO DA VIDA
E O COMUM

Implicações ético-políticas do cristianismo
na filosofia de M. Foucault e G. Agamben.
Governamentalidade, economia política,
messianismo e democracia de massas



16 de março a 22 de junho de 2016

Ministrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz – UNISINOS

ihu.unisinos.br

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os próximos eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU



Desigualdades, economia e saúde: o papel do SUS no Brasil

Conferencista: MS Paulo Fernando Pizá Teixeira - Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde - OPAS/OMS

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Ciclo de atividades. O cuidado de nossa Casa Comum

Mesa-redonda - A Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco, Sobre o cuidado da casa comum, e suas contribuições ao enfrentamento da crise ambiental

Coordenação: Profa. Dra. Susana María Rocca - UNISINOS

Participantes:

Prof. MS Lucas Henrique da Luz - UNISINOS

Profa. Dra. Ana María Formoso

Prof. Dr. José Roque Junges - UNISINOS

Horário: 19h30min às 22h

Local: Auditório Central - UNISINOS



Ciclo de debates Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil

Atividade: conferência Desenvolvimento econômico, heterogeneidade estrutural e distribuição de renda no Brasil no pensamento de Celso Furtado

Conferencista: Prof. Dr. André Furtado - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU



Ciclo de atividades. O cuidado de nossa Casa Comum

Atividade: Mesa-redonda - A Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco, Sobre o cuidado da casa comum, e suas contribuições ao enfrentamento da crise ambiental

Coordenação: MS Jéferson Rodrigues - UNISINOS

Participantes:

Prof. MS Lucas Henrique da Luz - UNISINOS

Prof. Dr. Laércio Pilz - UNISINOS

Prof. MS Gilmar Zampieri - UNILASALLE/ESTEF

Horário: 9h às 11h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Oficina – Realidades e Bases de Dados do IBGE

Ministrante: Prof. MS Ademir Barbosa Koucher - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Horário: das 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU



13^ª
PASCOA
IHU

IESUITAS BRASIL

ciclo de atividades

O CUIDADO DE NOSSA
casa comum

10 DE MARÇO A 03 DE MAIO DE 2016

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
ihu.unisinos.br

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

ENTREVISTA

O desafio do desenvolvimento redistributivo

Para André Furtado a retomada do desenvolvimento econômico no Brasil passa por uma industrialização ambientalmente responsável e socialmente justa

Por Ricardo Machado

Desde a segunda metade do século XX o Brasil passou por três grandes processos macroeconômicos de desenvolvimento. O primeiro foi apoiado na industrialização que substituiu as importações até o final dos anos 1980, o modelo liberal globalizante na década de 1990 e a partir dos anos 2000 um modelo de valorização das commodities, que agravou a desindustrialização que havia iniciado com a abertura neoliberal. “O problema foi que o neodesenvolvimentismo se chocou com a perda de competitividade sistêmica provocada pela valorização cambial e o aumento dos custos de produção. Com isso o estímulo das políticas surtiu efeitos limitados”, analisa André Tosi Furtado, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

O grande desafio, propõe André, é construir uma estrutura social, política e econômica capaz de gerar um desenvolvimento redistributivo. “O desafio consiste em se industrializar competitivamente. Isso requer inovação e maiores investimentos em capital humano

e material”, sustenta. “O progresso técnico nos permite atender às necessidades fundamentais da população por meio de tecnologias ambientalmente limpas. Agora, a desigualdade social alimenta modos de consumo ambientalmente insustentáveis. Por isso, há convergência entre a transformação ambiental e social”, complementa.

André Tosi Furtado concluiu o doutorado em Ciências Econômicas - Université de Paris I. Atualmente é Professor Titular do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

No dia 12-04-2016, a partir das 19h30min, o professor André apresenta a conferência Desenvolvimento econômico, heterogeneidade estrutural e distribuição de renda no Brasil no pensamento de Celso Furtado, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros no IHU - Campus São Leopoldo/RS. Mais informações em <http://bit.ly/1Y2eA6e>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a atualidade do pensamento e da obra de Celso Furtado¹ para o desenvolvimento do Brasil?

André Tosi Furtado - Celso Furtado tem um papel de destaque

¹ Celso Furtado (1920-2004): economista brasileiro, membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira (1954)* e *Formação econômica do Brasil (1959)*. Confira a edição 155 da **IHU On-Line** que aborda a obra de Furtado, disponível em <http://migre.me/BhSp>. (Nota da **IHU On-Line**)

entre os grandes intelectuais que pensaram o Brasil. A atualidade do seu pensamento permanece porque os grandes problemas que ele levantou sobre o desenvolvimento, ou melhor, subdesenvolvimento brasileiro ainda continuam presentes. Esses problemas derivam da tendência do crescimento econômico perpetuar e até mesmo ampliar a desigualdade social. Esse tipo de dinâmica é muito semelhante à que Thomas Piketty² descreveu

² Thomas Piketty (1971): economista francês, concentra seus estudos no acúmulo e desi-

em seu livro sobre o capital no século XXI. Portanto, a obra de Celso Furtado permanece atual porque a tendência presente da

gualdade de renda. É diretor de pesquisas da École des hautes études en sciences sociales (EHESS) e professor da Escola de Economia de Paris. Seu livro best-seller, *O Capital no Século XXI*, enfatiza as questões do acúmulo de renda nos últimos 250 anos e argumenta que o acúmulo de capital cresce mais rápido que a economia, o que gera desigualdade. A edição 449 da **IHU On-Line**, intitulada *A desigualdade no século XXI. A desconstrução do mito da meritocracia*, inspira-se na obra *O Capital no Século XXI* e foi publicada meses antes de a obra ser publicada traduzida no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)



O problema foi que o neodesenvolvimentismo se chocou com a perda de competitividade sistêmica

acumulação é justamente acentuar a desigualdade social.

IHU On-Line - Quais foram os grandes modelos econômicos e macroeconômicos de desenvolvimento implantados no Brasil desde meados do século XX?

André Tosi Furtado - Houve basicamente dois modelos econômicos que vigoraram desde o pós-guerra. O primeiro, apoiado na industrialização por substituição de importações, vigorou até o final dos anos 1980. Esse modelo comportava um forte protecionismo à produção industrial e uma taxa de inflação alta. Em função da acentuada crise econômica dos anos 1980, esse modelo foi substituído por um outro liberalizante e de maior abertura externa, que acompanhou, de certa forma, a tendência mundial da globalização. Esse novo modelo reduziu a inflação, mas levou a uma crescente desindustrialização. Nos anos 2000, volta-se a uma maior intervenção do Estado na economia, a valorização das commodities agrava as tendências desindustrializantes já presentes durante a etapa anterior.

IHU On-Line - Como o senhor avalia os projetos neodesenvolvimentistas baseados na extração de commodities, como o petróleo, por exemplo? Há algo de novo nesse modelo de desenvolvimento?

André Tosi Furtado - O desenvolvimento no Brasil esteve comprometido com o projeto de industrialização do país. O neodesenvolvimentismo consiste em uma

tentativa de retomar a agenda da industrialização nos anos 2000 após o período neoliberal dos anos 1990. Esse período se caracteriza pela valorização das commodities que se tornam o carro-chefe das exportações e também das atividades econômicas do país, como é o caso do petróleo. Em decorrência do sucesso produtivo acumulado pela Petrobras desde os anos 1990 até o final dos anos 2000, e da valorização das commodities, a participação do petróleo no Produto Interno Bruto - PIB cresceu substancialmente. O neodesenvolvimentismo buscou transformar esse impulso em desenvolvimento da indústria parapetroléira (fornecedores de equipamentos e prestadores de serviços) brasileira. O problema foi que o neodesenvolvimentismo se chocou com a perda de competitividade sistêmica provocada pela valorização cambial e o aumento dos custos de produção. Com isso o estímulo das políticas surtiu efeitos limitados.

IHU On-Line - De que maneira as políticas econômicas implementadas no Brasil nos últimos 50 anos radicalizaram ainda mais a desigualdade social no país?

André Tosi Furtado - A desigualdade social está presente em todos esses modelos macroeconômicos e perpassa a história brasileira contemporânea. Ela se agrava na forma de desigualdade regional nos anos 1950 durante a industrialização acelerada do país. Depois ela se acentua dramaticamente durante o período do golpe militar e do milagre econômico. Ela volta a assombrar o país com a crise dos

anos 1980 e durante a década neoliberal, quando aumenta dramaticamente o desemprego e o volume de emprego informal. Somente nos anos 2000 ocorre uma importante inflexão no processo de perpetuação e aprofundamento da desigualdade no Brasil. Estou certo de que muitos estudiosos irão se questionar no futuro sobre as verdadeiras causas dessa melhora na distribuição de renda no país. Eu a atribuo, sobretudo, aos efeitos benéficos que a melhora dos termos de troca das commodities trouxe para a renda e no emprego. O problema foi que essa melhora da renda se reverteu para o consumo e não para o investimento, e que a oferta interna não foi capaz de cobrir a expansão da demanda interna.

IHU On-Line - Como pensar uma estrutura política e econômica no Brasil que não sirva a modelos concentradores de renda?

André Tosi Furtado - Esse é o grande desafio, criar uma estrutura sociopolítica e econômica capaz de propiciar um desenvolvimento redistributivo. Durante a prosperidade fordista do pós-guerra, o Brasil aprofundou um modelo de desenvolvimento intrinsecamente concentrador. As disparidades de renda entre ricos e pobres se acentuaram no período do milagre econômico. O progresso técnico, ao ter um viés para o trabalho qualificado, acentuou o fosso salarial entre trabalhadores qualificados e não qualificados.

A parcela da renda apropriada pelo capital sempre foi bem alta. Porém a destinação do excedente para a acumulação era bem fraca e o país se tornou muito dependente do endividamento externo para a acumulação. Mudar o modelo de desenvolvimento implica em criar um novo modelo de acumulação e em uma nova trajetória tecnológica. Essa mudança é possível desde que a sociedade faça as escolhas certas na seleção de mecanismos sustentáveis. O aumento do nível educacional da população brasileira irá a longo prazo diminuir o

impacto concentrador do progresso técnico. Para isso é necessário que por meio do Estado a sociedade gere os bens públicos necessários ao seu bem-estar. Também é necessário manter um nível de acumulação elevado para gerar emprego formal.

IHU On-Line - Quais os desafios de se construir um modelo de desenvolvimento industrial baseado em matrizes heterogêneas de desenvolvimento econômico?

André Tosi Furtado - A indústria segue sendo, no atual estágio brasileiro, muito necessária para o desenvolvimento do país. Porém vivenciamos desde os anos 1990 uma desindustrialização precoce provocada pela abertura econômica e a valorização cambial. Essa desindustrialização está certamente por trás das baixas taxas de crescimento da economia brasileira. A diferença da industrialização atual com a que ocorreu a partir dos anos 30 do século passado, é que agora ela deve ocorrer competitivamente, já que as economias estão cada vez mais abertas. E o que tem faltado à indústria brasileira é competitividade de seus produtos frente aos importados. Portanto, o desafio consiste em se industrializar competitivamente. Isso requer inovação e maiores investimentos em capital humano e material.

IHU On-Line - Como a perspectiva econômica de Celso Furtado oferece alternativas aos desafios da desigualdade em nível nacional?

André Tosi Furtado - Celso Furtado diagnosticou que o capitalismo brasileiro tendia a gerar desigualdade social e regional. A única forma de corrigir essas tendências

seria por meio da intervenção do Estado, que poderia assumir uma função redistributiva e poderia direcionar a acumulação para bens e serviços de maior utilidade pública. Convinha também ao Estado dinamizar a economia, a qual apenas por meio dos mecanismos de mercado tendia a um crescimento econômico débil.

IHU On-Line - É possível aliar crescimento econômico e combate às desigualdades sociais com um projeto de desenvolvimento que seja sustentável do ponto de vista ambiental?

André Tosi Furtado - Essa é uma importante questão. Será que podemos compatibilizar a inserção da grande massa de brasileiros ainda excluídos do verdadeiro desenvolvimento com a sustentabilidade ambiental? Eu tenho a convicção que sim. Muito da depredação ambiental somente se justifica porque há pobreza. É possível que o Estado fiscalize e controle muito mais o patrimônio natural, impedindo que ele seja delapidado. Por outro lado, o progresso técnico nos permite atender às necessidades fundamentais da população por meio de tecnologias ambientalmente limpas. Agora, a desigualdade social alimenta modos de consumo ambientalmente insustentáveis. Por isso, há convergência entre a transformação ambiental e social.

IHU On-Line - Como inovar em termos econômicos e políticos em um cenário de austeridade?

André Tosi Furtado - Nunca deveríamos sair de um cenário de austeridade. Somos ainda um país pobre. Ainda precisamos passar por um período de intensa acumulação

no qual deverá ser construída a infraestrutura socioeconômica do país. Acho que depois de acabar "o sonho de uma noite de verão" dos preços altos das commodities, o país precisa acordar para arrumar efetivamente a casa. O problema é que em períodos de escassez como os que estamos atravessando existe o risco do agravamento das tendências conservadoras, com ameaças de retrocesso do ponto de vista dos avanços sociais obtidos. Vai demorar um certo tempo ainda para que se perceba que a sociedade brasileira precisa avançar na alteração de seu modelo de desenvolvimento.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

André Tosi Furtado - Sim, gostaria de dizer que há algo novo na sociedade brasileira que surgiu a partir das manifestações ocorridas em 2013. No clamor ainda confuso das ruas, propôs-se, no meu entender, uma alteração do modelo de desenvolvimento do país. O modelo de consumo apoiado no automóvel que se expandiu descontroladamente nos anos 2000 sob o impulso da prosperidade das commodities revelou-se insustentável socioambientalmente. Clamou-se para uma reformulação do sistema urbano que priorizasse o transporte coletivo e o uso racional e social do espaço, assim como para que o Estado melhore a prestação de serviços públicos tais como a educação e a saúde. Essas manifestações revelam que há uma demanda de importantes segmentos da sociedade brasileira, principalmente os mais jovens, para alterar a trajetória de desenvolvimento dominante e torná-la social, ambiental e economicamente sustentável. ■

LEIA MAIS...

— *Quatro décadas de crise energética e a falta de um planejamento eficiente.* Entrevista especial com André Tosi Furtado publicada nas **Notícias do Dia**, de 22-10-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1ooE29G>.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

WWW

ihu.unisinos.br



unisinos.br/blogs/ihu



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

A Rússia Movimenta mais uma Peça

Por Gabriel Adam

“**N**os últimos meses Moscou procurou dar as cartas no conflito sírio, o que tem lhe concedido um protagonismo no Oriente Médio inimaginável uma década atrás. As manobras estratégicas russas neste jogo de grandes potências são tanto bem planejadas quanto surpreendentes. A última cartada inesperada foi a retirada de suas tropas da Síria, anunciada em 14 de março de 2016”, escreve Gabriel Adam.

Gabriel Adam é formado em Ciências Jurídicas e Sociais, possui mestrado em Relações Internacionais e doutorado em Ciência Política. É professor dos cursos de Relações Internacionais e Direito na Unisinos.

Eis o artigo.

O retorno da Federação Russa como participante de peso no sistema internacional era o principal objetivo em termos de política externa de Vladimir Putin desde que assumiu seu primeiro mandato como Presidente do país, no ano 2000. Ao longo destes 16 anos, nos quais Putin atuou 12 deles como Presidente (2000 a 2008 e desde 2012) e quatro no cargo de Primeiro-Ministro (2008 a 2012), sempre com Sergei Lavrov como seu ministro das Relações Exteriores, tal meta vem sendo alcançada de forma paulatina e constante. A crescente assertividade de Moscou na política internacional pode ser verificada em duas crises internacionais, a ucraniana, fomentada a partir de um golpe de Estado ocorrido em 2014 e, especialmente, a guerra civil síria, cuja origem pode ser largamente debitada no interesse de Washington de derrubar o governo de Bashar Al-Assad por questões de cunho geopolítico (ainda que Assad seja um ditador, o discurso pró-democracia das potências ocidentais é cortina de fumaça ocidental para justificar seus atos de hegemonia).

A defesa russa do regime sírio contra uma intervenção externa ocorre desde 2011 e se pautou na maior parte do tempo por uma postura reativa às ações da tríade Washington-Paris-Londres. Contudo, nos últimos meses Moscou tentou dar as cartas no conflito sírio, concedendo um protagonismo no Oriente Médio inimaginável uma década atrás. As manobras estratégicas russas neste jogo de grandes potências são tanto bem planejadas quanto surpreendentes. A última cartada inesperada foi a retirada de suas tropas da Síria, anunciada em 14 de março de 2016. Para compreender o

inesperado gesto do Governo Putin, é necessário antes verificar as razões que levaram os russos a intervirem militarmente em tal conflito.

Os interesses russos na manutenção de Al-Assad no poder possuem conotações geopolíticas, econômicas e históricas. A presença russa no Oriente Médio remonta ao Império Russo e à disputa com o Império Britânico por influência na antiga Pérsia e na Ásia Central. Após o final da URSS o papel russo na região diminuiu, sendo convicção do Governo Putin a necessidade de retomá-lo. Especificamente no tocante à Síria, a ligação entre os governos da família Assad e de Moscou remonta à Guerra Fria e tem se mantido sólida desde então. Do ponto de vista econômico, a Síria não é exportadora de gás natural ou petróleo, mas possui costa no Mediterrâneo, o que a torna potencial rota de exportação destes recursos para a Europa. Em termos de segurança, a Rússia possui em território sírio duas bases navais (Tartus e Latakia), as quais cairiam nas mãos da OTAN caso um regime pró-Occidente venha a assumir o governo da Síria. Por fim, a estabilidade do Oriente Médio é de interesse da Rússia, pois ela faz fronteira com a região e detém significativo contingente de muçulmanos em sua população.

Às razões que impulsionam os atos russos a apoiar o regime de Bashar Al-Assad se somou o surgimento do Estado Islâmico e seu avanço sobre o território sírio desde 2014. As seguidas conquistas territoriais do grupo serviram de justificativa para uma intervenção militar unilateral por parte dos Estados Unidos e seus aliados. Todavia, tais incursões se mostraram inefica-



As manobras estratégicas russas neste jogo de grandes potências são tanto bem planejadas quanto surpreendentes.

zes e invariavelmente atingiam alvos do governo sírio. Diante do novo quadro, segundo Moscou, o Presidente Bashar Al-Assad solicitou apoio militar direto. Assim, em 30 de setembro de 2015, de forma relativamente inesperada, a força aérea russa começou suas investidas contra o Estado Islâmico. Segundo dados russos, até 14 de março de 2016 foram mais de 9.000 ataques aéreos numa área de mais de 1.500 km. Entre os alvos atingidos com sucesso estavam estruturas ilegais de transporte e refino de petróleo (cuja venda no mercado negro financia o grupo extremista).

Com esta ofensiva, o Estado islâmico foi obrigado a liberar 400 áreas com população síria e perdeu mais de 10.000 km de território (SPUTNIK NEWS, 2016). Em meio à campanha militar, um cessar-fogo foi negociado por Moscou e Washington e teve início em 26 de fevereiro de 2016. A conjunção destes fatores levou Putin a declarar que por hora o “trabalho estava feito”, justificativa oficial para a retirada de grande parte das forças russas da Síria. Na medida em que o Estado Islâmico não foi inteiramente derrotado no país e que a guerra civil ainda está em curso, vale indagar acerca dos motivos por trás da ação russa.

Em primeiro lugar, o fato de ter agido na Síria por demanda oficial do mandatário do país confere legitimidade à intervenção russa, assim como sua saída aparentemente negociada entre Moscou e Damasco fortalece o respeito aos primados do direito internacional público. Assim agindo, a Rússia projeta perante a opinião pública mundial e os países do Oriente Médio a imagem de uma potência que respeita a soberania alheia. Com isto ela procura se diferenciar das

potências ocidentais, que historicamente agem de modo unilateral e impositivo na região. Logo, a Rússia seria uma potência confiável, pois ao solicitar sua ajuda, em tese, um Estado não estaria atraindo uma intervenção permanente em seu território. Ademais, ao apoiar Damasco, Moscou confirma lealdade a um país aliado, mas sem que isto represente a subjugação plena do mesmo. Ainda no campo do direito internacional, a posição russa de que a guerra civil síria deve ser resolvida fundamentalmente por negociação entre os grupos sírios, ainda que com mediação de terceiros, é reforçada com a sua saída, pois se há um cessar-fogo em curso e a ameaça vinda do principal inimigo externo (o Estado Islâmico) foi severamente diminuída, estaria aberta a via da resolução interna do conflito. Neste quadro, uma intervenção externa direta poderia atrapalhar o processo, além de ser vista como uma ingerência indevida na soberania síria.

Claro que há a perspectiva de um cenário de agravamento da crise, recrudescimento do Estado Islâmico e novas investidas ocidentais. Para o caso de ter que enfrentar tal conjuntura, Moscou manteve duas bases aéreas no território sírio. Saindo do campo jurídico e ingressando no aspecto militar, a Rússia demonstrou aos países do Oriente Médio e às potências ocidentais que já reúne capacidade de intervir na região, o que a torna um ator a ser considerado no complexo jogo que lá se desenvolve. Por fim, ao planejar e negociar o fim da sua ação armada na Síria, Moscou indica que não é dada a se meter em intervenções custosas e sem fim que se tornam verdadeiros atoleiros, como os Estados Unidos costumam fazer desde o Vietnã.

Expediente

Coordenador do curso: Prof. MS. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

PUBLICAÇÕES

Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação

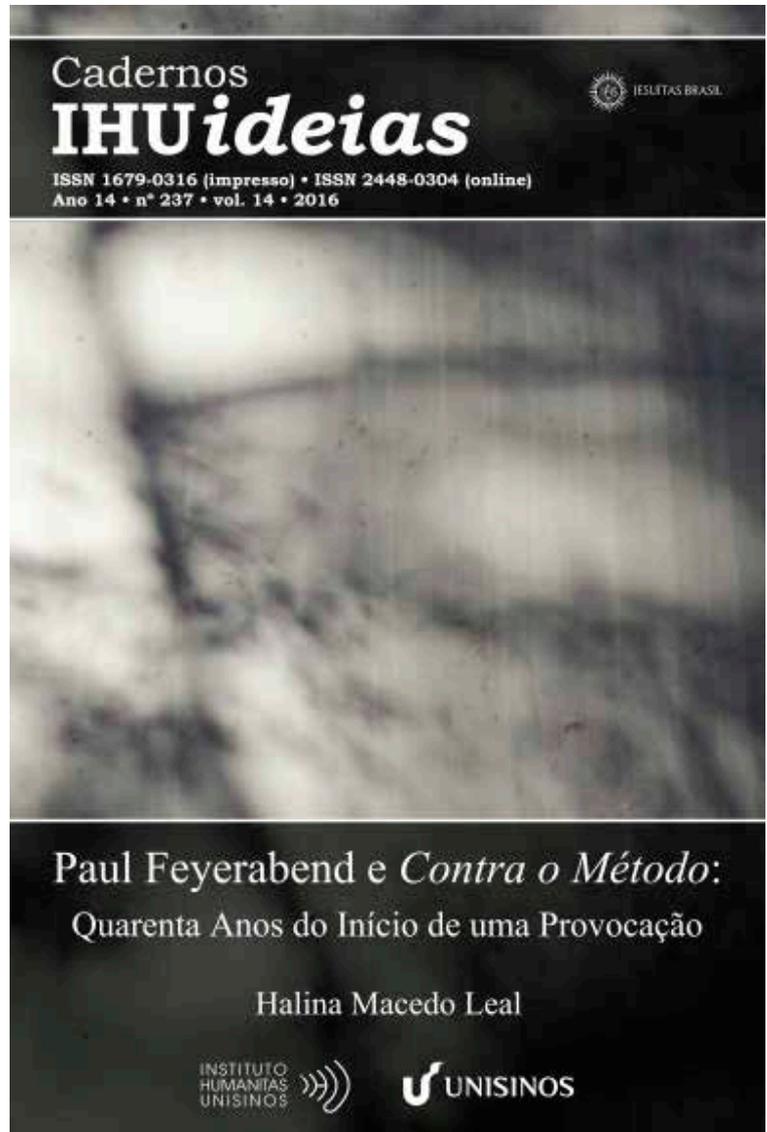
Na sua 237ª edição, *Cadernos IHU ideias* publica o artigo Halina Macedo Leal sobre o pensamento de Paul Feyerabend.

A obra *Contra o Método*, de Paul Feyerabend, é um marco nas reflexões da Filosofia e História das Ciências. Nela, o autor critica a defesa de um modelo racional universalista para a ciência e revela novos possíveis caminhos de interação de padrões abstratos com a multiplicidade da prática científica. No decorrer das três edições do texto, Feyerabend lapida sua crítica e molda sua própria visão de ciência e racionalidade. No artigo, Leal faz a comparação da primeira com a terceira edição de *Contra o Método*, apresentando modificações formais no texto assim como o reflexo destas modificações no contexto argumentativo da obra. O objetivo é mostrar a atualidade do texto feyerabendiano, mesmo depois de quarenta anos de sua primeira publicação.

O artigo em PDF está disponível em <http://bit.ly/1qmx5b0>.

Esta e outras edições dos *Cadernos IHU ideias* podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213.



Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Hegel. A tradução da história pela razão

Edição 430 - Ano XIII-21.10.2013

Disponível em <http://bit.ly/1ZR6rTC>

A filosofia da história de Hegel, que busca encontrar a razão nos acontecimentos, levanta importantes discussões sobre os estados nacionais e a liberdade humana. Para evidenciar a sua atualidade, essa edição da revista IHU On-Line convidou pesquisadores para debater a atualidade de Hegel na contemporaneidade.



Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel

Edição 261 - Ano VIII -09.06.2008

Disponível em <http://bit.ly/1Y4dFCd>

Na sexta-feira, 6 de junho de 2008, o filósofo gaúcho Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, recebeu o título de professor emérito da Unisinos. É com imensa satisfação que a revista IHU On-Line se associa a este reconhecimento público da obra filosófica deste professor do PPG de Filosofia da Unisinos que muito contribuiu, sempre com muita solicitude e profissionalismo, nos eventos e nas publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, dedicando-lhe o tema de capa desta edição.



Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007

Edição 217 - Ano VII - 30.04.2007

Disponível em <http://bit.ly/1VYDlIlg>

Em 1807, Georg Wilhelm Friedrich Hegel publicava a Fenomenologia do espírito. Para avaliar a importância dessa obra 200 anos após seu lançamento, esta edição traz estudiosos de Hegel. Entre eles: José Henrique Santos, ex-reitor da UFMG; Walter Jaeschke, diretor do Hegel-Archiv, na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha; Pierre-Jean Labarrière, do Centro Sèvres de Paris e Eduardo Luft, professor de filosofia da PUC-RS. Outros entrevistados são Carlos Roberto Velho Cirne Lima, um dos maiores estudiosos e especialistas brasileiros de Hegel, professor do PPG em Filosofia da Unisinos; Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, reitor da Unisinos, e Paulo Gaspar de Meneses, tradutor da Fenomenologia do espírito para a língua portuguesa.





MS Paulo Fernando Pizá Teixeira

Desigualdades, economia e saúde: o papel do SUS no Brasil

O evento será realizado no dia 07-04-2016, às 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Desenvolvimento econômico, heterogeneidade estrutural e distribuição de renda no Brasil no pensamento de Celso Furtado



Prof. Dr. André Furtado (UNICAMP)

12 de abril (terça-feira) | 19h30

Informações e inscrições: ihu.unisinos.br

ECONOMIA BRASILEIRA:
Onde estamos e para onde vamos?
Um debate com os intérpretes do Brasil

O evento será realizado no dia 12-04-2016, às 19h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Mesa-redonda sobre a Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU realiza duas edições da *Mesa-redonda sobre a Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco, Sobre o cuidado da casa comum, e suas contribuições ao enfrentamento da crise ambiental*. Os eventos ocorrem nos dias 8 e 13 de abril e são abertos ao público em geral.

Mais informações em <http://bit.ly/1Qqr716>.



Laudato si'

Sobre o cuidado da casa comum



ihu.unisinos.br



bit.ly/iuon



twitter.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



medium.com/@_ihu